



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ROSILENE CASSIANO SILVA ALVES DE LIMA**

**NARRATIVA VISUAL: TERRA, TRABALHO E  
MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
ÉTNICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILO**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2020**

**ROSILENE CASSIANO SILVA ALVES DE LIMA**

**NARRATIVA VISUAL: TERRA, TRABALHO E  
MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
ÉTNICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande – PB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História, na **Linha de Pesquisa:** Cultura, Poder e Identidades.

**Orientador:** Prof. Dr. João Marcos Leitão Santos

**CAMPINA GRANDE – PB  
2020**

L732n

Lima, Rosilene Cassiano Silva Alves de.

Narrativa visual: terra, trabalho e memória na construção da identidade étnica da comunidade Quilombola Grilo. / Rosilene Cassiano Silva Alves de Lima. – Campina Grande, 2020.

195 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2020.

"Orientação: Prof. Dr. João Marcos Leitão Santos".

Referências.

1. Território Quilombola. 2. Fotoetnografia - comunidade Quilombola. 3. Comunidade Quilombola Grilo. I. Santos, João Marcos Leitão. II. Título.

CDU 316.334.55(043)

**ROSILENE CASSIANO SILVA ALVES DE LIMA**

**NARRATIVA VISUAL: TERRA, TRABALHO E  
MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
ÉTNICA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA GRILO**

**Data da Aprovação:** \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

**Professor Doutor João Marcos Leitão Santos – PPGH/UFCG  
Orientador**

---

**Professor Doutor José Pereira de Sousa Júnior – PPGH/UFCG  
Examinador Interno**

---

**Professor Doutor Matusalém Alves Oliveira – CEDUC/UFCG  
Examinador Externo**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2020**

Agradeço,

À Deus por guiar-me e ser minha fortaleza;  
As pessoas do Grilo, que me receberam em um abraço acolhedor.

Aos meus pais, especialmente minha mãe, por quem sou;  
Ao Prof. Dr. João Marcos, orientador dos estudos, por aquilo que aprendi, por ter acreditado neste trabalho e o tempo que me dedicou na perspectiva de chegarmos a esse resultado;

Ao casal Elias e Riva, que acolheram-me como se fosse da família, não há nada no mundo que pague o que fizeram por mim;

À Valmir, pela parceria, pelas vivências no Grilo, alegrias, os momentos e contribuições preciosas ao longo desta pesquisa;

À D. Cícera, pela benção nessa caminhada, grata pelo seu saber;

À Magna, pelo cuidado e por ensinar-me a disciplina que me faltava;

À Fátima pela força e o carinho;

Ao casal Nadja e Lúcio, pela acolhida e atenção;

À Ary, pela paciência, o cuidar e estar em mais uma fase da minha vida;

Ao Programa de Pós-Graduação em História, seus funcionários e coordenadores, pelo apoio em todos os momentos;

Aos professores do mestrado pelo compartilhamento de conhecimento e compreensão nos momentos mais difíceis;

Aos professores Dr. José Pereira de Sousa Júnior e Dr. Matusalém Alves Oliveira que compuseram a banca examinadora que, de forma singular, contribuíram para finalização deste trabalho com sugestões e observações no momento da defesa;

À Capes, pelo investimento e suporte a pesquisa; e aos amigos, pela ajuda, escuta, pelos momentos compartilhados, pelos cafés com amizade sincera e vibrações de que tudo iria dar certo.

O conhecimento das imagens, de sua origem, suas leis é uma das chaves de nosso tempo. [...] É o meio também de julgar o passado com olhos novos e pedir-lhe esclarecimentos condizentes com nossas preocupações presentes, refazendo uma vez mais a história à nossa medida, como é o direito e dever de cada geração.

Pierre Francastel

## RESUMO

A Fotoetnografia é o uso da fotografia enquanto forma de narrativa etnográfica. Nesta pesquisa, trata-se de uma narrativa histórico-sociocultural com fotografias da comunidade quilombola rural Grilo, na cidade de Riachão do Bacamarte – PB. Esta comunidade apresenta ancestralidade negra, compartilha de um mesmo território e de uma mesma cultura, e desde 2006, com o reconhecimento de comunidade remanescente de quilombo estar construindo a sua identidade étnica quilombola. A Fotoetnografia, originária da Antropologia (Antropologia Visual), vem sendo empregada nas mais diversas áreas do conhecimento no âmbito das ciências humanas e sociais. Esta metodologia consiste no estudo do sujeito diretamente na realidade onde ele se insere. O objetivo desta pesquisa é o de apresentar a Fotoetnografia Histórico – sociocultural desta comunidade quilombola através de uma narração com imagens fotográfica. A fotografia, enquanto recurso visual permite apresentar a comunidade em diferentes perspectivas do seu cotidiano. As fotografias foram produzidas durante o semestre de 2016 a 2018 na comunidade, onde se procurou conviver próximo aos interlocutores/as quilombolas Grilo em seus afazeres do dia a dia. O tempo prolongado de vivência na comunidade contribuiu decisivamente para o resultado das imagens e prática de campo. A Fotoetnografia método proposto por (ACHUTTI, 2004), baseia-se numa sequência lógica do fenômeno estudado. No caso desta investigação, propomos uma adaptação do método para uma narrativa Fotoetnografia histórico-sociocultural com fotografias produzidas no Grilo junto aos interlocutores da pesquisa. Nossa ação teve como objetivos dar visibilidade as práticas socioculturais das pessoas que vivem na comunidade quilombola Grilo, um espaço de ancestralidade, ruralidade e patrimônio cultural na dimensão paisagística e imaterial. E demonstrar o potencial narrativo das imagens fotográficas no campo das Ciências Humanas (História). Desse modo, as narrativas textuais foram desenvolvidas com observações subjetivas (e por vezes poéticas) que, normalmente, não são reveladas, em produções científicas, porém necessárias por se aproximar do texto imagético. As fotografias expostas, os textos escritos nesta dissertação procuram compor um todo, ou seja, uma narrativa coerente sobre a etnografia histórico-sociocultural da comunidade quilombola estudada. Valoriza-se, deste modo, o caráter de descrição visual inerente à fotografia, especialmente, enquanto de apreensão de uma dada realidade. Com a narração fotográfica busca-se mostrar que é possível fazer uso da fotografia para tratar de temas relacionados a grupos sociais e sua cultura, visto que tais imagens compõem elementos da narrativa visual para subsidiar análise acerca de vários aspectos como: históricos, ambientais, políticos e sociocultural das comunidades quilombolas. As imagens fotográficas selecionadas superam o aspecto meramente de ilustração adquirindo autonomia sem se sobrepor ao texto escrito, com funções de registro e memória para se firmar enquanto ferramenta de investigação e produção de conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Fotoetnografia. Comunidade Remanescente Quilombola Grilo. Narrativa Visual. Memória

## ABSTRACT

Photoethnography is the use of photography as a form of narrative ethnographic. This research is a historical-sociocultural narrative with photographs of the rural quilombola community Grilo, in the city of Riachão do Bacamarte - PB. This community has black ancestry, shares the same territory and the same culture, and since 2006, with community recognition remnant of quilombo is constructing its quilombola ethnic identity. A photoethnography, originating from Anthropology (Visual Anthropology), has been employed in the most diverse areas of knowledge in the field of human and social sciences. This methodology consists in the study of the subject directly in the reality where it inserts itself. The objective of this research is to present the Historical - sociocultural Photoethnography of this quilombola community through a narration with photographic images. Photography as a visual resource allows the community to present different perspectives of their daily lives. The photographs were produced during the semester between 2016 and 2018 in the community, where we sought to live close to quilombolas interlocutors in their day to day chores. The longtime of living in the community contributed decisively to the results of the images and field practice. Photoethnography, method proposed by (ACHUTTI, 2004), is based in a logical sequence of the phenomenon studied. In the case of this research, we propose an adaptation of the method to a narrative Historical-sociocultural photoethnography with photographs produced in the Grilo with the research interlocutors. Our purpose was to give visibility to the socio-cultural practices of the people living in the community Quilombola Grilo, a space of ancestry, rurality and patrimony cultural dimension in the landscape and immaterial dimension. And demonstrate the narrative potential of photographic images in the field of Human Sciences (History). In this way, the textual narratives were developed with subjective (and sometimes poetic) observations that are usually not revealed in scientific productions, but necessary for approaching textual imagery. The exposed photographs and texts written in this dissertation seek to compose a whole, that is, a coherent narrative on the historical-sociocultural ethnography of the quilombola community studied. In this way, the character of the visual description inherent in photography is valued, especially as the apprehension of a given reality. With the photographic narration it is tried to show that it is possible to make use of photography to deal with subjects related to social groups and their culture, since such images make up elements of the visual narrative to subsidize analysis about several aspects such as: historical, environmental, political and socio-cultural characteristics of the quilombola communities. The photographic images selected surpass the merely picturing aspect by acquiring autonomy without overlapping the written text, with registration and memory functions to establish itself as a tool for research and production of knowledge.

**KEY-WORDS:** Identity. Photoethnography. Remaining Quilombola Community Grilo. Visual Narrative. Memory



## LISTA DE IMAGEM

Imagem 1. Mapa com distribuição atual dos quilombos no estado da Paraíba. Crédito AACADE .....	48
Imagem 2. Montagem com fotografias do nome da Comunidade Grilo. Crédito da pesquisadora .....	94
Imagem 3, 4 e 5. Território do Grilo via satélite do. Crédito: Google digital landsat.....	96

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1. Chegada núcleo central do Grilo. Caminho aberto por iniciativa de Paquinha, em 2012. Acervo da autora.....	19
Fotografia 2. Grilo Visto de baixo. No topo do rochedo fica o núcleo central da comunidade. Acervo da autora.....	33
Fotografia 3. Placa sinalizando entrada à esquerda para o quilombo Grilo, colocada em 2018. Acervo da autora.....	35
Fotografia 4. Subida de carro pela estrada que leva ao Grilo. Acervo da autora .....	36
Fotografias 5, 6 e 7. Primeiras imagens vistas da paisagem ao adentrar no Grilo. Acervo da autora .....	37
Fotografias 8, 9 e 10. Entardecer. Casas e caminhos para chegar ao Grilo de Baixo. Acervo da autora .....	39
Fotografias 11, 12, 13, 14 e 15. Prancha fotográfica 1 - composição visual apresentando intervenções antrópicas na paisagem do Grilo. Acervo da autora.....	40
Fotografias 16 e 17. Elementos naturais e transformação da paisagem. Acervo da autora.....	41
Fotografia 18. Afloramentos rochosos.....	42
Fotografia 19 e 20. Vista parcial do núcleo central do Grilo. Vista panorâmica da comunidade. Acervo da autora.....	43
Fotografia 21, 22 e 23. Associação dos moradores. Escola de Ensino Fundamental Manoel Cândido Tenório. Igreja Católica Nossa Senhora Aparecida. Acervo da autora .....	44
Fotografia 24. Vista Parcial do Grilo de Baixo. Acervo da autora .....	30
Fotografia 25. Descida que Dona Maria de Lurdes faz para visitar parentes no Grilo de Baixo. Acervo da autora.....	47
Fotografia 26. Foto editada pela autora da pesquisa. "Gafanhoto" (representação do inseto grilo) numa folha de jerimum. Acervo da autora .....	49
Fotografia 27. Dona Maria de Lurdes liderando grupo de mulheres cirandeiras do Grilo, em evento na escola estadual de ensino fundamental Irmã Stefany.....	50
Fotografia 28. Dona Maria de Lurdes falando sobre a comunidade e sua história ao lado do prof. João Tavares, em evento na escola estadual de ensino fundamental Irmã Stefany. Acervo da autora .....	52
Fotografias 29, 30, 31 e 32. Mulheres do Grilo pegando água no poço que abastece a comunidade. Acervo da autora .....	54

Fotografias 33, 34 e 35. Homens pegando água no poço do Grilo de Baixo. Créditos da foto 33: Valmir Pereira. Do acervo da autora: fotos 34 e 35.....	56
Fotografia 36. Dona Palú moradora do Grilo de Baixo retornando para casa com o balde d'água na cabeça. Acervo da autora .....	57
Fotografia 37. Vista do caminho aberto pela liderança da comunidade Paquinha. Acervo da autora .....	61
Fotografias 38 e 39. Indo-caminho do Grilo de Cima em dia de chuva. Acervo da autora .....	62
Fotografia 40. Conversa com Paquinha liderança do Grilo de Cima na Associação dos Moradores Quilombolas. Acervo da autora.....	64
Fotografias 41, 42 e 43. Representação visual do relato de Paquinha sobre a retirada das pedras do caminho do Grilo. Acervo da autora .....	65
Fotografia 44. Acesso ao Grilo de Cima - chegando - pelo caminho aberto pela Paquinha. Acervo da autora.....	66
Fotografia 45. Paquinha descendo uma trilha que leva aos roçados. Acervo da autora.....	68
Fotografia 46. Caminho transformando-se em estrada 1. Pavimentação iniciada em 2018. Acervo da autora.....	69
Fotografia 47. Descida pela estrada pavimentada do Grilo de Cima. Acervo da autora.....	71
Fotografias 48 e 49. Caminho transformando-se em estrada 2. Vista lateral da casa de D. Maria de Lurdes. Acervo da autora .....	72
Fotografia 50. Casa da Mulher quilombola. Criada em 2019 para realizar oficinas com atividades de geração de renda para as mulheres. Acervo da autora.....	74
Fotografias 51, 52, 53 e 54. Registros imagéticos de ações desenvolvidas no campo da pesquisa. Acervo da autora .....	75
Fotografias 55, 56, 57, 58 e 59. Prancha fotográfica 2 - Escritos e imagens dos diários de campo da pesquisadora. Acervo da autora .....	87
Fotografias 60 e 61. Caminhos que levam ao Grilo. Acervo da autora.....	97
Fotografias 62 e 63. Entrada entre as pedras que levam ao Grilo. Acervo da autora.....	98
Fotografias 64 e 65. Peculiaridades do lugar. Primeiras imagens da paisagem antes de chegar à parte central do Grilo. Acervo da autora.....	99
Fotografias 66 e 67. O lugar. Sobre terreno rochoso. Interação de elementos naturais e ação antrópica. Acervo da autora .....	100
Fotografias 68 e 69. Núcleo Central. Chegada ao Grilo de Cima. Acervo da autora.....	101
Fotografias 70 e 71. Vista das residências do núcleo central do Grilo, principal tronco familiar: casas de Paquinha, Marcelo, Elias, D. Lurdes ao fundo, casa grande onde morava D.	

Dôra (a matriarca que morreu em 2012), José Tenório. Acervo da autora.....	102
Fotografias 72 e 73. Imagens da Associação dos moradores, Igreja Católica, escola de ensino fundamental por trás da igreja e a casa de D. Pituca. Atravessando o terreiro D. Lurdes segurando um balde passando entre as casas da matriarca Dona Dôra (in memoriam) e seu irmão José. Acervo da autora.....	103
Fotografias 74 e 75. Vista do caminho que atravessa o núcleo central do Grilo. Observa-se a frente da casa de D. Lurdes. Acervo da autora.....	104
Fotografias 76 e 77. Trilhas e roçados que conduzem ao Grilo de Baixo. Acervo da autora.	106
Fotografias 78 e 79. Vista parcial do Grilo de Baixo. Grilo de Baixo e algumas residências observadas de “baixo”. Acervo da autora.....	107
Fotografias 80 e 81. Por do sol no Grilo de Baixo. Acervo da autora.....	108
Fotografias 82 e 83. Coroa de frade em flor e Bromélia entre as rochas. Acervo da autora..	110
Fotografias 84 e 85. Afloramentos rochosos abrigam espécies peculiares da região, xique-xique e agave. Acervo da autora.....	111
Fotografias 86 e 87. Paredão rochoso e macambira. Acervo da autora.....	112
Fotografia 88. Paquinha segura com serenidade o título de imissão de posse entregue em março de 2016, referente à desapropriação de terras para o quilombo Grilo. Imagem cedida para esta pesquisa. Acervo de Valmir Pereira.....	114
Fotografias 89 e 90. Vista parcial dos roçados do Grilo de Cima. Acervo da autora.....	115
Fotografias 91. Paquinha trilhando até o roçado. Acervo da autora.....	116
Fotografia 92 e 93. Paquinha preparando a terra para receber as sementes de pepino. Acervo da autora.....	117
Fotografias 94 e 95. Paquinha semeando. Acervo da autora.....	118
Fotografias 96 e 97. Paquinha finalizando a semeadura. Acervo da autora.....	119
Fotografias 98. Expressão, sorriso e olhar de admiração ao notar a beleza do roçado da sua irmã Aquelina Tenório, conhecida como Kelly. Acervo da autora.....	120
Fotografias 99. Prancha fotográfica 3. Flores da roça - coentro, quiabo, jerimum, pimenta, maracujá, berinjela, feijão e melão. Acervo da autora.....	121
Fotografias 100. Paquinha fazendo uma “mói” de coentro para vender. Acervo da autora ...	123
Fotografias 101 e 102. Paquinha colhendo coentro. Acervo da autora.....	124
Fotografias 103 e 104. Os irmãos Tenório Márcio e Marcelo (filhos de Paquinha) colhendo feijão. Acervo da autora.....	125
Fotografia 105. Márcio Tenório entre os mandacarus colhendo feijão. Acervo da autora.....	126
Fotografia 106. Pausa na colheita: Marcelo cantava uma música da dupla sertaneja Leandro e	

Leonardo enquanto trabalhava. Acervo da autora .....	127
Fotografia 107 e 108. Esposo de Paquinha sempre muito calado colhendo feijão entre o milharal. Acervo da autora.....	128
Fotografia 109 e 110. Paquinha exibindo repolho e berinjela os “frutos” do seu trabalho. Acervo da autora.....	129
Fotografia 111. Presentes da roça. Acervo da autora.....	130
Fotografia 112 e 113. Seu Elias e seu filho Eduardo carregando o jumento para transportar o feijão colhido. Acervo da autora.....	132
Fotografia 114 e 115. O jumento carregado com feijão colhido no roçado chega ao local onde será estendido para secar. Acervo da autora .....	133
Fotografia 116 e 117. O feijão colhido no roçado é colocado no solo rochoso em frente à igreja do Grilo para secar. Acervo da autora .....	134
Fotografia 118 e 119. Aquelina Tenório (Kelly), e seu filho carregando uma “trouxa” de pano cheia de feijão colhido no seu roçado. Acervo da autora .....	135
Fotografia 120 e 121. Crianças ajudam a bater o feijão. Diogo e Lúcio com varas de madeira e movimentos sincronizados. Acervo da autora .....	136
Fotografia 122 e 123. Seu Elias, Eduardo e Márcio preparando-se para bater o feijão. Acervo da autora .....	137
Fotografia 124 e 125. Dona Pituca recolhendo o feijão do solo para seus filhos baterem. Acervo da autora.....	138
Fotografia 126 e 127. Carlinda dos Santos conferindo as vagens secas de feijão batido para não deixar grãos nas cascas e seu esposo Jose Tenório catando os grãos retirando as pedras e outras impurezas. Acervo da autora.....	139
Fotografia 128 e 129. Josefa Tenório esposa de seu Elias peneirando/limpando os grãos de feijão. Acervo da autora.....	140
Fotografia 130, 131 e 132. Dona Josefa aproveitando o vento a seu favor para limpar e retirar restos de palha do feijão. Acervo da autora .....	141
Fotografia 133. Compromisso: mãos de paquinha limpando sua aliança de casamento suja de barro. Acervo da autora .....	143
Fotografia 134 e 135. Dona Lurdes louceira do Grilo no local onde “brota” o barro para transformá-lo. Acervo da autora .....	144
Fotografia 136 e 137. Dona Lurdes colocando na lata o barro que será trabalhado pelas suas mãos. Acervo da autora .....	145
Fotografia 138 e 139. Retornando com o barro a sobrinha de D. Lurdes Rejane Tenório	

carrega a lata com o barro evitando que sua tia carregue o peso. Acervo da autora .....	146
Fotografia 140. Mãos de Dona Lurdes umedecem, aquecem para transformar o barro. Na vasilha algumas ferramentas rústicas que ela usa para dar acabamento nas “loiças”. Acervo da autora .....	147
Fotografia 141. Ferramentas que gente cria. Acervo da autora .....	148
Fotografia 142 e 143. Mãos que amassam o barro para dar mais plasticidade. Acervo da autora .....	149
Fotografia 144 e 145. Paquinha moldando e usando “paieta”/palheta para alisar a peça de barro. Acervo da autora .....	150
Fotografia 146 e 147. As irmãs Tenório criando e modelando suas peças de barro. Acervo da autora .....	151
Fotografia 148. Depois de moldar sua peça de barro Dona Lurdes retira resquícios do barro das unhas. Acervo da autora .....	152
Fotografia 149. Será a continuação de um conhecimento ancestral? Rejane Tenório sobrinha de Dona Lurdes e Paquinha tentando moldar sua peça de barro. Acervo da autora.....	153
Fotografia 150. Neta de Paquinha faz bolinhas de barro. Será a continuação de um conhecimento ancestral? Acervo da autora .....	154
Fotografia 151. A plasticidade do barro entre as mãos negras que moldam. Para chegar a este ponto muitos movimentos são necessários para fazer que o imaginário de uma artesã seja moldado. Acervo da autora.....	155
Fotografia 152. Flores na janela. Cultivando um sentido. Acervo da autora .....	157
Fotografia 153. Para os afazeres domésticos, sem água encanada Dona Lurdes carrega água no balde demonstrando a mulher de força e resistência. Acervo da autora.....	158
Fotografia 154. Com um sorriso vamos buscar água. Judite moradora do Grilo de Baixo pegando água do poço. Acervo da autora .....	159
Fotografia 155 e 156. Dia de sol forte é bom para lavar roupas. Clarice Tenório lava suas roupas no alto do lajedo. Acervo da autora .....	160
Fotografia 157 e 158. Um registro feliz de quem lava e bate as roupas na pedra. Acervo da autora .....	161
Fotografia 159 e 160. Ainda se ver no Grilo colocar roupas nas pedras, ao sol, para secar. Acervo da autora.....	162
Fotografia 161 e 162. Corre menina! Aproveita o sol para estender as roupas. Acervo da autora .....	163
Fotografia 163 e 164. Varal em cores. Acervo da autora.....	164

Fotografia 165 e 166. Regina Tenório e Dona Pituca deixando o quintal limpinho com suas vassouras de mato. Acervo da autora.....	165
Fotografia 167 e 168. As jovens Hosana e Massilene Tenório debulhando e catando feijão para o almoço da família. Acervo da autora .....	166
Fotografia 169 e 170. Bora, almoçar? Seja no fogão à gás ou à lenha sempre tem comidinhas boa desta cultura . Acervo da autora.....	167
Fotografia 171 e 172. O que acontece quando se tem amiga cachimbeira? Um encontro entre Dona Lurdes e sua amiga. Elas reúnem-se à tarde para dar umas baforadas no cachimbo sagrado que simboliza paz, gratidão e amizade. Acervo da autora .....	168
Fotografia 173. O corpo é arte. Dona Pituca sentada com suas mãos e linhas a bordar. Acervo da autora .....	169
Fotografia 174 e 175. Vamos ali! Não tem tempo ruim quando estamos em boa companhia. Dona Lurdes encontra-se com as amigas/parentes para caminhar entre os roçados e fazer visitas. Acervo da autora.....	170
Fotografia 176 e 177. Chegamos! Bora, conversar? Dona Lurdes e as amigas visitando familiares no Grilo de Baixo. Acervo da autora .....	171
Fotografia 178 e 179. Um cantinho bom para lazer. Aquele lugar na sombra da árvore para cantar um pouco e reunir os amigos. Acervo da autora.....	172
Fotografia 180 e 181. Seu “Zé” passa com seu cavalo e em sem seu cavalo vai embora. Acervo da autora.....	173
Fotografia 182. Cadê o povo pra brincar? Um mundo ancestral nos pés de uma criança. Acervo da autora.....	175
Fotografia 183 e 184. As crianças imitam a natureza. Assim como as cacimbas de pedra acumulam água da chuva. Represar água em piscinas de lama torna-se brincadeira favorita Acervo da autora.....	176
Fotografia 185. “Depenar” é o que a gente gosta de fazer. Coitada da galinha vira brincadeira de criança. Acervo da autora.....	177
Fotografia 186 e 187. Já que é para fotografar nós vamos te imitar. Pose para sair na foto. Acervo da autora.....	178
Fotografia 188 e 189. Cada canto do quintal convida-nos a brincar. Acervo da autora .....	179
Fotografia 190 e 191. Um barreiro. Toda criança e seus movimentos formam uma sintonia perfeita entre a alegria e o meio onde vive. Acervo da autora.....	180
Fotografia 192, 193, 194, 195, 196 e 197. Prancha fotográfica 4 - É preciso registrar para não esquecer. Acervo da autora .....	182

Fotografia 198, 199, 200, 201, 202 e 203. Prancha fotográfica 5 - Encontros, afeto e descobertas. Dividimos o mesmo chão, teto, risos e sonhos. O Grilo todinho habitando casa e coração. Acervo da autora .....	183
Fotografia 204, 205, 206, 207, 208 e 209. Prancha fotográfica 6 - Eu gosto mesmo é de pesquisar com gente que ensina-me vivendo vida real: pés descalços e mãos ativas que fotografamos para emoldurar. Acervo da autora .....	184
Fotografia 210. Honro-te por permitir dias sempre cheios de verdades, histórias e muitas memórias. Encontro com a terra, água, ar e fogo, pois das tuas mãos vi a transformação do trabalho em afeto, do barro em objeto e eu intuo em voltar, por esses reencontros. Gratidão por incentivar-me antes, por inspirar-me sempre. Acervo da autora.....	185



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Grilo um caminho à identidade.....	19
CAPÍTULO 1	
Cenário da Pesquisa: imagens de uma comunidade rural quilombola Grilo.....	33
1.1 A descoberta do lugar .....	33
1.2 O cricrilar de “grilos” na construção toponímica do lugar .....	49
1.3 Aplainei! Aplainei! Abri “caminhos”! Tirei a pedra do caminho do Grilo.....	60
1.4 E o que faz andar a estrada? É o sonho! .....	68
CAPÍTULO 2	
Diário de campo visual: traçando caminhos da pesquisa em andanças no quilombo Grilo.....	75
2.1 Grafias e imagens: do diário de campo à fotografia como recurso metodológico para a pesquisa em História.....	76
2.2 As imagens não são meras ilustrações .....	88
2.3 A Fotoetnografia e sua contribuição para o estudo histórico sociocultural de comunidades quilombolas .....	91
CAPÍTULO 3	
Narração Fotoetnográfica Histórico Sociocultural da comunidade quilombola Grilo.....	94
3.1 Território-lugar-espço: Grilo de Cima .....	95
3.2 Cantos e (re) encantos: Grilo de Baixo.....	105
3.3 Paisagem Cultural.....	109
3.4 Terra para plantar e liberdade para florir .....	113
3.5 Quem planta colhe .....	122
3.6 Tradição e cultura quilombola .....	131
3.6.1 A bata do feijão .....	131
3.6.2 Mãos Negras que moldam: da terra ao barro .....	142
3.7 Visualidades do Cotidiano .....	156
3.8 O brincar: quintal da infância .....	174
3.9 Nós e o Grilo .....	181

## CAPÍTULO 4

Considerações Finais: Clicks Finais – voltando às palavras .....	188
Referências .....	189
Referências Humanas – Interlocutores/as da Caminhada.....	189
A) Das narrativas textuais e imagéticas.....	189
B) Referências Bibliográfica .....	190
C) Anexo .....	190

## INTRODUÇÃO – GRILO: UM CAMINHO À IDENTIDADE

Fotografia: 1



Viver na comunidade significa conviver, bem mais do que em outros territórios e cenários, com a tríade fundamental à vida: a terra, a água e o trabalho (pilares da estrutura da vida rural quilombola), através de uma cultura própria, ou de diversas culturas refletidas no cotidiano quilombola. Essa conexão humano-natureza é bastante visível aos sentidos e saberes. Para compreender tal singularidade das comunidades negras rurais é que, desde 2014, no exercício de discente/pesquisadora na Universidade Federal de Campina Grande - PB, desenvolvendo pesquisas junto a comunidade quilombola Grilo, sendo esta experiência inicialmente de Pós em nível de Especialização<sup>1</sup>, acabou tomando forma dando origem ao tema desta investigação.

Durante este período realizamos os primeiros contatos com as pessoas do Grilo, nos aproximamos deste importante grupo étnico para desvendar como desenvolve suas práticas

---

<sup>1</sup> Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais com TCC intitulado: **Do Semiárido o Barro: saberes e fazeres da comunidade quilombola Grilo - PB**. Defendido em 2015, promovido pela Rede Nacional de Formação Continuada da UFCG/SECADI/MEC.

socioculturais que fortalecem as relações sociais e de parentesco na formação da identidade cultural da comunidade Grilo. Desde os primeiros contatos nos chamou a atenção os “jeitos” de lidarem com o ambiente onde vivem, e, principalmente, as suas ancestrais formas peculiares de reprodução da vida. Ressaltamos que as longas subidas até a comunidade Grilo nos fizeram refletir sobre seus modos de vidas e, por meio dessas experiências, fomos estimulados a pensar questões como, por exemplo, são articuladas as relações de reciprocidade e de trocas de saberes nas práticas cotidianas do Grilo.

Partimos dessa experiência para, o mestrado, e assumimos o desafio de aprender um pouco da cultura e do “ser quilombola”. Paulatinamente, observando a própria dinâmica da realidade através da qual a vida cotidiana acontece e, também, realizando diversas leituras acreditamos haver chegado ao **objetivo principal** da pesquisa: Compreender os modos de vida de uma comunidade negra rural quilombola circunscritos por uma territorialidade e temporalidade regidas pelas terras (para plantar, como território e base da cultura). Buscando destacar e refletir por meio de um trabalho fotoetnográfico que narre através de imagens uma etnia que se rege pelos trabalhos com a terra como base da sua estrutura sociocultural.

Assim, buscamos mapear os saberes e descrevendo-os através de uma abordagem com imagens fotográficas compondo uma narrativa visual/ou uma comunicação “diferente”. Pois, conforme o filósofo suíço, Alain de Botton (2013), “transmitir nossas experiências e ideias às vezes é difícil. As palavras muitas vezes não são suficientes”<sup>2</sup>.

Desta forma, desde a especialização os esforços de estudos históricos e etnográficos estavam intimamente vinculados à linguagem visual/imagética, à qual nesse momento procuramos usá-la como método para contar a história recente da comunidade investigada. E para isso, compomos esta dissertação procurando dar a mesma importância à linguagem escrita e à linguagem visual, no caso a fotográfica de caráter documental etnográfico. Com a linguagem escrita foi possível apresentar alguns aspectos teóricos, históricos e antropológico/etnográfico acerca das temáticas trabalhadas. Já a linguagem visual nos possibilitou empregar um método prático e fazer uma investigação social utilizando fotografias elaboradas e classificadas em campo compondo assim, uma a narrativa visual.

A partir desse método não se tinha certeza se os resultados planejados seriam os obtidos, pois ao mantermos contato profundo e verdadeiro com a realidade, num processo onde o conhecimento e os sentimentos estão intrinsicamente emaranhados, é que surgem os

---

<sup>2</sup> Cf. tese de SANCHES, Tatiana de Oliveira Amendola, *Selfie-service: uma análise das ofertas da TSOL e das obras de Alain de Botton para as demandas de um self perdido*, Campinas, SP, 2017, p. 87.

caminhos e as formas de seguirmos. Exigindo-nos uma postura ativa e reflexiva de um sujeito concreto imerso numa realidade concreta e significativa.

A utilização deste método/caminho da pesquisa se justifica pelos seguintes aspectos: que a linguagem acadêmica ajusta-se perfeitamente ao âmbito acadêmico, compreendida pelos professores universitários, discentes e pesquisadores, mas não comunica bem para o público em geral, em especial, a comunidade quilombola Grilo.

E o outro é o uso das imagens fotográficas possibilitar que pessoas simples interpretem o que eles (os grilenses) fazem da sua realidade ao se verem em seus afazeres/trabalhos cotidianos nas fotografias. Esta forma de escrita, a visual se mostra uma ferramenta que servirá para o entendimento, independente do grau de escolaridade. Permitindo observarmos as reações que tais imagens irão provocar nas pessoas fotografadas, já que elas não tiveram contato com as mesmas, ainda.

Pensamos na possibilidade dessas imagens fotográficas descortinarem a realidade do grupo social em questão, a qual geralmente passa despercebida por causa do ritmo (pressa) do mundo comum. Dito isto, se, almejamos que a ciência, a nossa pesquisa beneficie a sociedade ou determinado grupo social precisamos usar uma linguagem acessível que conecte as pessoas às ideias que queremos mostrar, e o discurso visual facilita esse processo.

Para atender este intuito, realizamos um recorte do acervo de imagens sobre a comunidade Grilo; constituindo uma narrativa visual sobre o cotidiano de alguns momentos socioculturais e que foram vivenciados pelos interlocutores grilenses. Combinando imagens e textos, ora só imagens. Sugerindo assim, uma comprovação visual da realidade, de forma que o agente social, quem pesquisa/observa, se reconheçam dentro do processo histórico.

A escolha do local para o trabalho de campo justifica-se pelo motivo de encontrar-se próximo da cidade de Campina Grande – PB, ter uma escola quilombola na comunidade e de ser um campo fértil para a pesquisa social, histórica e etnográfica. Um universo onde habitam outros universos que compõem um espaço historicamente produzido e continuamente imerso em movimentos e transformações ininterruptos, como reitera a metáfora de Heráclito de Éfeso na teoria do devir, a qual deixa claro que “não nos banhamos duas vezes no mesmo rio”<sup>3</sup>.

As coisas mudam sem cessar, e o que temos diante de nós em dado momento é diferente do que foi há pouco e do que será depois, heracliteamente, nem a pesquisador/a,

---

<sup>3</sup> Segundo Heráclito de Éfeso (c. 544-484 a. C.), filósofo pré-socrático, o mundo está em constante mudança e a melhor imagem que representa essa verdade é a de um rio: jamais as mesmas águas passam por esse rio, jamais são os mesmos os que neles se banham, jamais o dia é o mesmo. Assim, para Heráclito, “nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio”, pois na segunda vez não somos os mesmos e, ademais, as águas também mudaram. (HERÁCLITO apud ABBAGNANO, 2012, p. 579).

nem a pesquisa, nem nós, seremos os mesmos. Há uma dinâmica no tempo uma força contrária aos sentidos, e prossegue a desvendar vivências que flui em abundância no mundo, onde “a memória é o lugar onde o tempo se derrama”, (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 09).

Para este autor é uma cartografia em construção ao se narrar o passado e tentar recuperar a memória. Ainda, conforme, Seligmann Silva: “Toda história é o fruto de um entrecruzar de um determinado presente com o passado” (2005, p. 80). E nesse processo de construção da pesquisa o professor e filósofo Custódio Almeida (2007, p.28), nos faz entender que “[...] estamos no movimento incessante da vida, não existe porto seguro, mas o constante e saudável desafio de estar à deriva”, pois, quando precisamos mudamos o rumo conforme os ventos.

Desse modo, a proposta de investigar imagens do cotidiano na dimensão do trabalho na comunidade Grilo e sua relação com o lugar, com a terra, a organização social, etc. por meio de uma narração Fotoetnográfica compreendendo sua utilidade como uma linguagem visual específica na qual o/a pesquisador/a pode dispor para fazer observações experimentais de uma realidade, e dar uma dimensão maior do cotidiano, bem como, termos a possibilidade de olharmos fora-dentro, conforme Andrade (2002, p. 15). A autora nos orienta olhar o outro, em seu pedacinho de mundo, nos detalhes cuidadosos que façam o pesquisador/a, se perder no outro e investigá-lo, para além, dos aspectos da vida cotidiana, das suas interações sociais e culturais.

Na verdade, é na maneira de “olhar” o “outro” que estabelecemos a relação com nosso “objeto” de pesquisa, e experienciamos certas emoções que o “outro” nos desperta durante o contato. Fazendo-nos ter conhecimento mais aprofundado da realidade a ser pesquisada e vivida. As imagens fotográficas como suporte possibilita-nos criar uma perspectiva visual sem perder o caráter de documento, como nos aponta Ana Maria Mauad, (1995, p. 01), citando os teóricos Jacques Le Goff (1985) e Marc Bloch (s/d), “a fotografia é como uma mensagem que se elabora através do tempo, tanto como imagem/monumento quanto como imagem/documento, tanto como testemunho direto quanto como testemunho indireto do passado”.

Desta forma, o uso das fotografias pelos historiadores/as para o estudo da história é de fundamental importância, pois com a viabilidade das fontes fotográficas coloca-se em evidência o caráter de documentação histórica e como agente da história e elemento ativo nos processos históricos. E assim, sob esse novo olhar historiográfico, “[...] novos textos, tais

como a pintura, o cinema, a fotografia etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador”.<sup>4</sup>

Com essas considerações e de como a fotografia apresenta-se. Propomos que, por meio desse instrumento gerador de conhecimento de realidades ainda desconhecidas. A sociedade possa vê outras culturas e a ciência saber mais sobre elas. Permitindo assim, que a cultura quilombola seja apresentada, com suas singularidades e particularidades, através da construção de um “diálogo entre a realidade e a representação dessa realidade” (ANDRADE, 2002, p.18).

Nesse campo de potencialidades dos significados, das informações visuais, dos signos reveladores, dos pontos de vista sobre momentos narrados, das subjetividades quilombola, onde muitos eventos são registrados e tantos outros se perdem pelos caminhos (fluxo da vida), fotoetnografamos os vários movimentos (Pesquisadora - fotografa os quilombolas - no cotidiano - em comunidade), eternizando historicamente, aspectos importantes da comunidade Grilo em sua dinamicidade étnica-sociocultural.

Registrar um instante, uma comunidade em seu dia corriqueiro, as pessoas em suas atividades/trabalhos de subsistência são imagens reveladoras de seu tempo e das demandas sociais e culturais e do lugar social que elas ocupam. A romancista Clarice Lispector (1973, p.24) em sua obra “Água Viva”, elege o instante como tema onde expõe que “[...] muitos instantes se passarão antes que eu desdobre e esgote a complexidade una e rápida de um relance”. Nesse trecho, a escritora reflete sobre esse momento tão complexo que é o da escrita-leitura.

Um momento que, conforme entendemos, é impossível de ser representado, no entanto pode ser (re) produzido ou, pelo menos, provocado pelo ato de capturar um instante. E assim, constituiu-se o movimento: pesquisa, método, lugar, quilombolas, e comunidade. Foi preciso render-se ao objeto e criar sinergia do sensível, dos sentidos e da realidade que se apresentava para registrarmos.

Nesse sentido, nos reportamos ao historiador Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2003, p.6), no tocante às contribuições que surgem a partir da década de 60 para que a dimensão cultural fosse agregada à visualidade,

[...] as percepções a respeito estavam latentes desde muito antes, como testemunha a reflexão de Margaret Mead e Gregory Bateson na década de

---

<sup>4</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema In: Ciro Flamarion Cardoso; Ronaldo Vainfas (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 569.

1940 e que, infelizmente, não produziu descendência imediata. Mas, não bastava observar o visível (as cerimônias, hábitos, práticas, artefatos, contextos empíricos) e deles inferir o não-visível. Era preciso ir além, e passar do visível para o visual, inspirando uma “Antropologia do olhar”. No entanto, a formação do que hoje se chama “Antropologia Visual” se deu quando esse reconhecimento do potencial informativo das fontes visuais foi capaz de tomar consciência da sua natureza discursiva. Com isto, os objetivos desse novo campo disciplinar incluíram na produção, circulação e consumo das imagens a interação entre o observador e o observado<sup>5</sup>.

Nessa passagem, parafraseando Ulpiano, na relação fotografia e Antropologia, “Antropologia do olhar”, nós trazemos para nosso lugar de pensamento “História do olhar”, que implica na imersão do pesquisador/historiador/a no cotidiano do outro na busca do que é singular e que dá sentido a determinado grupo social no âmbito cultural, histórico e social. Por isso, a Fotoetnografia que é a fotografia aliada a etnografia mais a dimensão histórico-sociocultural propõe utilizar a fotografia como meio de mergulhar, apreender e narrar a cultura e os valores do grupo social investigado.

Dito isto, nos apoiamos nas reflexões do fotógrafo Mariano Klautau Filho (2015, p.12), “a fotografia é o movimento, uma performance entre instantes capaz de provocar a imaginação, em torno dos eventos e ações, do decorrer do tempo e do movimento.” Pedimos então a licença poética da fotografia para “eternizar os movimentos” (tempo que dura) e guardar à memória coletiva, individual, cultural e social da comunidade quilombola Grilo.

Além disso, [...] “O instante é este. O instante é de uma iminência que me tira o fôlego. O instante é em si mesmo iminente. Ao mesmo tempo que eu o vivo, lanço-me na sua passagem para outro instante” (LISPECTOR, 1973, p. 90). E assim, através de uma estratégia qualitativa, por meio da pesquisa de campo, com uma abordagem etnográfica, observação participante<sup>6</sup>, diário de campo, o uso da fotografia, entre outros, os procedimentos metodológicos foram conduzidos.

Inicialmente, realizamos um levantamento bibliográfico para dar suporte teórico à nossa pesquisa quanto a utilização das imagens fotográficas. Produzimos um acervo com referências contidas em teses, dissertações, artigos científicos, livros, revistas, entre outras publicações que abordam acerca do *ethos* deste grupo social, possibilitando a experiência deste trabalho fotoetnográfico Histórico-sociocultural.

---

<sup>5</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual**: balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo, V.23, nº 45, pp. 11-36, 2003.

<sup>6</sup> Segundo Clifford (1998, p. 20), — “a observação participante obriga seus participantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução”. Assim, foi possível desvendar o que estava oculto. Ou seja, foi possível participar das rotinas até então encobertas por uma visão etnocêntrica.



Para sustentar teórica e metodologicamente esta investigação que utiliza-se da fotografia como fonte de pesquisa em História estabelecemos um diálogo interdisciplinar com as seguintes áreas do saber: História (História Visual), Antropologia (Antropologia Visual), Psicologia, Filosofia, Semiótica, Geografia, Linguística, entre outras.

Com esta aproximação buscando informações acerca da comunidade Grilo, decidimos que queríamos o Grilo em termos visuais, a partir daí, realizamos as diversas idas à comunidade, com o intuito de buscar as visualidades sobre o objeto de pesquisa.

No tocante a Fotoetnografia nos apoiamos no método proposto por Luiz Eduardo Achutti (1997, 2004), que realizou um projeto de pesquisa científica (mestrado) na Universidade Católica de Pelotas, intitulado: “Fotografia: uma busca para um método científico de utilização da fotografia em pesquisas sociais”.

E aprofundou o conceito com o trabalho: “Fotoetnografia da Biblioteca Jardim” (Doutorado). Isto posto, observamos que apesar da prática metodológica proposta por Achutti ser interessante, constatamos que para esta investigação deveríamos adaptá-la para o interesse de descrição do grupo social nos moldes da área de conhecimento (História) à que esta investigação pertence.

Para esse trabalho, outros teóricos inspiraram a reflexão e discussão como: Meneses (2003), Banal e Fortes (2013) Andrade (2002), Mauad (1990), Kossoy (2000, 2001, 2014), Santaella (1983), Eliade (1991), entre outros. Todavia, a nossa escolha na utilização da fotografia consiste nas várias possibilidades de observação e leitura que ela nos permite fazer.

Ainda segundo, Collier Jr. (1973, p. 34), diz que “O valor da fotografia, nesta circunstância, é que ela oferece modos singulares de observar e descrever a cultura.”. É certo que, falar em Fotoetnografia ou narração etnográfica com fotografias na área de História é novo, porém sabemos dos obstáculos e receios que alguns pesquisadores/historiadores encontram em dar o devido valor e status à imagem, que não seja meramente ilustrativo. Para Ivo Canabarro (2005), “[...] a fotografia é um produto social e cabe ao historiador perceber como as imagens constituem uma certa maneira discursiva de colocar em cena questões e fragmentos da história”<sup>7</sup>. Desse modo, resolvemos colocar em prática a Fotoetnografia com o viés Histórico-Sociocultural, para demonstrar que a linguagem aqui apresentada pode abrir novos caminhos metodológicos para narrar e apreender o cotidiano de grupos sociais em estudo.

---

<sup>7</sup> Professor da UNIJUI, doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense e Universidade de Paris III. E-mail: icanabarro@yahoo.com.br. Para saber mais ver: CANABARRO, Ivo. **Fotografia, história e cultura fotográfica**: aproximações. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dezembro 2005.

Nesse sentido, não nos isentamos da influência da subjetividade<sup>8</sup> na elaboração da pesquisa “[...] O que importa é, sem ferir os padrões minimamente consensuais da atividade de pesquisa na nossa área de conhecimento, abrir espaço para investigações e trabalhos apoiados em mais liberdade, livres de certas camisas-de-força que cerceiam a criatividade” (VELHO, 2006, p.18). As imagens são instigantes. Podemos vê-las por toda parte: nos museus, nas igrejas, nas ruas, nos cinemas, nos muros, etc., mas também as imagens ocupam o mundo das ciências e o mundo comum do cotidiano. Estamos em pleno século XXI, cercados por imagens é tempo dos pesquisadores/historiadores/as refletirem sobre isso.

Dito isto, entendemos que a metodologia é o caminho daquilo que pensamos para depois colocarmos em prática na abordagem em questão. Ao buscarmos o método nos aproximamos da dinâmica do grupo social estudado e compreendemos o sentido dessas experiências da vida individual e coletiva com toda riqueza de significados.

Decidimos utilizar uma estratégia metodológica que conflui para a originalidade dessa dissertação, denominando-a de **Fotoetnografia Histórico-Sociocultural**<sup>9</sup>. Seguindo a concepção de Lênin (1965), que “o método é a alma da teoria” (p. 148). Pensamos num conjunto de fotografias que formasse uma narrativa Fotoetnográfica que possibilitasse a elaboração de uma linguagem visual utilizando-a não apenas como registro, mas rememoração e construção de textos visuais sobre o Grilo.

Numa narração Fotoetnográfica (ACHUTTI, 2004, p. 109) é necessário que se tenha fotografias em série e componha uma sequencia lógica das informações visuais que se quer passar. Nesse sentido, aceitamos o desafio e aliamos a **Etnografia** à fotografia dando-lhe um caráter de documentação histórica e científica, e ainda, aproveitamos a terminologia **Histórico-Sociocultural**<sup>10</sup> como fonte conceitual para somar-se à categoria formando a abordagem **Fotoetnografia Histórico Sociocultural** mencionada anteriormente.

---

<sup>8</sup>Cf. Kátia Maheirie, a subjetividade é uma dimensão do sujeito, assim como a objetividade que, a partir das relações vivenciadas, se faz construtora de experiências afetivas e reflexivas, capaz de produzir significados singulares e coletivos (2002, p. 31-44).

<sup>9</sup>Cf. As psicólogas Ribas e Moura, a abordagem Histórico-Sociocultural enfatiza que a atividade humana é mediada e nela tem sido investigado o desenvolvimento humano dentro das práticas culturais dos grupos, que supõem o uso de diferentes formas de mediação. A partir desta orientação, entende-se que os mediadores - instrumentos, signos, práticas culturais - são carregados de significação cultural. Importante ainda ressaltar que os mediadores são ao mesmo tempo utilizados, construídos e transformados pelo grupo cultural (2006, p. 129-138). Nas palavras de Vygotsky (1991): “a alteração provocada pelo homem sobre a natureza altera a própria natureza do homem” (p. 62).

<sup>10</sup>Adotamos esta terminologia na pesquisa por considerar mais adequada quando trata-se da perspectiva contemporânea em estudos de grupos humanos e suas interações históricas, sociais e culturais. Baseando-se nas contribuições de L. S. Vygotsky (1987, 1991). A abordagem histórico-sociocultural enfatiza que a atividade humana é mediada e nela tem sido investigado o desenvolvimento humano dentro das práticas culturais dos grupos, que supõem o uso de diferentes formas de mediação. Impulsionado pelas aprendizagens que ocorrem no meio cultural e mediadas pelos sistemas de símbolos. (VYGOTSKY, 1985, p.45).

No intuito de elaborarmos uma narrativa visual que aliada aos textos escritos, permita aprofundar e enriquecer a pesquisa científica que normalmente são apresentados na forma verbal e na forma escrita, ou a imagem como mera ilustração.

Na verdade, de acordo com Marcos Silva “Preocupa-nos a transformação do trabalho com o visual em tarefa exclusiva de alguns especialistas, sem um efetivo esforço dos historiadores em geral para integrar tais objetos às suas discussões sobre o social” (1991, p. 117-134).

Diante dessa realidade quanto ao uso das imagens nas ciências humanas e sociais e diante do levantamento bibliográfico realizado sobre o tema observou-se que a Sociologia e a Antropologia, em especial a Antropologia Visual, parece ter algumas vantagens na utilização das imagens com potencial narrativo.

Porém, poucos trabalhos nessas áreas usam imagens, nesse caso, a fotografia, de forma significativa. Ainda é um campo a ser explorado. Os pesquisadores acabam colocando à linguagem fotográfica em segundo plano, conforme observa Silva (1991), “[...] em contrapartida, algumas pesquisas acadêmicas recentes e ainda inéditas rompem com essas limitações, demonstrando possibilidades criativas de historiadores no trabalho com fontes iconográficas”.

A partir das práticas culturais, da identidade cultural, das memórias individuais e coletivas da comunidade Grilo, fomos moldando este trabalho que possibilitou-nos apreender e historiar o cotidiano impactado pelas transformações nos modos de vida e nas labutas diárias em meio às mudanças vivenciadas na comunidade quilombola, dando visibilidade (olhar e identificar o não evidenciado). Para isso, o pesquisador/historiador/a precisa de liberdade e sensibilidade para capturar os momentos mais significativos em campo e ter material para realizar uma boa abordagem Fotoetnográfica. A pesquisa nos cobra esse olhar, um olhar atencioso, cuidadoso, percebendo-nos no outro, nas pessoas que fotografamos e que convivemos durante todo período de realização da pesquisa.

No desejo de adentrar neste universo desconhecido, buscar penetrar em um emaranhado, que outros tentaram e não conseguiram, ou conseguiram, mas seguiram caminhos diversos daquele que pretendiam seguir. De satisfazer a sede de saber grandes coisas ou mesmo pequenos detalhes que outros deixaram escapar, mas que, na nossa trilha, serviram para nortear. Tornaram-se a essência da nossa inquietação. Serão, talvez, na construção do nosso conhecimento, a “luz” com a medida certa para escrever naquele espaço em branco na área das Ciências Humanas, e mais especificamente em História e, como o texto

e suas palavras em conjunto viabilizam a compreensão conferindo-lhe sentido, assim é a fotografia adotada aqui como matéria-prima para refletir e reflexionar a realidade e como é a representação desta realidade, bem como usar a fotografia para a produção de conhecimento.

Evocamos aquilo que, até então, era intangível e a que não tínhamos acesso. Buscar pelas imagens que ainda não tínhamos visto, por elas se apaixonar e delas ter medo (observações estéticas versus documentais/ arte versus ciência), mas é a luz que procuramos. Inclinarmos sobre ela e tenta ultrapassar os limites, aqueles que estão entre o desconhecido e o conhecido: o início da razão, a fronteira entre o saber e o não saber. O caminho, quem sabe, para ser entendido e assimilado, ou simplesmente cumprir sua missão de ser, que é a de colocar-se ao juízo ou a crítica de *outrem*.

Nesse sentido, talvez não sobrepujássemos o nosso limite, se não fôssemos desafiados. O desafio despertou-nos a inquietação sobre o uso da fotografia como linguagem visual e sua utilização na pesquisa em História como dado e fonte de investigação, interpretação histórico-social somaram-se as questões que nos levaram a esta dissertação.

Dito isto, decorrem as principais **questões/problema** oriundas do contato com os colaboradores desta pesquisa, dos estudos teóricos e das incursões na pesquisa de campo: A fotografia pode nos ajudar a entender e contar algo sobre alguém para um outro? Como discutir sobre imagens fotográficas nas Ciências Humanas, e como nós historiadores olhamos o outro? Quais práticas socioculturais estão presentes no cotidiano, e que podem servir de elementos para repensarmos as comunidades quilombolas rurais contemporâneas?

Para fundamentar as nossas argumentações na pesquisa acrescentamos ao objetivo principal, bem como possibilidade de organizar os estudos adotamos **outros objetivos** que apresentamos a seguir:

- Mapear os fazeres-saberes oriundos do modo de vida da comunidade Grilo, observando o movimento da constituição e manutenção destas práticas. Buscando a compreensão de suas lógicas próprias, a partir da categoria histórico-cultural e dos indicadores de cultura material/imaterial como: 1) trabalho, 2) A convivência familiar e de vizinhança, 3) religiosidade, 4) os saberes tradicionais, e 5) a relação com o meio.

- Sistematizar uma documentação escrita e visual de aspectos histórico-culturais da comunidade, visto que a dissertação pode constituir-se como repositório de dados sociais e históricos sobre o quilombo Grilo.

- Abordar os significados socioculturais expostos em narração Fotoetnográfica Histórico-Sociocultural do cotidiano dos quilombolas grilenses. Propondo realizar uma leitura

e interpretações dos acontecimentos sociais narrados pela imagem e vivenciados pelos interlocutores/as da pesquisa.

Nesta introdução procuramos expor acerca dos caminhos percorridos para chegar até o desenvolvimento desta pesquisa. Procuramos nos situar diante da temática quilombola e como uma primeira experiência na prática etnográfica. Buscamos desenvolver esta dissertação e construção metodológica no âmbito das ciências humanas.

Escolhemos as imagens fotográficas para servir de suporte à memória coletiva dos grilenses, na medida que registram cenas de um tempo *continuum*, tanto as imagens quanto as ações cotidianas compartilham de algumas propriedades como ações instantâneas e ritmos. E foi perseguindo estes movimentos do dia a dia, com a câmera na mão fotografando os gestos, as ações, os movimentos, perenizados pelo ato de fotografar.

Partimos então, da ideia que imagens e palavras não encerram verdades únicas. É nosso olhar, sob a condição constituída de contextualidade, intenções e experiências múltiplas, que lhes confere sentidos e as atualiza, parece já não haver mais passado nas imagens fotográficas podendo ser transportadas para outras temporalidades, mediante uma mistura de passado-presente. Voltando a Canabarro (2005, p. 3),

Salienta-se que as fotografias não devem ser utilizadas simplesmente como uma ilustração do texto verbal, mas como fontes de pesquisas, visto que os elementos que a compõem são recortados de determinados contextos sociais. Embora a fotografia seja uma representação visual, todos os elementos ou pessoas que estiveram por um momento em frente da câmera fotográfica são plausíveis de serem alocados em um determinado tempo e espaço. Esta possibilidade atesta o caráter histórico da fotografia.

Durante o processo de escrita desse trabalho, tivemos avanços e recuos, certezas e incertezas, mas a compreensão mais crítica e também mais generosa em relação às escolhas do caminho a ser percorrido, nascia e avançava dentro do próprio texto e especialmente, da essência das imagens. Ao olhá-las, mostraram-se fortes o suficiente para produzir uma narrativa. Das imagens, nasceram os instantes e momentos que intitulam, como textos, os fragmentos da memória do Grilo.

Não são capítulos, são momentos para os quais direcionamos nossos olhares atentamente. Uma fotografia revive a dinâmica de uma história. O pensamento se tornou imagens dentro de imagens tornando-se o discurso desta presente dissertação. Um propósito, um formativo de uma experiência vivida que foi apresentando-se à medida que escolhíamos as imagens.

Com isto, algumas transformações ocorreram nesse processo de construção ao longo dessa pesquisa histórico-etnográfica. Transformações na forma de ver o cotidiano do Grilo a partir da fotografia, mas também transformações na forma de ver a fotografia a partir do cotidiano do Grilo.

Ao invés de palavras, foram as imagens fotográficas, polissêmicas, que escolhemos para abrigar nossos portos da memória e nossa experiência de pesquisa junto a comunidade quilombola Grilo. Compreendemos e aceitamos que podíamos fazer a diferença para encontrar o que nem imaginávamos buscar, pois como observou a ensaísta americana “Ao nos ensinar um novo código visual, as fotos modificam e ampliam nossas idéias do que vale a pena olhar e sobre o que temos direito de observar” (SONTAG, 2004, p. 13).

Portanto, passamos a olhar para as imagens fotográficas como forma de obter os registros desse grupo social e desenvolver esta pesquisa que utilize a imagem para representar o grupo em estudo dando-lhe um caráter de documentação histórica e científica.

A partir desse pensamento, organizamos a dissertação de mestrado em três momentos e as com nossas observações finais. **No primeiro momento**, apresentamos nossa entrada na comunidade rural quilombola Grilo, destacando o universo a ser pesquisado, os primeiros contatos com os colaboradores da pesquisa e elementos que nos levaram a escolher este lugar como *locus* deste trabalho, permitindo-nos realizar uma etnografia do local.

**No segundo momento**, nos adentramos nas questões teóricas, metodológicas e epistemológicas que sustentam o estudo. Enfatizando a utilização do método de pesquisa denominado Fotoetnografia histórico-Sociocultural, o diário de campo, bem como a opção por uma etnografia quilombola no espaço rural, enquanto espaço vivido por seus moradores buscando aporte nos estudos da História do Cotidiano para tecer problematizações acerca de como os sujeitos se produzem e são produzidos por meio de suas práticas cotidianas.

**No terceiro e último momento**, realizamos uma narração Fotoetnográfica, constituindo-se em um exercício na forma de texto visual focando à dinâmica da comunidade Grilo e de alguns moradores/colaboradores desta pesquisa: espaços de vida, a moradia, trabalho, o lazer, o convívio familiar, etc. Além da relação com a terra envolvendo os processos de plantar, colher os frutos cultivados, bem como aspectos da cultura tradicional que perpassam o saber quilombola. Convocando, assim, o leitor/a ser sensível aos temas que geralmente são tratados como irrelevantes, desprezados e/ou subestimados. Buscando refletir,

informar e provocar o olhar para admirar as imagens que remetem à riqueza imersa da vida cotidiana e das pessoas que a formam. Assim, Achutti (2004) define a Fotoetnografia <sup>11</sup>,

Uma narrativa Fotoetnográfica deve se apresentar na forma de uma série de fotos que estejam relacionadas entre si e que componham uma sequência de informações visuais. Série de fotos que deve se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador. Essa precaução não impede que certas informações escritas possam ter sido anteriormente dadas àqueles que vão mergulhar na narrativa visual, isto é, a justaposição dessas duas formas narrativas é possível e mesmo desejável, mas é importante notar que o ideal seria que cada tipo de escritura fosse oferecido ao leitor separadamente, de forma que cada uma conservasse todo seu potencial. (ACHUTTI, 2004, p. 109).

Portanto, reconhecer que o cotidiano (contrário ao que pode sugerir) é dinâmico, vivo e pleno, nos impulsionando a dar passos às incríveis descobertas que ele pode reservar. Essa subjetividade então seria aplicada na busca pela pluralidade possível e presente naquilo que parece marcado pela mesmice.

A fotografia tem o poder de contar uma história mesmo que não seja escrita com palavras, mas com luzes, ângulo e enquadramento. Este capítulo organizado por seções trazem falas de interlocutores da pesquisa ou a explicação/informação da pesquisadora <sup>12</sup> e, em seguida um conjunto de registros visuais que documentam o momento vivido projetando saberes, trabalho, ações/cenas cotidianas que contribuem para interpretações e entendimentos do coletivo. Sendo a sensibilidade algo maior que resultou de uma relação, da forma de escutar as pessoas e ver o outro.

E finalmente, tecemos nossas **observações finais**. Ao chegarmos ao desfecho dessa dissertação destacaremos que, tanto a imagem fotográfica como a escrita do historiador são experiências únicas, autônomas, no sentido de estabelecer uma representação. A fotográfica é uma “representação visual”, defendida por Dubois (1995, p, 27) “a partir da análise dos diferentes discursos que a caracterizam. A primeira classificação dos discursos considerava a **fotografia como espelho do real**, sendo esta uma ilusão da realidade, um duplo” <sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> ACHUTTI, L.E.R. Fotoetnografia da Biblioteca Jardim. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2004.

<sup>12</sup> Este **terceiro momento** seria formado apenas com imagens fotográficas, mas acatamos a sugestão da banca examinadora para trazer alguma informação uma vez que as fotografias não possuem legendas ou análises. Desta forma realizamos transcrições dos áudios das entrevistas realizadas no Grilo e trouxemos as falas dos interlocutores que participaram da pesquisa e/ou complementado também com informações trazidas pela pesquisadora sobre a temática descrita na abertura de cada seção do capítulo.

<sup>13</sup> DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.

Portanto, a imagem fotográfica é um lugar onde pode-se projetar as mais variadas formas daquilo que gostaríamos de evidenciar de nossas realidades culturais e sociais a partir do prisma das sensações despertadas pelo olhar, e afetadas pelos demais sentidos.



## CAPÍTULO 1 – CENÁRIO DA PESQUISA: IMAGENS DA COMUNIDADE RURAL QUILOMBOLA GRILO

Fotografia: 2



### 1.1. A DESCOBERTA DO LUGAR

[...] A terra é meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.<sup>14</sup>

Este capítulo é a expressão dos primeiros passos desse trajeto para contar a História da Comunidade Remanescente de Quilombo Grilo<sup>15</sup>. Logo na primeira vez que estivemos no Grilo, tivemos a certeza de que este lugar da zona rural do município Riachão do Bacamarte – PB, pertencendo à Mesorregião do Agreste paraibano, fincada no topo da Serra Rajada do Américo (IBGE, 2010), era um excelente terreno para a realização de um estudo histórico e etnográfico. Esta pesquisa é fruto de experiências em campo na Comunidade Quilombola Grilo, e resultante do envolvimento investigativo/afetivo que passamos a manter com este lugar e seus moradores desde então.

A proposta deste trabalho nasceu do interesse em conhecer, de forma mais detalhada,

<sup>14</sup> RATTS, Alex. **Eu sou atlântica** - sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006, p. 59.

<sup>15</sup> O termo passará por alterações ao longo do texto quanto às formas: Comunidade Quilombola Rural Grilo, quando nos referimos a uma ideia de lugar étnico; Quilombo Grilo, quando estivermos reforçando a pertença étnica histórica; Grilo, quando nos referirmos ao cotidiano étnico-geográfico; e comunidade, quando estamos dando vazão a lugar. Os termos não tem o proposito de oferecer grandes diferenças semânticas, visto que todos podem ser considerados lócus social da pesquisa.

as comunidades remanescentes de quilombo dos municípios de Ingá e Riachão do Bacamarte, formadas pelas comunidades Pedra D'Água e Grilo, sendo esta última o universo de estudo da nossa pesquisa. Ao fazermos uma visita ao Grilo, iniciaram-se as discussões sobre o tema.

Assim a intenção, é destacar as imagens e a nitidez do lugar, as mais íntimas expressões da terra, do território, dos ambientes característicos do Grilo. Aqui, avistamos as estradas do lugar, os caminhos, trilhas pelas quais, em especial, precisamos caminhar para chegar às casas dos nossos interlocutores, guardiões do tempo, saberes e tradição. Caminhamos! Estabelecemos contato com a liderança da comunidade Leonilda Coelho Tenório dos Santos, ou “Paquinha”, como é mais conhecida, uma mulher simpática e receptiva que esteve conosco todo tempo durante a realização deste trabalho. Todo caminhar pela história do lugar e das pessoas do Grilo foi guiado por ela.

Acompanhar e participar das comemorações, ouvir as histórias, perceber os contatos e as trocas entre as comunidades quilombolas com os demais povoados e distritos dos municípios citados suscitaram o interesse em iniciar um estudo sobre o processo de construção identitária da comunidade do Grilo, prezando pelas experiências de seus moradores enquanto material analítico principal.

No intuito de delimitar o universo pesquisado foi escolhida a Comunidade Quilombola Grilo. No território habitam aproximadamente 71 famílias, (AACADE, 2017)<sup>16</sup>, que são as guardiãs da história e da tradição do povo grilense<sup>17</sup>, forjando importantes atitudes para moldar sua identidade. Além disso, o contato já efetivado com a liderança comunitária Paquinha possibilitou-nos o acesso à comunidade, a abertura e o acolhimento dos demais moradores para os nossos diálogos, observação do lugar e todas as etapas à realização da pesquisa.

Para quem quer chegar ao Grilo o melhor trajeto é pela BR 230 como principal via de acesso à comunidade quilombola. Saindo de Campina Grande ou da capital João Pessoa, onde próximo ao município Riachão do Bacamarte saindo de Campina Grande, acessará entrada que conduz à cidade Serra Redonda seguindo em direção ao local, que antigamente, era conhecido como Serra Rajada do Américo, hoje é o quilombo do Grilo. Partindo de Campina Grande, o tempo estimado do percurso da viagem até a comunidade é de aproximadamente quarenta minutos. Ao entrar na rodovia estadual em direção à Serra Redonda, pela BR 230, segue-se em direção à entrada da comunidade rural de Serra Rajada que dista aproximadamente quatro quilômetros da referida BR.

---

<sup>16</sup> Associação de Apoio às Comunidades Afrodescendentes.

<sup>17</sup> Substantivo próprio criado pela pesquisadora para referir-se as pessoas nascida na comunidade do Grilo.

Entramos num caminho à esquerda que nos conduz à zona rural da região, mas é quando pegamos a estrada de chão de terra que nos leva até o alto da Serra, que começamos a nos dar conta do belo cenário proporcionado pelas formações rochosas e a vegetação da região.

**Fotografia: 3**



Realizamos o trajeto de carro e dentro do mesmo que balançava e desviava das saliências do chão subimos uma ladeira íngreme. O percurso não é simples e exige certa habilidade de quem dirige o automóvel. No alto da Serra existe uma pequena parte plana, com imensas pedras, pontos irregulares, bastante acidentado, repleto de curvas sinuosas, o que torna o acesso à comunidade ainda hoje, difícil e perigoso.

Depois da aventura. Da ladeira muito íngreme. Do receio se o motorista iria conseguir ou não subir utilizando a marcha e velocidade corretas. Conseguimos! Esse momento representa os primeiros passos do nosso trajeto. Vamos percorrer caminhos que outros já passaram, onde outras histórias foram contadas, e que vamos avistar de modo particular as expressões do território do Grilo, continuar a história escrita com toques de narrativas imagéticas para facilitar as interpretações e análises nas riquezas de relações e detalhes

escondidas insignificamente nas coisas mais corriqueiras do Quilombo Grilo.

**Fotografia: 4**



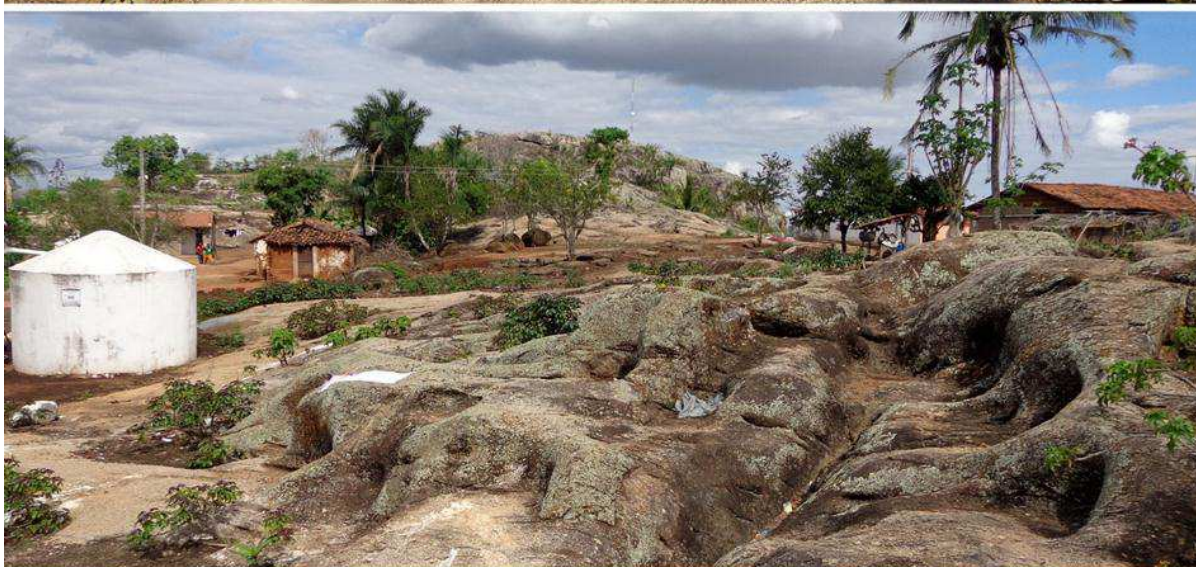
E, lá do alto a vista é incrível! É possível ver ao longe a cidade de Ingá, mais a frente seguimos por uma encosta, um caminho estreito cercado por paredes rochosas. Encontramos mais adiante um pequeno grupo de casas, na medida em que adentrávamos o caminho éramos levados sentido ascendente e aos poucos o Grilo se apresentava, carregado de produção imagética<sup>18</sup> e sentidos.

Como registra o historiador Ulpiano T. Bezerra de Meneses “que a visão é uma construção histórica, que não há universalidade e estabilidade na experiência de ver” (MENESES, 2005, p. 38). Ou seja, se as pessoas não veem o mundo da mesma forma. Significa que as maneiras usadas para expressar-se visualmente para “copiar” o mundo como ele é e defendem que o mundo é igual para todos, não passa de uma das formas de compreensão do mundo empírico. Desta forma, as imagens fotográficas impressas na presente pesquisa irá possibilitar um olhar ampliado, especialmente do historiador (a), para cenas que atores sociais em diferentes situações em que atuam. Permitindo-nos conhecer os cenários e suas atividades cotidianas servindo assim, como base para a memória coletiva desses atores.

---

<sup>18</sup> Conforme Carlos Skliar, multiplicar as formas de olhar, multiplicar as possibilidades de enxergar aquilo que as imagens produzem. Não se trata de pensar com quais imagens trabalho, quais imagens acompanham conteúdos ou quais imagens deveriam ser apresentadas, mas, talvez, trata-se das formas de olhar, dos modos em que ao olhar essas imagens produzimos algum tipo de sensibilidade, memória e pensamento. (SKLIAR, 2009, p. 1).

Fotografias: 5, 6 e 7



Nesse sentido, as múltiplas maneiras de manifestação humanas através de imagens colaboram para firmar modos apropriados de ver em detrimento de outros. Então, passamos a “copiar” o Grilo com as nossas retinas, alguns cliques da câmera fotográfica e com o foco nos seus processos culturais e nos saberes e fazeres, constituídos no cotidiano daqueles/as que habitam o Grilo.

Ainda sobre produção imagética nos deparamos com a configuração paisagística que compõe o território da comunidade do Grilo, que se adequa às variações topográficas de vales, serras e imensas rochas. Como está situado no agreste paraibano o clima é semiárido e possui elevações no relevo que variam de 300 a 700 metros de altitude (CPRM, 2005)<sup>19</sup>.

Apresenta uma vegetação típica de transição entre uma porção seca e úmida da região com espécies da Caatinga e outras herbáceas como: bromélias, várias espécies de cactos, agave, entre outras plantas nativas que compõe a flora do território.

Na contemplação da natureza que envolve a comunidade se consegue inspiração para criar composições inéditas, observando a vegetação com plantas dispostas aleatoriamente entre as rochas, ou por cima dos afloramentos<sup>20</sup>. Acredito que qualquer visitante ficaria encantado com a paisagem do Grilo.

Paisagem esta, repleta de significados que formam o seu patrimônio cultural<sup>21</sup>, evidenciando sua relação entre o simbólico e o lugar<sup>22</sup> para se transformar em registro de vidas, de idas e vindas pelos caminhos composto de pedras, flores, matos, cheiros e rastros de memórias das gerações passadas e presentes, que deixaram/deixam suas marcas e pegadas pelo chão e, que podem nos dizer algo.

---

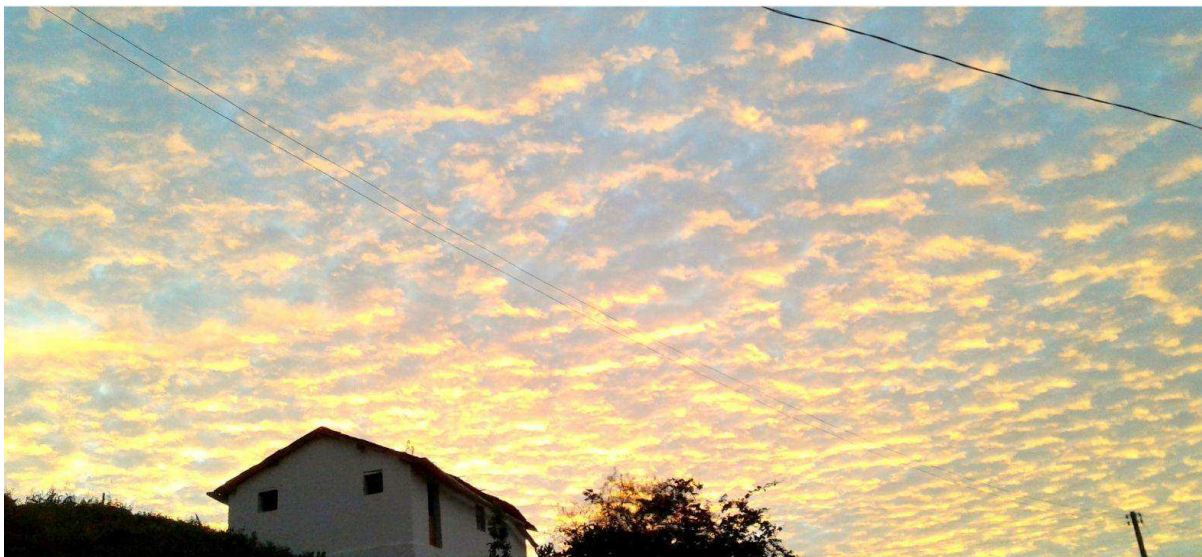
<sup>19</sup> Cf. CPRM - Serviço Geológico do Brasil. Diagnóstico do município de Riachão do Bacamarte, 2005, p.2.

<sup>20</sup> Na Geologia – Ciência que estuda os processos que ocorrem no interior e na superfície terrestre (CPRM, 2016).

<sup>21</sup> Quando nos referimos a Patrimônio Cultural pensamos num conjunto de símbolos que compõem a paisagem. Não estamos nos referindo apenas no sentido de patrimônio institucionalizado, reconhecido pelo valor histórico e ou arquitetônico. Mas também o patrimônio que representa a memória do lugar, ou seja, a paisagem enquanto uma linguagem, enunciando o agente social e as práticas sociais que faz surgir ou organizar territórios. De acordo com Maldonato (2001), “integra-se a uma linguagem psíquica, torna-se disperso em signos e significados”.

<sup>22</sup> Cf. (ELIADE, 1996, p. 13). Esta relação pode ser mediada pelos símbolos que podem ser uma realidade material que pode ser vinculada a uma ideia, a um valor, um sentimento como, por exemplo, de pertencimento. Compreendemos, no entanto que essa relação simbólica do lugar transpassa as ações sociais em relação ao lugar de reencontro e afetividade. São segundo Eliade, imagens, ou seja, “invocam a nostalgia de um passado mitificado”.

Fotografias: 8, 9 e 10



Nesse caminho descrito, não só observamos a paisagem onde as famílias que residem no Grilo formam um todo emoldurado pelas características históricas, sociais e culturais. Conhecemos pessoas, seres e coisas, convivemos com eles e compartilhamos da sensação do vivido que marcaram suas histórias.

Nesse sentido, tomando como base a “temporalidade da paisagem”, compreendida por Ingold (2000, p.195-200), como (*landscape/paisagem*), pensada a partir de vários processos que se realizam na passagem do tempo, referida e pensada na tessitura da historicidade daqueles que a habitam e a produzem através dos caminhos que os conectam. Para Ingold, paisagem é criatura viva e que em interação com vidas humanas e não humanas se complementam, resultando em vestígios duradouros.

**Fotografias: 11, 12, 13, 14 e 15**



Com isso, o autor aponta para as transformações e os processos produzidos pelos atos de viver e habitar num determinado espaço que sofre ações dos fenômenos naturais, biológicos, físicos e sociais. Desta forma, a paisagem não é estática ela é puro movimento com suas configurações e formas duráveis constituídos pelos montes, serras, vegetação, rios e caminhos etc.



Nestas linhas interessa-nos o esforço de registrarmos nossas descobertas, pois fomos lançados para dentro do existir do lugar. A paisagem que compõe o território organizacional da comunidade quilombola Grilo é elemento que soma-se a sua riqueza cultural.

**Fotografias: 16 e 17**



É interessante fazermos a reflexão de como os moradores do Grilo estabeleceram cotidianamente sintonia e interatividade com a paisagem, onde ela é tão parte deles quanto eles são dela, não havendo uma separação entre os atores sociais e o ambiente. Para Ingold (2000), a paisagem não é o resultado de um determinado registro sobre um padrão preexistente, mas um movimento de juntar, onde forma e matéria, corpo e paisagem se geram

a si mesmos, mútua e simultaneamente.

Portanto, a paisagem do Grilo esta relacionada à “temporalidade”, mas temporalidade sem confundir com “cronologia”, sequência de um tempo vazio, ou quantitativo, ou com “história” compreendida como vários eventos qualitativos que nunca se repetem. Levando em consideração os estudos de Ingold (2000, p. 172), que percebe a paisagem como ato de memória e, este como vinculado ao engajamento e o ir e vir em ambiente impregnado de passado.

**Fotografia: 18**



Nessa imersão na paisagem. Aproximamos-nos do ponto central da comunidade quilombola do Grilo encontramos algumas habitações que se distanciam entre uma e outra por causa dos seus quintais sobre um terreno rochoso e terra rasa desvelando aos poucos o território quilombola<sup>23</sup>. Percorrido este caminho, chegamos ao núcleo principal do Grilo.

---

<sup>23</sup>Segundo o Artigo 2º do Decreto 4.887/2003, são consideradas terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural. Dessa forma, tal caracterização legal abrange não só a assim chamada ocupação efetiva atual, mas também o universo das características culturais, ideológicas, valores e práticas dessas comunidades. Assim sendo, um território se constitui a partir de uma porção específica de terra acrescida da configuração sociológica, geográfica e histórica que os membros da comunidade construíram ao longo do tempo, em sua vivência sobre a mesma. Assim sendo, um território seria um ente que sobrepõe a terra e a carga simbólica agregada a mesma, a partir de

Conhecemos de forma mais ampla o território, o cenário com os diferentes elementos materiais e imateriais, sua dinâmica socioespacial destacando-se as moradias simples, os roçados, o espaço para criação dos animais, quintais e a unidade territorial que é dividida em dois núcleos denominados: Grilo de Cima e Grilo de Baixo<sup>24</sup>.

**Fotografias: 19 e 20**



O Grilo de Cima é o núcleo principal. Localizado a aproximadamente 300 metros de altitude, está assentado sob um grande lajeiro, onde estão estabelecidas as principais edificações da comunidade, como as Igrejas Católica e Evangélica (Congregacional), a Escola Pública de Ensino Fundamental, Associação dos moradores, as residências dos principais membros familiares formando um “território de parentesco”.<sup>25</sup> As casas do Grilo de Cima formam um espaço organizacional de referências significativas e de parentesco onde habitam

---

seu uso pleno e continuado pela ação de um determinado grupo humano. (INCRA DF/DT/2017, p. 6-7).

<sup>24</sup>Mediante estudos acadêmicos, relatórios produzidos pelos antropólogos e peças técnicas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), citarem Grilo de Cima e Grilo de Baixo, como se existissem dois “Remanescentes de Quilombos”, suas lideranças iteram e reiteram que o “Grilo é uma coisa só”. Essa explicação foi usada em algumas conversas com os moradores do Grilo, tanto de cima como de baixo, durante o período de convivência e desenvolvimento da pesquisa.

<sup>25</sup>Dentro da estratégia organizacional do território quilombola a categoria “parentesco” é importante para a territorialização das comunidades quilombolas.

os descendentes dos moradores mais antigos. Estes seguem no caminho que os seus ancestrais deixaram. Ao fixarem suas casas no local demarcaram o lugar que seus descendentes deveriam habitar, e assim, o território serve como elemento para pensarmos o espaço físico que agencia os atores sociais na forma de elos de parentesco.

**Fotografias: 21, 22 e 23**



E no Grilo-de-Baixo, historicamente mais recente, constituído por um conjunto de casas situadas num plano mais abaixo, no sopé da serra, com vegetação mais densa. Nesta área existe um poço artesiano movido por moinho de vento que contribui para o abastecimento de água para os dois núcleos quilombolas. Para chegar às casas do Grilo de Baixo os caminhos são mediadores que nos conduzem entre as roças, sítios, barrancos, e homens, mulheres, crianças, velhos e jovens que transitam entre uma residência e outra.

Os percursos que os parentes dos núcleos do Grilo fazem entre a paisagem costumam redes de parentescos interligados por fios invisíveis das memórias familiares, de pessoas do tempo de hoje e de ontem. E assim vão tecendo narrativas e retóricas que organizam o espaço e às memórias quilombola.

**Fotografia: 24**



Ressaltamos que, a comunidade quilombola Grilo também estreita laços com comunidades quilombolas vizinhas completando a rede de parentesco. “Por aqui todo mundo e parente”, diz outra interlocutora, Maria de Lourdes Tenório Candido, 72 anos, conhecida como Dona Lourdes, irmã mais velha de Paquinha e guardiã da história e dos modos de fazer cerâmicas (loiças) <sup>26</sup>.

Na expressão dita por Dona Lourdes, descreve um sentimento que a conecta a ideia que parente é alguém próximo ou familiar. Alguém de maior ou menor grau de aproximação.

Ela transita tanto pelos caminhos do Grilo de Cima como do Grilo de Baixo. Desce e sobe ladeiras. Entra e sai nos quintais dos parentes, tanto paterno, quanto materno. É uma senhora que usa lenço na cabeça, disposta, ativa e que deixa qualquer jovem para trás no quesito condicionamento físico.

Acompanhamos Dona Lourdes nas suas andanças pelos caminhos do Grilo, nos aventuramos na exploração de uma paisagem narrada a partir de suas memórias (individual) <sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> Este termo foi mencionado por D. Maria de Lourdes durante os nossos diálogos.

<sup>27</sup> A nossa memória não é somente nossa, mas também coletiva, pois utilizamos fragmentos de lembranças que são fornecidos por indivíduos diversos. Então, o que se imagina ser a memória individual, na verdade é a união dos fragmentos das lembranças coletivas (HALBWACHS, 2003).

e das memórias da rede de parentesco formada pelas famílias vizinhas (coletiva) que residem nos núcleos.

Com uma máquina fotográfica e caderno de campo, buscamos privilegiar não apenas os significados expressos nas narrativas orais de Dona Lourdes, mas também apreender os sentidos que ela atribui aos lugares em que ela tece seu cotidiano.

Neste sentido, para além dos registros da fala. A fotografia será usada como ferramenta principal, tendo em vista sua força documental, enquanto registro histórico. Produzir composições fotográficas da paisagem quilombola nos permitirá transcrever a temporalidade da paisagem a partir da interpretação e narrativa visual.

Apreendendo, assim os “lugares que falam” e os caminhos que trilhamos, através dos sentidos de afetividade dos moradores, “trancos velhos”<sup>28</sup> conferem a esses lugares e caminhos que evocam aspectos da sua identidade quilombola e memória coletiva.<sup>29</sup>

A comunidade Grilo guarda seus símbolos mais importantes da comunidade, mesmo que alguns ainda não tenham conhecimento da importância dos seus bens culturais (material e imaterial), o Grilo é o próprio guardião do lugar, com suas memórias viventes, a dimensão religiosa<sup>30</sup>, seus utilitários de ferro, madeira, barro, resistindo nas casas dos moradores.

Os saberes guardados das rezadeiras, benzeideiras, parteiras, conhecimentos do plantio dos roçados para plantar e o que plantar para colher no tempo certo, as cirandas que ainda resistem ao tempo. Portanto, com o longo caminho percorrido pelos grilenses para o autorreconhecimento enquanto grupo remanescente de quilombo, a aceitação por parte dos seus moradores como sujeito histórico e o fortalecimento da identidade étnica tornaram-se passos importantes para dar visibilidade diante da sociedade enquanto “comunidade tradicional.” É um povo que vive numa serra rochosa onde plantam e colhem. Vivem da força das terras sagradas onde suas raízes são entrelaçadas com outras, com muitas, com toda uma ancestralidade.

---

<sup>28</sup>É uma expressão referente aos ascendentes, tanto pelo lado do pai como da mãe, no sentido de ancestralidade, porém é um termo usado pelos mais velhos e pouco comum entre os jovens para apontar certas qualidades e ou tradições familiares.

<sup>29</sup>Para Halbwachs (2004, p. 41), a memória coletiva evoca “um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo”. Já para Godoi (1999, p. 29) “a memória coletiva é a organização ativa das experiências vividas” e aparece como discurso de alteridade de um grupo. No entanto, cada memória individual é um ponto de vista que compõe a memória coletiva, modificada mediante o lugar ocupado em cada lembrança, em cada história e pelas relações estabelecidas nos diversos meios que a cercam.

<sup>30</sup>A religiosidade, no território do Grilo, é predominantemente cristã, sobretudo de católicos e evangélicos/protestante (em minoria). Não foi registrada, portanto, nenhuma outra expressão religiosa. Em conversas informais alguns moradores despertaram o interesse em conhecer as religiões de tradição africana, porém não se aprofundam em tais práticas com receio dos preconceitos existentes devido ao desconhecimento e ausência de vínculos que foram sendo perdidos ao longo do tempo.

Mesmo dispersos os núcleos familiares são uma extensão dos fios que costuram a rede de parentesco na comunidade quilombola. E assim, Dona Lourdes vai “costurando” caminhos e em cada “ponto” para conversar com um parente. Mesmo Dona Lourdes saindo do território do Grilo não significa sair da rede de relações familiares, com esse movimento ela vai estendendo a linha da sua territorialidade <sup>31</sup>.

**Fotografia: 25**



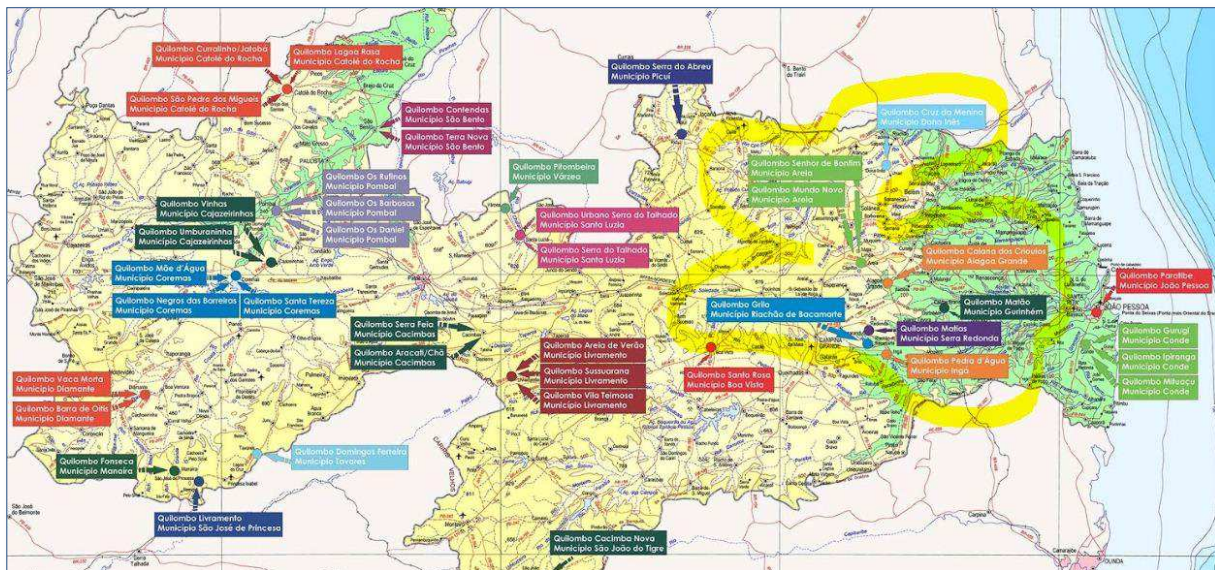
O Grilo pertence a um aglomerado de pelo menos seis quilombos registrados na região Agreste. Conforme dados das organizações da Paraíba<sup>32</sup> que dedicam-se às questões quilombolas, por meio do mapa abaixo observa-se que o Grilo conecta-se com outras comunidades remanescentes quilombola dos seguintes municípios: Cruz da Menina, (Dona Inês), Mundo Novo e Senhor do Bonfim (Areia), Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande), Matias (Serra Redonda), Pedra D'Água (Ingá) e Matão (Gurinhém). Dentre estes o Grilo enreda laços parentesco com o quilombo de Pedra D'Água, Matão e Matias constituindo relações que envolvem trocas sociais e de solidariedade. Nesse espaço de tramas de vidas, de arranjos, confrontos, lutas e resistência se amalgamam novos paradigmas de subjetividades e, conseqüentemente, realçam suas identidades.

---

<sup>31</sup> É uma palavra de espectro de significação intensa. É a totalidade das questões concretas e abstratas, objetivas e subjetivas, materiais e imateriais, emotivas e perceptivas. Para Soja (2001), territorialidade é composta por três elementos: senso de identidade espacial, senso de exclusividade e compartimentação da interação humana no espaço.

<sup>32</sup> Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes/Coordenação Estadual de Comunidades Negras e Quilombolas da Paraíba.

Imagem: 1



Este trajeto com Dona Lourdes será ampliado em outro capítulo desta pesquisa. No momento é importante destacar que as andanças pelos caminhos do Grilo, guiadas pelas narrativas da interlocutora nos leva a trilhar por caminhos poucos habituais na produção imagética, na medida em que, orientados pelo olhar de Dona Lourdes sobre seu lugar, sua comunidade, seu quilombo, demarcou o seu “lugares de memória.”<sup>33</sup>

Não seguimos um roteiro pré-estabelecido, mas a acompanhamos em suas narrativas e, percursos realizando os registros imagéticos guiados pela abordagem etnográfica. Ela nos apresenta seu “quilombo”<sup>34</sup>, indicando lugares e caminhos que acha dignos de serem eternizados, compondo imagens de seu lugar.

E assim, encantamo-nos e nos aproximamos da comunidade quilombola do Grilo: primeiro por causa das feições espaciais e naturais do lugar. Segundo pelas pessoas, as sociabilidades e formas de territorialidades.

Nestes terrenos múltiplos e fragmentados para se fazer uma Fotoetnografia, nos acolheram com simpatia, nos convidaram assentar-se à mesa ou nos sofás/cadeiras/chão de suas casas, tomar um café regado de muitas conversas e horas narrando suas histórias e da comunidade.

<sup>33</sup> Jacques Le Goff divulga os lugares da memória e os resume, a partir de uma passagem de Pierre Nora, em seu verbete “Memória”: [há] os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações (1990, p.473).

<sup>34</sup> Quando aborda o tema dos quilombos Lélia Gonzalez cita e comenta a pesquisa de Beatriz Nascimento nesse campo (A mulher negra na sociedade brasileira, 1982, p. 90).



Até aqui passamos a estar no Grilo, mas ainda precisavamos conhecê-lo. Iniciam-se os encontros, a observação, a participação, o ouvir e o sentir a partir de dentro da comunidade e suas dinâmicas vitais. Então, vamos produzir imagens, mas também compartilhar lembranças, e nesse processo de (re) conhecimento de si e do outro produziremos outras memórias, já que cada imagem produzida esta repleta de recordações.

## 1.2. O CRICRILAR DE “GRILOS” <sup>35</sup> NA CONSTRUÇÃO TOPONÍMICA DO LUGAR.

Fotografia: 26



[...] E os grilos?  
Não estão ouvindo, lá fora, os grilos?  
Sim, os grilos...  
Os grilos são os poetas mortos [...]  
(Mário Quintana) <sup>36</sup>

No verso em destaque acima, Mario Quintana (2005) conhecido como o poeta do cotidiano dedicou-se a escrita da vida, e aos mistérios que envolvem as coisas corriqueiras da sociedade. Ele tinha uma grande afinidade com o lugar de sua vivência e dialogava com os temas que permeavam o lugar onde a vida ocorre e, nesse caso, nos referimos ao espaço urbano, a cidade enquanto espaço construído, com seus encontros e desencontros, afetividade ou rejeição, público ou privado. Diante dos seus devaneios e imaginação Quintana personificava a rua e seus elementos, e assim, “diante dos olhos do poeta, a natureza e o cenário urbano tornam-se subitamente animados e humanizados” (BECKER, 1996, p. 58).

E nesse mundo das linguagens (textos e imagens), somos direcionados e estimulados a exercitar nossas habilidades cognitivas e críticas da imagem. Desse modo, deparamo-nos, como anuncia Marilda Vasconcelos Rebouças (1986, p.65), “num mundo cercado de signos, é

<sup>35</sup> O vocábulo “grilo” é conotado pela ação e onomatopéica de cricrilar. Nessa seção usaremos o termo “grilo” ora escrito “Grilo”, quando formos nos referir a comunidade/quilombo, ora “grilo” quando o significado se referir ao inseto. E assim, haverá uma mudança icônica de um sentido para o outro com o intuito de criar imagens com as palavras.

<sup>36</sup> Trecho retirado do poema intitulado: **Ah! Sim, a velha poesia**, do escritor Mario Quintana, que nos apresenta a poesia com seu poder metalinguístico contribuindo para a poesia do cotidiano da vida, nos traz a imagem dos grilos, inclusive muito presentes em vários dos seus poemas aguçando nossos sentidos e percepções.

a metáfora que conduz a alquimia da linguagem”. Contudo, nos apoiamos também na reflexão que etnografar e historiar enfocando a relação de humanos e não humanos nos leva a humanizar e criar imagens com a figura poética do grilo.

Nesse sentido, para além do pitoresco e de toda fascinação condescendente em relação àqueles/as quilombolas grupo em grande parte afrodescendente que habita um lugar/território repleto de peculiaridades e que guardam traços e memórias da ocupação de seus ancestrais empreendida no espaço físico rural tradicional em questão. Por isso, nos despertou a atenção o nome da comunidade e fomos procurar por narrativas que explicassem a origem do topônimo Grilo. Quando nos referimos ao nome Grilo, parece até indicar algo banal, pois usar nome de um inseto, para nomear um lugar é encobrir de certa pequenez diante das pessoas que vivem no local. Ao mesmo tempo, como o grilo é um inseto que aborrece pelo seu som característico, o cricrilar ou estridulação<sup>37</sup>.

**Fotografia: 27**



A comunidade quilombola Grilo, assim como varias comunidades quilombolas existente no país incomodam cricrilando em coro, como o “cricri” dos grilos. Cantam alto para chamar a atenção dos Governos e outras instâncias públicas, gritam para quebrar o silêncio do descaso da sociedade. Querem cricrilar para dar visibilidade as suas histórias e para que escutem suas vozes. Reivindicam seus direitos previstos na Constituição (CF) de 1988, e sua aplicação pelo artigo 68 do Ato das disposições constitucionais e transitórias

---

<sup>37</sup>Cf. Hilda Alice Gastal, bióloga da Fundação o som emitido pelo grilo não é um canto, mas uma estridulação, produzida pelo atrito das asas anteriores, explica Gastal, a bióloga da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Como você bem deduziu, tem a ver com reprodução: é o ruído produzido pelos machos para cortejar as fêmeas e, em casos extremos, afugentar outros machos que apareçam sem ser convidados.

(ADCT)<sup>38</sup>, no tocante ao seu reconhecimento étnico. Almejam que sua identidade étnica e cultura afrodescendente sejam respeitadas e valorizadas pela sociedade em geral.

Desta forma, um grilo, apesar de pequeno, não se cansa de estridular/cricrilar, incomodando, mas, ao fazê-lo, mostra que tamanho não dita poder. O cricri do Grilo chama outros “Grilos”, se ajuntam, avisam ao grupo que tem mais uma missão. Cricrilam dentro e fora da comunidade. Para o poeta Quintana, o grilo é uma figura cotidiana e está presente em vários de seus poemas. Para nós o termo “grilo”, denota imagetivamente/metaforicamente as pessoas do Grilo que ajudam a constituir diariamente o seu lugar/quilombo.

De forma metafórica o sentido de quilombo deixou de referir-se apenas ao lugar ou espaço ocupado geograficamente pelos afrodescendentes quilombolas. O sentido transcende ao território, ao mesmo tempo, que é o chão<sup>39</sup> onde os nascidos no Grilo pisam. Para Beatriz Nascimento, citada por Alex Ratts, “a terra é o meu quilombo, meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou, eu estou, onde eu estou, eu sou”.<sup>40</sup> A partir daí, Nascimento (1989), relaciona o corpo e o território como espaços de resistência levando em consideração toda a historicidade que remete à diáspora da colonização/escravidão até os dias atuais. Segundo a historiadora, as comunidades negras (re) constroem sua imagem e seu território a partir das “experiências” do passado exílio/identidade, referenciais perdidos no processo da diáspora constituindo assim, e ressignificando, sua imagem e novos territórios.

E assim, como Beatriz Nascimento causou inquietação na década de 70 e 80, defendendo um posicionamento de que o “negro” deveria ser visto como elemento constitutivo da identidade contemporânea (RATTS, 2010, p. 90), e não mais como elemento do passado, fazendo uma releitura própria do termo quilombo entendendo a necessidade de atualizações da referida categoria e da articulação de outras territorialidades.

Aproximamos-nos semanticamente do termo “grilo” com: perturbação, inquietação, barulho e persistência. Porque assim como tantos intelectuais e ativistas com suas pesquisas e reflexões causaram de certa forma, algum tipo de inquietação, perturbação acerca da população negra e dos quilombos do Brasil. O Grilo, enquanto quilombo contemporâneo negro e rural se faz presente em cada luta, em cada reivindicação, estar presente em cada canto seja físico ou político, se faz visível mesmo quando invisível em sua condição diferenciada de ser quilombola diante da sociedade.

---

<sup>38</sup> Art. 68. Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

<sup>39</sup> “Chão” nesse contexto representa a morada dos ancestrais.

<sup>40</sup> NASCIMENTO, 1989 apud RATTS, 2006, p. 59.

O grilo pode até incomodar, mas o Grilo sabe quebrar o silêncio inquietante de uma memória esquecida, as margens da história tradicional. Persisti/resiste em lutar por continuidades dos seus saberes culturais e sócio históricos. Buscam preservar e transmitir o patrimônio simbólico através de “práticas de resistência na manutenção e reprodução dos seus modos de vida característicos do lugar”<sup>41</sup>, construindo assim, sua identidade étnica quilombola na atualidade.

**Fotografia: 28**



Agora precisamos falar do Grilo sem “grilos”!<sup>42</sup> Analisando algumas narrativas pertinentes a memória coletiva da história do Grilo percebemos que, a memória constitui o elemento principal desta prática. Refletindo em torno do pensamento de Bosi (1994, p. 85), “[...] a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escuta”, corroborando para a manutenção dos saberes da tradição na comunidade.

Então, para satisfazer a nossa curiosidade quanto ao nome do lugar precisávamos percorrer o caminho daqueles que são considerados os guardiões/guardiãs da história, dos saberes e tradições do Grilo, os mais velhos. Assim caminhamos! Seguimos pelos rastros da memória das pessoas mais velhas (memória de velhos)<sup>43</sup> da comunidade. Alguns passos na casa de um, na de casa de outro, alguns encontros ali, outros acolá! E assim, fomos tecendo

<sup>41</sup> Cf. João Pacheco de Oliveira e Eliane Cantarino O. Dwyer, ABA, 1994.

<sup>42</sup> Uma expressão que significa: sem problemas, sem dificuldades, etc.

<sup>43</sup> Cf. Bosi, (1994, p. 54), “A memória é em si mesma, como subjetividade livre e conservação espiritual do passado”. Nesse caso, a autora destaca a importância da memória de velhos para a recuperação do passado. São suportes para os caminhos das lembranças.

nossa rede de sentimentos, sensações e das vozes do tempo.

Das narrativas que chegavam aos nossos ouvidos, caminhávamos e escutávamos as histórias do lugar. Uma história que não é mais nossa, nem da comunidade, nem da universidade, mas uma história que entra para o “lugar de memória” (NORA, 1993, p.12) – memória dos povos quilombolas<sup>44</sup>, onde história e memória se encontram. Ressaltamos que os lugares de memória surgem para responder a sentimentos de descontinuidades entre o tempo presente e o tempo passado. Surgem em consequência das transformações da sociedade.

O surgimento destes lugares não ocorre de forma espontânea. Estes espaços são construídos na atualidade para afirmar uma ideia de continuidade do passado. E nesses casos, ocorrem intencionalidades quando se constroem lugares de memória, principalmente quando há necessidade de fortalecer e de constituir a identidade étnica de grupo social.

Dito isto, Michael Pollak, nos aponta que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros” (POLLAK, 1992, p.05). Percebemos que, há um dueto entre a memória e identidade, e por se tratar de uma comunidade, ou seja, um coletivo cuja história advém da memória, logo, a identidade é coletiva e forjada pela memória.

Nesse sentido, mantivemos a atenção nas narrativas de memórias e adentramos no caminho mais delicado e subjetivo das versões de histórias que inicialmente, partia de uma “individualidade” para “coletividade”, e para esse processo Halbwachs (1990, p. 51), nos diz que, “a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios”.

Partindo destas reflexões e narrativas, das memórias, do subjetivo, da imaginação, do vivido e não vivido que habita na memória dos mais velhos (Pollak, 1992, p. 213) identificamos os elementos que compõem as histórias que deram origem ao nome do Quilombo Grilo.

O termo “Grilo” deu origem à duas denominações, Grilo de Cima e Grilo de Baixo. O nome da comunidade é suscetível a duas versões narradas pelos moradores grilenses que contam uma ou outra versão ou apenas uma e se posicionam quanto à história que julgam ser a mais correta ou possível de ter acontecido.

A primeira versão sobre o topônimo aqui referido faz menção a um olho d’água que

---

<sup>44</sup> A questão posta nesse texto serve para refletirmos a história que não é contada pela história oficial brasileira. A história dos povos quilombolas, sua riqueza cultural, suas lutas, trajetórias e mudanças não são contadas nos livros didáticos. Por isso, as narrativas orais das pessoas mais velhas da comunidade contribuem para o reconhecimento histórico e valorização das raízes identitárias das comunidades quilombolas. Onde cada membro da comunidade possui a capacidade de lembrar e reelaborar a própria história e história do seu povo.

abastecia a comunidade e neste local existia vários grilos, que emitiam seus cantos, estridulação, os “cricri”. E este som que os insetos saltitantes ecoavam podia ser ouvido de longe pelos moradores do Grilo.

A segunda diz que, o nome deriva da ação das mulheres que em grupos desciam pelos caminhos do quilombo para buscar água no poço e conversavam muito alto. Conforme relato de Paquinha, “era um cricri danado”. “[...] A cacimba era pequena, mas que nunca secava e era gente, que, aliás, tinha muito grilos mesmo, mas o povo era mais do que os grilos, e aí, ficou o nome Grilo, por causa disso”.

**Fotografias: 29, 30, 31 e 32**



Na narrativa da interlocutora, as vozes das mulheres juntas soavam como o canto dos grilos, um som “perturbador.” Nesse sentido, é interessante a percepção imagética e metafórica da figura de linguagem “cricri”, comparado com as conversas/falas das muitas mulheres que se agrupavam como os grilos às margens do olho d’água incomodando devido ao barulho que faziam. Formando entre as mulheres do Grilo e de outras comunidades um “cricri só”. Observar o Grilo, as pessoas de lá, conviver na sequencia do seu cotidiano, é não prestar atenção para os detalhes impressos na comunidade. Descrever o jeito grilense de ser,

de fazer, de viver, é uma missão difícil, no tocante ao método em si.

Porque o Grilo é um lugar onde o tempo não é o elemento mais importante na maneira como imaginamos, mas com “o viver no tempo”, pois toda a organização de saberes, que se estabeleceu dentro da comunidade, ocorreu não pelo propósito fixado/determinado, mas pela “vida no tempo”, ou seja, pelas coisas que acontecem de forma natural na vida em comunidade, e que emergem proficuas como as águas da cacimba/olho d’água/do poço. Só podemos beber desta fonte. Ver os detalhes impressos na comunidade, descrever o que vivenciamos no Grilo e tornar mais visível e nítido esse jeito grilense natural de ser a partir de um olhar específico. E para isso, nos distanciarmos/afastarmos para vermos com o olhar externo e distinto cientificamente.

Escrever em texto e imagens a história do Grilo não é uma tarefa fácil, ainda temos muito que aprender, porém deixa-nos um sentimento de dever cumprindo, especialmente, no contexto acadêmico, uma vez que nos acende a esperança de que estamos deixando algo significativo à área das Ciências Humanas, principalmente no que se refere a grupos sociais etnicamente diferenciados, como no caso, os quilombolas.

Assim, o poço de onde a água era retirada<sup>45</sup> fica distante das casas e as mulheres sob o sol escaldante carregavam em potes e/ou latas d’água em suas cabeças realizando várias viagens, durante o dia, para suprir as necessidades. Segundo alguns moradores do Grilo a tarefa de buscar água era muito difícil, principalmente em dias chuvosos, encontravam dificuldades para descer e subir a serra.

A água retirada do poço é destinada ao consumo humano, dos animais e usos domésticos. Para fazer o transporte da água pode ser usando carroça puxada por jumentos ou bois com a água armazenada em tonéis de plástico. Outra forma, porém pouco praticada é de carro, mas devido a dificuldade de acesso dos caminhos torna-se dispendioso. Quando o transporte da água é realizado por um destes meios as mulheres ficam dispensadas desta árdua tarefa. Mesmo sendo considerado um direito de todos. O acesso à água de boa qualidade não é privilégio de todos, sobretudo para a maioria das populações quilombolas da Paraíba. “Nos últimos anos diversas cisternas foram construídas para a coleta e armazenamento de água da chuva” (AACADE, 2014), estes quilombos enfrentam desafios para terem acesso à água, pois as cisternas ajudam a ter água para o consumo humano, já para o uso nas plantações e animais é necessário ir buscar em locais distantes onde tenham poços, açudes e/ou barreiros para suprirem essa necessidade.

---

<sup>45</sup> Atualmente, ainda se utiliza água do poço que fica no Grilo de Baixo e as mulheres transitam pelos caminhos até o poço como parte da rotina diária.

Fotografias: 33, 34 e 35.



Nos caminhos percorridos durante esta pesquisa observamos que muitos quilombolas compreendem que a água é um bem natural essencial à vida. As mulheres quilombolas do Grilo exaltam a importância da água para as suas vidas e como esta tarefa diária faz parte da história individual e coletiva das mulheres grilenses.

Nessa imersão, recordamos o seguinte trecho de uma marchinha de carnaval, “Lata d’água na cabeça, lá vai Maria, lá vai Maria. Sobe o morro e não se cansa [...] lá vai Maria! [...]”<sup>46</sup>, essa passagem retrata a dura realidade das mulheres que viviam na periferia. Assim como, Antônia, Leonilda, Judite, Palú, Josefa, Lourdes, Carlinda, Aquilina, Clarice, Regina, Rejane, Hosana, entre tantas mulheres do Grilo que ainda precisam carregar a lata d’água na cabeça. Equilibrando a lata com uma rodilha ou “rudía”<sup>47</sup> de pano para amortecer o peso da lata e não doer a cabeça e assim, subir ladeira e descer para garantir água em suas residências.

<sup>46</sup>Composição de Antonio de Pádua Vieira da Costa em parceria com Candeias Jota Junior. (CARVALHO, 2007, p. 6).

<sup>47</sup>“Rudía” é uma expressão popular usada na região nordeste. Significa uma corda de pano em círculo para acomodar e sustentar o peso da lata d’água na cabeça. (ANDRADE, 2006, p. 132)



**Fotografia: 36**



### **A Força que Nunca Seca**

Já se pode ver ao longe  
A senhora com a lata na cabeça  
Equilibrando a lata vesga  
Mais do que o corpo dita  
Que faz o equilíbrio cego  
A lata não mostra  
O corpo que entorta  
Pra lata ficar reta  
pra cada braço uma força  
De força não geme uma nota  
A lata só cerca não leva  
a água na estrada morta  
E a força nunca seca  
Pra água que é tão pouca

Podemos imaginar o quão fortes são essas mulheres, o quanto suas ancestrais percorreram caminhos e carregaram latas d'água na cabeça para suprir “as sedes” e provavelmente “as fomes.” Suas histórias complementam uma da outra, simbolizando o espaço real de muitas outras mulheres contemporânea a elas. Essas mulheres trazem em suas vozes, saberes da vida, superação, ensinamentos de outros, alteridade e muita força. Isso fica evidenciado no trecho da música<sup>48</sup> abaixo, o ato que dos seus esforços cotidianos representam para ela(s) e sua comunidade. As mulheres do Grilo passaram sua infância e adolescência carregando água em latas, potes de barro ou baldes perdendo muito tempo entre as idas e vindas pelos caminhos de chão acidentado e sol escaldante. Para ilustrar essa tarefa sacrificada apresentamos um ditado popular que diz: “Quem não pode com o pote não segura na rodilha”, realmente, carregar e equilibrar uma lata d'água na cabeça não é para todo mundo. Exige muita coragem, então, é melhor nem pegar a “rudia”, quem não tem habilidade para equilibrar e disposição para transitar com a lata d'água na cabeça pelos caminhos do Grilo.

Diante do protagonismo das mulheres grilenses que exercem a função de lideranças, mães, esposas, agricultora, entre outras funções tão importantes quanto. Ainda, carregam consigo a missão de transmitir os saberes, coletividade e ancestralidade. Essas mulheres quilombolas nos fazem refletir acerca dos processos individuais e coletivos de inserir-se nos espaços de cunho político como: associações comunitárias, bem como, nos diversos grupos que compõem as dinâmicas culturais e sociais do Grilo.

Ao imaginarmos as mulheres grilenses reunidas às margens do poço com “águas

---

<sup>48</sup> **A força que nunca seca** (2002). Composição da cantora Vanessa da Matta em parceria com Chico César.

ancestrais da memória”<sup>49</sup>, lembramos que é preciso recuperar a memória ancestral e permitir o fluir da tradição, do encontro e abundância de histórias e estórias, do velho e do novo, raízes e troncos, galhos e frutos, que conectam os descendentes aos saberes dos seus ancestrais e aos sentidos de cada pessoa da comunidade.

Restaurando e revitalizando o significado mais profundo contido nessas narrativas. O Grilo é a fonte, os mais velhos o poço de memórias e os jovens grilenses a renovação e continuidade, que precisam beber da água da fonte para poderem promover o diálogo da ancestralidade com os discursos contemporâneos.

Conforme Halbwachs (1994), baseado em Durkheim, não se trata da memória em si, mas dos “quadros sociais”<sup>50</sup> em que ela é produzida. Para o autor, a memória não é, fruto de uma utopia, mas do trabalho de (re) fazer, com ideias atuais, as experiências do passado. Não se trata de reviver o passado tal qual ele já foi um dia, mas de um esforço de (re) construção desse passado diante da atualidade. E nesse caso, ninguém melhor que o velho/ancião para cumprir a função social de lembrar.

Como podemos observar o sujeito no processo de rememoração não é desconsiderado, uma vez que, as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30).

Então o poço/cacimba do Grilo cheio de “lembranças de velhos”<sup>51</sup>, de mulheres guardiãs, guiadas pelo fluir das águas do poço, pela experiência e necessidade/sede de transmitir para os descendentes um caminho de muitas histórias e saberes que recompõem a tradição.

Esse é o poder e a força da tradição<sup>52</sup> que por meio da oralidade que é a forma de ensinar/falando e de aprender/ouvindo. Quando os mais velhos relatam acontecimentos vinculados ao lugar, o que viram ou vivenciaram, suas experiências, transmitem conhecimentos/saber e reelaboram novos saberes, contribuindo para a perpetuação da história

---

<sup>49</sup>Para os indígenas, a água é um ancestral sagrado. Das águas foram tecidos os corpos dos sentimentos. Assim, se os seres humanos podem se emocionar diante da vida, é graças ao espírito sagrado das águas, que é mãe e avó. É considerada a senhora da abundância e do amor por muitos povos nativos. Seja chuva, orvalho, lagoa, mar, lágrima ou cachoeira: é a fonte que tudo vivifica. MUNHOZ, Deborah. **Memórias de um ancestral sagrado**. Revista Ecologia Integral, Ano 3, n.12, jan. / fev. 2003, p. 30.

<sup>50</sup> Cf. “Os quadros sociais da memória” - Livro de base sociológica escrito por Halbwachs. Aborda sobre o ato de lembrar e que os quadros sociais atuam como referências para a constituição subjetiva de lembranças. (RIOS, 2013, p. 6).

<sup>51</sup> BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

<sup>52</sup> Os mais velhos primam pela tradição, os mais jovens celebram os reencontros e colaboram para permanecer. Há uns emaranhados de relações profundas de celebração com as reminiscências do passado já que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 30).

de seus antepassados e para o fortalecimento do sentimento de pertença.

Voltando ao grilo inseto que habita todos os lugares e passaria despercebido se não fosse o som que produz passou a fazer parte do imaginário local através das narrativas dos velhos da comunidade Grilo, moldando aspectos da resistência da memória e mantendo viva a tradição de transmitir de geração para geração<sup>53</sup>.

Portanto, poderíamos até fazer mais reflexões semióticas sobre o “cricri”, onomatopéia eloquente ou explorar a vasta gama léxica do grilo com o Grilo em questão, porém não é o intuito desta seção aprofundar a temática e por hora só faremos apontamentos sobre o porquê a comunidade adotou o topônimo Grilo.

É certo que, quando realizamos uma pesquisa etnográfica nos propomos sentir e ver o outro, se deixar afetar pelo desejo de captar os clicks, o cotidiano, imaginar as cores, sabores, os espaços e sensações. Estes elementos imagéticos e simbólicos se tornam “grilos poéticos” para a construção dessas subjetividades em movimento entre narrativa visual e textual.

### **1.3. APLAINEI! APLAINEI! ABRI “CAMINHOS”! TIREI A PEDRA DO CAMINHO DO GRILO.**

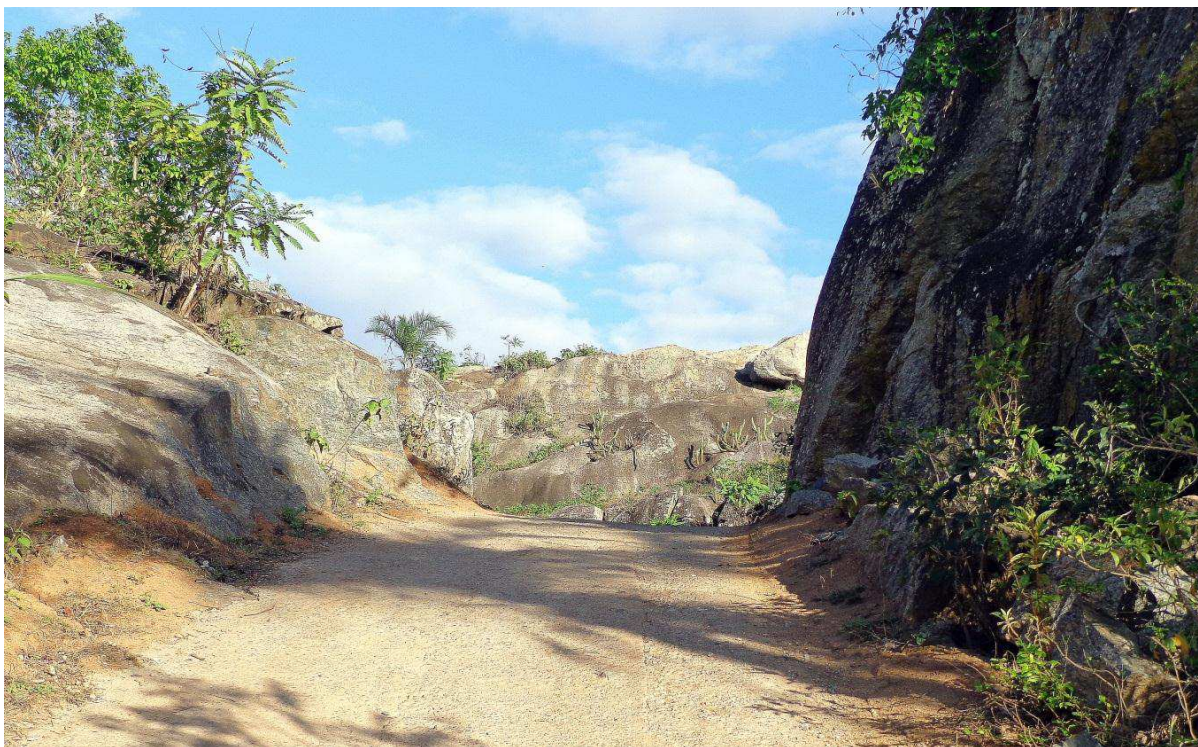
Um dia eu tava deitada, tinha chegado do roçado, porque eu batia muito roçado, eu sou meia doida, eu gosto de botar roçado grande, eu tava cansada, botando dobra de mato, cansada, eu sozinha não né, eu mais meu menino e meu marido né. Ai, eu me deitei um pouquinho, ai veio aquele negócio aqui no meu coração, assim na cabeça, na mente, e disse: Paquinha, tú vai olhar aquele caminho que dá pra tu passar ali, você vai passar carro ali, meu coração dizendo isso, num sei se era da minha cabeça, sonho, mas foi o coração que disse mesmo. Ai, eu fui e disse pra mãe, que mãe era tudo pra mim. Ai, eu disse: mãe eu vou trabalhar no caminho a partir de amanhã, eu vou fazer aquele caminho pra passar de carro.

(Paquinha, entrevista, 2016).

---

<sup>53</sup> Nesse aspecto, durante o período de convívio com a comunidade foi observado que os jovens escutam os mais velhos com suas histórias, os tem como referência, porém mesmo com as posturas e os comportamentos dos mais velhos estes jovens não demonstram apego a um determinado saber ou conhecimento. Não nos aprofundamos nessa temática tendo em vista que no presente momento não fazia parte do recorte da pesquisa.

**Fotografia: 37**



Nesta seção o título faz alusão ao livro (ISAÍAS, 57: 14) que integra o Antigo Testamento, cujo trecho original é: “Aplainem! Aplainem! Abram um caminho! Arranquem as pedras do caminho do meu povo.”<sup>54</sup> Este trecho bíblico trata dos tropeços/obstáculos que impedem o indivíduo de chegar próximo a Deus.

No caso da liderança Paquinha convicta dos seus propósitos consegue retirar os tropeços/obstáculos que impossibilitava o acesso até a comunidade. Ela deixou o caminho plano e com condições de passar veículos.

A partir do ponto de entrada para o quilombo, o caminho que dá acesso à localidade, no período da pesquisa estava melhor que em anos anteriores. Outrora não era possível chegar ao local de carro. Segundo Paquinha, o caminho antes era apenas uma trilha, “por onde se passava em lombo de burro ou cavalo, fora disso, apenas a pé era possível chegar ao Grilo.”<sup>55</sup> Só em 2014 foi possível a passagem de carro até a área central da comunidade quilombola, porém em períodos de chuva ficava impraticável subir o caminho de terra escorregadia.

---

<sup>54</sup> BÍBLIA SAGRADA. **Caminhada para Jerusalém**. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edição Pastoral, Paulus, 1990.p. 950. Velho Testamento e Novo Testamento.

<sup>55</sup> Atualmente, o Departamento de Estradas de Rodagem da Paraíba (DER/PB) iniciou obras de pavimentação da estrada que tem cerca de 1 km, do início da entrada de Serra Rajada até o quilombo do Grilo. A pavimentação esta sendo realizada com recursos do Programa Mais Trabalho do Governo Estadual. (AACADE, 2018).

**Fotografias: 38 e 39**



Através da narrativa de Paquinha descrita acima, notamos que seu sonho de futuro para a comunidade faz parte da sua identidade. Na expressão “sonho”, um substantivo que pode ser mudado, sem problemas, por um verbo que o represente como, por exemplo, almejar, construir, imaginar, idealizar, entre outros, mas nunca esquecer ou ter em mente o que significa e o que cada uma das palavras sinalizam dentro deste contexto: “coletivamente um futuro bonito para todos” (ULLOA FORERO, 2015)<sup>56</sup>. Paquinha movida por um sonho assumiu o papel de liderança de seu território e de sua cultura em prol de uma situação melhor/um futuro bonito. Assim, numa missão árdua como moradora, atuante, comunitária, ela produziu uma imagem que se tornou uma referência para suas decisões e ações.

---

<sup>56</sup>Cf. Metodologia participativa que derivou das práticas de Revisão de Experiências com Vista ao Futuro (REI-F) e que se constitui, segundo Forero at. al. (2016, p. 01), em um processo de construção gradual e consensual, de uma bonita imagem-horizonte [sonho bonito], seja de uma comunidade [...], uma organização, uma família, um coletivo ou situação atual.

Ela se tornou impulsionadora do seu próprio processo de mudança criando condições subjetivas para transformar em realidade um sonho que foi a retirada da pedra do caminho. A narrativa a seguir expressa o quanto é difícil a luta empreendida por Paquinha em sua condição de liderança comunitária quilombola,

Às vezes a matéria está cansada, mas eu peço forças para Deus. Se a gente não tiver muita fé em Deus a gente se perde no meio do caminho. Quem me dar essa força é Deus e Jesus. Se não fosse Ele eu não tava nem aqui, talvez eu já estivesse morta. Uns vivem matando e roubando os outros. Eu vivo do meu trabalho da minha história. (Paquinha, entrevista, 2017).

É certo que, falar de quilombos é falar de resistência, e por isso, é importante registrar o papel das mulheres nesse processo que é histórico, mas também contemporâneo. Historicamente, esses territórios não eram espaços apenas com referências masculinas em sua organização política, econômica e social.

As mulheres sempre foram importantes para sua estruturação, desenvolvimento e luta, tendo atuação efetiva dentro dos quilombos. Algumas mulheres assumiram o papel de liderança e protagonistas na luta quilombola dentro dessas organizações.

Neste contexto, surge uma nova realidade possibilitando a construção de territorialidades como forma de resistência e autonomia contribuindo assim, para autoafirmação e coletividade enquanto lideranças ativas do seu grupo social. E o protagonismo das mulheres negras não se restringe mais a um passado remoto e colonial.

A luta tornou-se contemporânea e a participação das lideranças quilombolas nos espaços de gestão, político e com as instituições governamentais, vem garantindo sua organização, inserção nos programas sociais e direitos constitucionais e adquirindo conhecimento sobre o modo de viver fora do âmbito do seu território quilombola (BRASIL, 2011).

São as mulheres quilombolas, lideranças no estado paraibano, que guardam memórias, saberes e inspira-nos a fazer essa viagem etnográfica e historicamente diferente. Um encontro, emocionante, afetoso, com o modo de viver de uma comunidade rural quilombola. Momento de imersão valorizando a voz e o papel de lideranças femininas na preservação da cultura tradicional e na organização da vida comunitária. Às lideranças femininas são principais responsáveis pela produção e manutenção das tradições quilombolas, como, por exemplo, a produção de louças de barro.

**Fotografia: 40**



E foi assim no quilombo do Grilo com Paquinha abrindo caminhos dentro e fora da comunidade. Enunciando o Grilo com sua história e potencializando suas ações políticas e de representatividade. Mesmo com as tensões e conflitos a liderança quilombola exprime suas narrativas carregadas de obstinação em superar as dificuldades quando diz: “eu vou fazer aquele caminho pra passar de carro”.

Expressando o desejo de tirar a comunidade do isolamento que se encontrava. Pois, não havia um caminho. O que existia era uma trilha em meio aos espinhos do mandacaru, do xiquexique e pedras enormes.

A noite era a hora que Paquinha podia trabalhar na trilha, pois durante o dia trabalhava nos afazeres da casa e no roçado com seus filhos e esposo. Ela pegava suas ferramentas e seguia para a trilha e começava arrancar os matos e quebrar pedras na tentativa de alargá-la. Um trabalho duro que só finalizava de madrugada quando seu corpo já esgotado não suportava mais o cansaço,

Abri a estrada com minhas próprias mãos. Quebrava as pedras à noite, às vezes até uma hora da madrugada, porque é mais fácil de quebrar quando a pedra pega a quentura do dia. Gastei quase R\$ 9 mil em brita e cimento e dois anos e meio para deixar o caminho bom pra passar. Deixei de ajeitar minha casa pra fazer isso. Fiz também porque fico muito triste vendo as famílias indo embora da comunidade por causa do isolamento que a gente vive. (Paquinha, entrevista, 2017).

E nesse espaço de tempo fomos conhecendo a luta silenciosa de Paquinha que ao longo dos seus 56 anos de existência, dezoito anos foram de trabalho pesado e atuação política dentro do seu grupo étnico. Na sua caminhada, muitas pedras ela encontrou e,



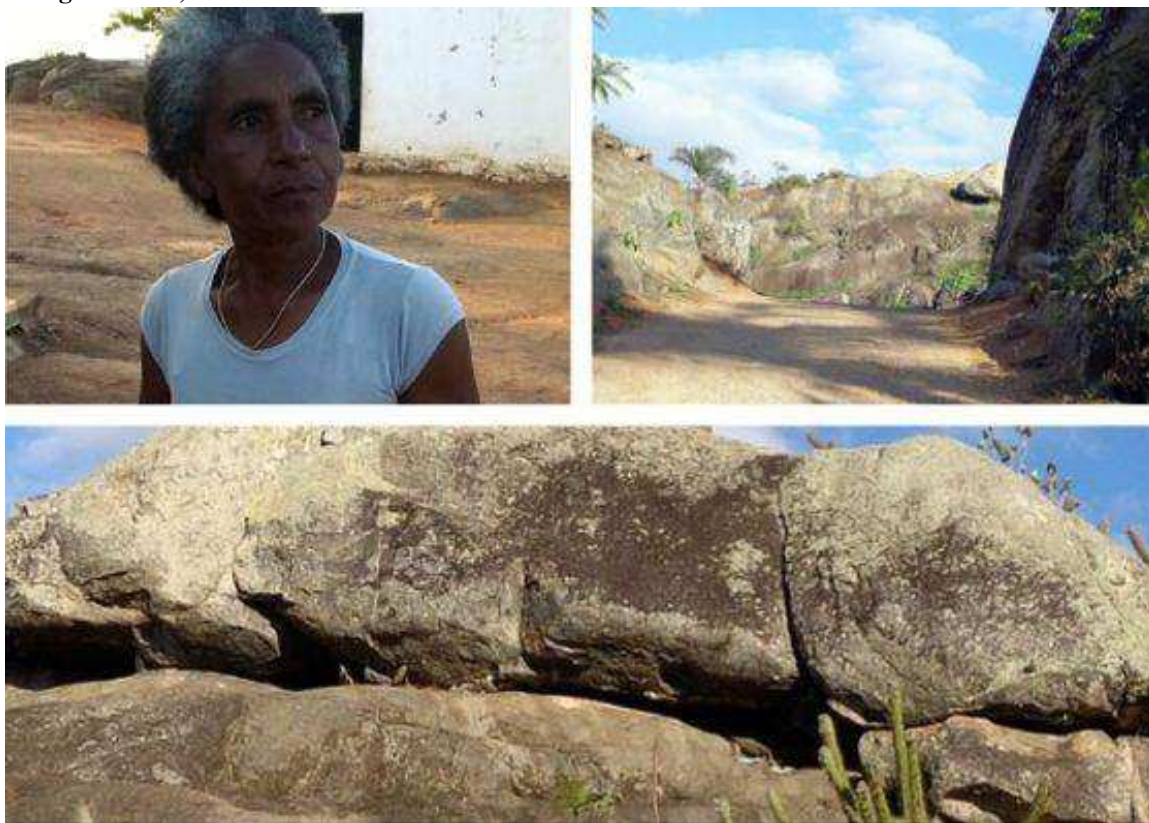
também muitos espinhos, porém sua fé é sua força para não se desviar do seu caminho. No trecho do poema “No Meio do Caminho” (ANDRADE, 1928), podemos pensar numa fusão imagética sobre o sentido “pedra” no caminho do Grilo e na vida de Paquinha,

### **No meio do caminho**

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra<sup>57</sup>.

O poema aborda “pedra” no sentido de obstáculos/problemas que as pessoas encontram na vida/caminho. No caso de Paquinha as pedras foram muitas. Uma mulher franzina, resistente, corajosa, teimosa resolve lutar e mobiliza-se para retirar a pedra/obstáculo/problema do meio do caminho melhorando o acesso até o quilombo.

### **Fotografias: 41, 42 e 43**



<sup>57</sup> Poema: ANDRADE, Carlos Drummond de. **No meio do caminho**. In: Revista de antropofagia, Nº 3, 1928.

Através de muito trabalho, suor e determinação Paquinha com pouco recurso consegue fazer serviços de infraestrutura e melhoria no que antes era uma trilha sem maiores acessibilidade transformando-se num caminho possibilitando o tráfego de veículos.

**Fotografia: 44**



Abriu-se um “portal” para “os de fora” conhecerem o Grilo. O caminho foi aplainado e não há mais pedra no meio do caminho. Paquinha deixa claro esse trabalho por meio do seu relato repleto de agruras do labor do seu corpo,

**Paquinha**<sup>58</sup>: quando eu comecei a trabalhar aqui eu tinha trinta anos né, já tem vinte anos, vinte e três anos de trabalho duro nestes caminhos, gastando energia, trabalhando de dia à noite, quebrando pedra sozinha, eu tenho marido e três filhos que diziam: “isso é coisa pra doido, pra governo Estadual, Federal, Municipal e não a senhora”. Mas eu batia de porta em porta pra ajeitar o caminho. Pra pelo menos passar de moto. Aí, eu comprei uma mata fiado, uma mata de angico fiado, arrepere só, comprei a vinte e cinco a mata pra derrubar, umas vinte e cinco quadras. Uma pessoa dizia no meu coração pra não parar que tu vai vencer. Aí, eu fui na prefeitura arrumar um caminhão, a prefeitura disse que não

---

<sup>58</sup> Entrevista realizada com Paquinha, em agosto de 2016, na sua residência.

tinha, aí, eu disse meu Deus!! Aí, tem Mauricio, ali embaixo que é um comerciante daqui, o maior é ele. Aí eu disse: Mauricio eu fui na... na casa de uma pessoa que tem uma fazenda ali, o caminho dava pra passar, eu disse eu tô com vontade de pedir umas pedras a ela, ela disse “pode tirar Paquinha, o que você quiser. Meti o pau a juntar pedra, ajuntei aquela ruma de pedra, aí, paguei pro cara botar no caminhão, eu mesma ajuntei sozinha, ajuntei as pedras, aí abri, peguei a foice, cortei o aveloi, pro caminhão passar. Aí, eu disse: Mauricio eu quero ajeitar aquele caminho aculá pra passar carro pro...pro lado da gente, que o carro vinha inté ali, mas pra cá não vinha, não dava pra passar, ficava até ali né, aí eu disse: Mauricio, tu bota minhas pedras lá? Ele disse: Paquinha deixa eu ter um tempo que eu mando bota tuas pedras, eu disse: tú bota por quanto? Ele disse: eu boto por cinquenta conto cada carrada... Aí ele botou quatro caminhão de pedras. Aí, eu peguei uma empreitada, um mato pra botar, uma empeleitada, o caba disse: Paquinha tu tem coragem de botar aquele mato? O caba disse: “tu tira a lenha pra tu, e eu pago à tu”. Era pouquinho dinheiro, noventa reais. Mai eu botei, eu queria botar, botei o mato, aí eu juntei esses noventa reais né, aí, um menino disse: “eu quero cinco milheiros de tijolos, tu bate cinco milheiros de tijolos?” Cinco milheiros de tijolos? Eu disse bato! Eu bati cinco milheiros de tijolos. Aí, foi que eu fiz esse dinheiro pra pagar a ele. ((referindo-se ao homem que transportou as pedras a pedido de Paquinha)).

Diante desta narrativa a filósofa e cientista política Hannah Arendt (2007, p. 15) em sua obra “A condição humana”<sup>59</sup>, nos auxilia a pensar acerca das narrativas da interlocutora. A autora caracteriza a condição humana como algo mais complexo do que as condições nas quais a vida foi dada ao homem na terra. Segundo a concepção desta de Arendt, todo homem é um ser condicionado, uma vez que tudo aquilo com que ele entra em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência.

A filósofa define o querer ou a vontade como fonte de ação, como um poder de começar espontaneamente uma série de coisas ou estados sucessivos e também como um poder de querer é capaz de ocasionar algo novo, e, assim, mudar o mundo. Em sua investigação a autora segue o caminho do sentido e os modos das atividades humanas e suas respectivas dignidades.

As narrativas de Paquinha são memória e identidade. Fenômenos que se juntam no plano discursivo diante da emergência de narrar a própria história para (re) elaborar suas lembranças de trabalho que estão vinculadas às práticas cotidianas como referência de uma sequência de eventos e ações fundamentais ligados à comunidade do Grilo. O que deixa claro, com toda essa descrição da comunidade Grilo, é que esse universo é espaço de saberes e cultura com bases firmadas no trabalho, especialmente na agricultura e, outros hábitos

---

<sup>59</sup>Na obra “A condição humana” Hanna Arendt apresenta, inicialmente, uma análise sobre o que é específico e genérico na condição humana através da compreensão das atividades: labor, trabalho e ação, as quais integram a vida ativa. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 15

culturais e sociais. Portanto, depois de quebrar as pedras liberando o caminho, dando início a novas mudanças dentro da comunidade, como por exemplo: construindo a igreja, criando a Associação dos moradores, abrindo uma escola de ensino fundamental, entre outras ações de suma importância para a organização sócio-política do Grilo. Ações estas que, emaranhadas a história de vida de Paquinha e ao trabalho tornaram-se uma mesma substância, ou seja, inseparáveis. O sonho de Paquinha não acabou. Ela precisa fazer andar um pouco mais a estrada para completar o seu caminho.

#### 1.4. E O QUE FAZ ANDAR A ESTRADA? É O SONHO!

O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.<sup>60</sup>

Fotografia: 45



---

<sup>60</sup> O sonho e as mudanças sucessivas da paisagem apresentam-se como marcos de resistência. A escrita do autor representa um impactante questionamento acerca da situação sofrida do povo moçambicano, atropelado por uma guerra civil que se seguiu à da Independência. COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 05.

Fotografia: 46



Sonhar com dias ou situações melhores é um compromisso de todas as pessoas que não se cansaram de persistir em lutas e objetivos, mesmo tendo cenários de adversidades reais e concretas. Que seria dos povos tradicionais sem sua persistência e resiliência? Assim, o sonho é sinônimo de fé de que ainda há esperança, o que também é mostrado na fala de Paquinha,

**Paquinha<sup>61</sup>:** Eu era chamada de doida, doida, doida, hoje me sinto realizada uma vitória para todos nós porque comecei sozinha, como você sabe, sem um centavo, com a cara e a coragem. Abri o caminho porque queria que desse para passar carro. E hoje, mesmo antes dessa obra de agora, já passava na comunidade caminhão e o ônibus escolar. A vida melhorou muito. Não somos mais isolados.

A narrativa de Paquinha expressa o sentimento de conquista e realização de um sonho. Depois de anos trabalhando no caminho do Grilo, Paquinha e os demais moradores grilenses comemoram a chegada da estrada pavimentada.

Para ela “um sonho que se torna realidade”, e nesse momento ficamos a imaginar quanto tempo Paquinha se dedicou ao caminho? Quanto tempo ela sonhou em ver passar carros e tirar a sua comunidade do isolamento? Quanto tempo ela ficou admirando a paisagem do caminho? Para atualmente vivenciar o movimento da estrada sendo construída. Assim temos a ideia de que Paquinha projetou a construção de uma imagem bonita e coletiva de futuro para o Grilo. Ela seguiu de uma trilha para um caminho e cada passo foi alimentando a estrada até concretizar o sonho.

Primeiramente, o sonho foi uma construção individual. Depois a continuidade tem o envolvimento de outros setores passando a ser uma ação conjunta. Cada ação para conseguir o que almejamos e idealizamos em conjunto, torna realidade um sonho e possibilitará abrir novos caminhos que servirá de referência para cada morador da comunidade pensar nos caminhos futuros (FUTUREO, 2016, p.12). Nas palavras do escritor Kundera (1990, p. 167), podemos diferenciar caminhos de estradas,

Caminho: faixa de terra sobre a qual se anda a pé. A estrada distingue-se do caminho não só por ser percorrida de automóvel, mas também por ser uma simples linha ligando um ponto a outro. A estrada não tem em si própria qualquer sentido; só têm sentido os dois pontos que ela liga. O caminho é uma homenagem ao espaço. Cada trecho do caminho é em si próprio dotado de um sentido e convida-nos a uma pausa. A estrada é uma desvalorização triunfal do espaço, que hoje não passa de um entrave aos movimentos do homem, de uma perda de tempo. Antes ainda de desaparecerem da

---

<sup>61</sup> Entrevista realizada em novembro de 2017, cedida à pesquisadora através de ligação telefônica.

paisagem, os caminhos desapareceram da alma humana: o homem já não sente o desejo de caminhar e de extrair disso um prazer. E também a sua vida ele já não vê como um caminho, mas como uma estrada: como uma linha conduzindo de uma etapa à seguinte, do posto de capitão ao posto de general, do estatuto de esposa ao estatuto de viúva. O tempo de viver reduziu-se a um simples obstáculo que é preciso ultrapassar a uma velocidade sempre crescente.

Nos caminhos e descaminhos de Paquinha o mais importante era executar a tarefa sem pensar no devido reconhecimento. Imersa no mundo da memória, escolhe os caminhos pelo qual quer percorrer. Ao caminhar por tanta gente que se negava abrir espaço para que os grilenses pudessem passar. Paquinha movida por um sonho, quando percebeu já estava num caminho sem volta. Ela deu sentido aos seus caminhos e retirou a pedra do meio do caminho do Grilo.

O caminho da interlocutora tem início no passado, na qual sua mãe Dona Dôra<sup>62</sup> é a lembrança mais importante, seu porto de memória/seguro. Era seu guia, a iniciou nos caminhos da vida, ensinou o sentido das coisas e lhe mostrou a importância de manter a história da comunidade do Grilo viva. Apegada às lembranças da mãe. Ela caminha pela trilha, devagar, a contemplar a paisagem e, percebe que precisa fazer dela um caminho. Um caminho pra passar gente, carro, jumento com carroça, pra ir e vir sem muitas dificuldades.

**Fotografia: 47**



---

<sup>62</sup>Dona Dôra, mãe de Paquinha. Também foi liderança na comunidade. Trabalhou fazendo panelas de barro e foi professora informal na escola da comunidade e parteira. Faleceu em 2012.

O seu trabalho se transformou em estrada, com pontos e contornos mais definidos, com margens limitando a paisagem. E até o ritmo mudou ficou mais acelerado. Paquinha levou dois anos e meio para abrir o caminho.

E hoje a estrada anda em movimento acelerado transformando a paisagem do Grilo com um toque de modernidade e, conseqüentemente diminuindo o tempo e espaço para que pessoas possam parar e observar a beleza natural da comunidade. Pois, as pessoas vão dirigir seus veículos mais rápidos, os pedestres vão ter pressa de caminhar. Não haverá contemplação da paisagem. Não haverá contemplação da história que está por trás do caminho. Haverá apenas a estrada que levará de um ponto a outro no vai e vem apressado de cada quilombola.

Nestas metáforas sobre o caminho e a estrada (KUNDERA, 1990), caminhamos pelas narrativas de Paquinha. A sensação que temos é ela alcançou seu objetivo. Deixando suas pegadas/territorialidades, demarcando assim, sua identidade étnica e comunitária e, conseqüentemente a identidade do território do Grilo.

**Fotografias: 48 e 49**





Mesmo que a metáfora estrada tenha como característica representativa um sentido mais objetivo/realista, enquanto o caminho nos aponta para uma representação mais subjetiva e nos faz pensar no sentido das coisas e da vida. É importante lembrar que a construção da estrada pavimentada também promoverá ao Grilo benefícios sociais e econômicos.

Retomando a expressão “A vida melhorou muito. Não somos mais isolados”, ela se refere a uma situação do passado contemporâneo da comunidade quilombola do Grilo quando seus moradores tinham pouca qualidade de vida no seu território. “Existia muitas dificuldades, não tinha caminhos e nem água, plantávamos em terrenos dos outros, sem acesso pra carro ou moto ficava difícil alguém subir aqui na comunidade ou mesmo a gente descer para fazer resolver algum problema.”

Neste contexto, as comunidades quilombolas incrustada no meio rural pelas suas características raciais e étnicas de suas populações se deu historicamente, de forma diferenciada. Pois, a escolha do lugar onde se organizou a comunidade quilombola Grilo coincide com as características apresentadas para justificar a preferência dos escravizados por lugares inóspitos e de difícil acesso, embrenhando-se nas matas a procura de refúgio.

Os que buscaram refúgios nas áreas rurais e de matas se isolaram das cidades temendo serem recapturados, uma vez que tinham medo que a Lei Áurea fosse revogada. (BARRETO, 2006). Desse modo, o termo “isolado” referido na narrativa de Paquinha vem presenciando atualmente a uma inversão na concepção ou maneira pela qual, parte importante dos quilombos contemporâneos vem tratando a questão do isolacionismo,

Contemporaneamente, portanto, [...] não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, constituem grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo. Neste sentido constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar filiação ou exclusão. (O'DWYER, 1997, p. 3)

Considerando, os relatos de outros interlocutores ouvidos durante a pesquisa o termo “isolado” foi referenciado quando se tratava da possibilidade do Grilo ter seu território e sua comunidade reconhecidos pelo Governo Federal e pela sociedade saindo assim da invisibilidade.

Em outra perspectiva, o termo “isolado” passou a ser compreendido como dificuldade/impedimento da comunidade do Grilo por estar em local de difícil acesso ver-se

impossibilitado de receber as políticas públicas de saúde e educação, por exemplo. Vale ressaltar, que os quilombos rurais e urbanos estão em processo de transformação vivem num outro contexto da sociedade brasileira permitindo que escolham definam os seus caminhos. Não podemos olhar estas comunidades com os olhos do passado. Não podem ser pensadas sob os dogmas tradicionais dos escravos que viviam oprimidos e submissos. Respeita-se nesses grupos sociais a autodefinição, territorialidade, coletividade e tradição. Bhabba (1998, p. 21), afirma que,

[...] o reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição 'recebida'[...].

**Fotografia: 50**



Desta forma, “as comunidades remanescentes de quilombos são espaços vivos de histórias” (SOARES, 2017, p.2), a formação e existência do quilombo resultam da visão de cultura, de homem e de lugar. Considerando as relações que se estabelecem, nesse processo, mediante vários discursos e percursos, que podem se configurar de ordem histórica, política, social ou cultural. A trajetória da comunidade quilombola do Grilo é parte deste processo. Com uma história marcada pelas cicatrizes da exploração e preconceito. Mas, no Grilo, também emerge a resistência, os valores culturais, religiosos e a altivez de um povo que se afirma como sujeito político dono de seu destino e com as rédeas para construir um caminho possível e bonito para o futuro de todos.

## CAPÍTULO 2 - DIÁRIO DE CAMPO VISUAL: TRILHANDO CAMINHOS DA PESQUISA EM ANDANÇAS NO QUILOMBO GRILO

Fotografias: 51, 52, 53 e 54



A pesquisa é feita de afetos, de vidas, há tantas interpretações, sensibilidades, tantas palavras, teorias e hipóteses. É hora de ir à campo **escre(vivências)**<sup>63</sup>. Grifo nosso.

<sup>63</sup> Palavras da pesquisadora. Utilização do conceito (**escre (vivências)**, **Conceição Evaristo, 2003, p. 06**) para narrar as histórias, experiências e conhecimentos. Visto que a escrita com imagens é completa em si, a imagem como objeto é complexa e carregada de símbolos e códigos que usamos para expressar as subjetividades, o contexto histórico e social, e de como percebemos o outro.

## 2.1 GRAFIAS E IMAGENS: DO DIÁRIO DE CAMPO À FOTOGRAFIA COMO RECURSO METODOLÓGICO PARA A PESQUISA EM HISTÓRIA

O objetivo desse capítulo é de apresentar o Diário de Campo Visual realizado durante a elaboração da pesquisa de mestrado, que teve como interesse um estudo de cunho qualitativo, com intuito de compreender as dinâmicas das relações e representações das práticas socioculturais tal como elas acontecem na Comunidade Grilo.

No processo da pesquisa, utilizamos câmera e celular como equipamentos fotográficos e caderno de campo como recursos para elaborar uma etnografia (primeira prática etnográfica).<sup>64</sup>, bem como, a primeira prática imagética<sup>65</sup>. Relatamos anteriormente, sobre a Comunidade Grilo e de como se deu a nossa inserção junto aos grilenses e o objetivo agora é expor os passos metodológicos realizados durante o desenvolvimento desta pesquisa, principalmente acerca das fotografias com as quais foram construídas uma escrita/narrativas imagéticas que mostram nosso percurso na comunidade quilombola.

As idas ao Grilo ocorreram entre 2016 a 2017, davam-se aos finais de semana, em determinada fase da pesquisa passamos a semana na comunidade para participar do cotidiano<sup>66</sup> dos interlocutores/as, facilitando assim, compreender essa temática para a realização desta dissertação. Participaram da pesquisa 25 interlocutores adultos, entre homens e mulheres, as crianças aparecem na pesquisa, mas com elas não realizamos entrevistas apenas as observamos e fizemos os registros fotográficos.

---

<sup>64</sup> De acordo com Magnani (2009, p. 13), há diferença entre a “experiência etnográfica” de “prática etnográfica”. No tocante a “experiência etnográfica” é considerada uma pesquisa de campo de curta duração que pode durar algumas horas, uma semana, sem planejamento prévio. Já a prática etnográfica exige do pesquisador (a) planejamento, uma regularidade nas idas à campo, que permite criar laços de sociabilidades com as pessoas e o lugar onde se desenvolve a pesquisa. No caso, da pesquisa em questão o que ocorreu foi uma “prática etnográfica”, tendo em vista o tempo que permanecemos (vivência) na comunidade e as relações estabelecidas com os interlocutores.

<sup>65</sup> A primeira vez em que a pesquisadora utiliza as fotografias como fonte para uma pesquisa científica sob o viés da História Cultural.

<sup>66</sup> Nessa perspectiva, pensar as práticas socioculturais de uma comunidade quilombola rural contemporânea é ir além, do que geralmente compreendemos como cultura. Significa pensar sobre todas as suas dimensões. Como representação de um modo de vida, as experiências individuais e coletivas. E para isso, é necessária a imersão no cotidiano em que ocorrem as peculiaridades. Ou seja, o lugar, o trabalho, as relações entre seus pares e os valores entre outros que envolvem a vida humana e comunitária. Para apreendermos sobre a dimensão do termo “cotidiano” nos ancoramos no filósofo húngaro Lukács (1966a, p.12) que “define o cotidiano como o campo do qual brotam todas as objetivações superiores da humanidade e para onde retornam, enriquecendo-o. [...] a consciência do homem comum”.

Estar aberto/a as experiências em campo não é um estar apenas em relação aos grandes eventos, mudanças de rumos, metodologias, teorias ou pessoas. Mas estar atenta e aberta a forma que a vida se atrela ao cotidiano e cria forma de ser no mundo. Acordar, passar o café, impregnar a casa com esse cheiro, ouvir os pássaros cantarem, ver as galinhas “ciscando” o quintal, o ritmo, o céu, o ar, e a temperatura. Todas essas experiências com o mundo, não apenas as pessoas compõem vidas e caminhos.

Num primeiro momento fomos estabelecendo laços de sociabilidade<sup>67</sup> e conhecendo cada um daqueles/as que iriam ser nossos interlocutores/as. Fomos encontrando-os/as em suas casas ou éramos recepcionados na casa de Paquinha uma das lideranças da comunidade.

Essa experiência humana nos fez pensar um pouco na contra mão de alguns teóricos e intelectuais, principalmente das áreas das Ciências Humanas e Sociais, que ainda encontram-se nos “tradicionais” estudos dos aspectos referentes à experiência humana, nas produções culturais e sociais do “entendimento”, e por isso, reabilitamos à “moda antiga” do sentir, mais especificamente, da “sensibilidade”<sup>68</sup>, que é a expressão que define a nossa abordagem, porém sem sair dos trilhos das abordagens científicas.

Inicialmente, fomos levados a algumas reflexões sobre a forma como obteríamos as informações de campo necessárias para compor esta pesquisa. Então, o modo de apreender o trabalho de campo foi deixar-nos afetar. Isso mesmo! Seremos afetados pela comunidade Grilo e as pessoas que ajudaram a construir este trabalho.

Logo, tais pensamentos sobre “sentir”, “ser afetado”, passaram a “incomodar”. Sabíamos que o caminho era esse, mas quem iria dar suporte teórico para o devido embasamento à noção de “sensibilidade” e “afeto” na pesquisa? Então, investigamos, procuramos, garimpamos, até que encontramos! Precisavamos urgentemente, desse embasamento teórico, para percorrer um caminho não tão tradicional, quando se pretende a produção científica do conhecimento. Pois, sentir e deixar ser afetado/a pelas subjetividades do outro, talvez nunca tenha sido uma “preocupação de alguns historiadores”<sup>69</sup>.

O interesse em trabalhar estas categorias vem desde a graduação. Ao rememorar leituras sobre as temáticas lembramo-nos da historiadora culturalista, Sandra Jatahy Pesavento considerada um pilar teórico nos estudos da História Cultural<sup>70</sup> e do mundo da sensibilidade. Revisitamos seus textos e escritos. Encontramos neles a “brecha” que precisavamos para falar de “sensibilidade”, que tornou-se um termo tão pertinente aos

---

<sup>67</sup> Além da vida em grupo, “toda a comunidade requer uma organização por meio de regramentos (jurídico, social, cultural, econômico, religioso, etc.), e isso só é possível com a manutenção dos laços de sociabilidade, o convívio de uns com os outros, onde todos os indivíduos de forma coletiva passam a agir”. Segundo, ARENDT, “Entre o Passado e o Futuro”, p.257.

<sup>68</sup> Segundo Sandra Jatahy Pesavento (2007), “[...] a leitura das sensibilidades é uma espécie de leitura da alma. (p.14).” A escrita na história das sensibilidades é um desafio em nossas pesquisas, mas que Pesavento nos mostra que é através da experiência pessoal aliada as experiências humanas vivenciadas é possível historicizar e compartilhá-las em momentos históricos distintos.

<sup>69</sup> Tratamos de historiadores/pesquisadores tradicionais com base de conhecimentos totalitários e pragmáticos.

<sup>70</sup> Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy. “História e história cultural”. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 120 p.

estudos atuais da História Cultural<sup>71</sup>, permitindo aos historiadores terem uma forma de apreensão do mundo, para além do conhecimento científico.

Nesse sentido, Pesavento (1995, p.15) já demonstrava uma preocupação através dos seus estudos e transição historiográfica<sup>72</sup> como questões acerca das representações e do imaginário social,

O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição de realidade [...] As representações objetais, expressas em coisas ou atos, são produto de estratégias de interesse e manipulação.

Desta forma, Pesavento contribuiu para refletirmos sobre o objeto de estudo, para além de uma perspectiva descritiva, quantitativa e/ou positivista. Para que o historiador/a utilize-se de estratégias metodológicas voltadas para o sensível, as representações, o imaginário e buscando a interdisciplinaridade no desenvolvimento das pesquisas científicas de cunho sociocultural.

Com a avaliação dos novos “moldes”<sup>73</sup> de se fazer a pesquisa empírica, o texto historiográfico passa a ter cada detalhe valorizado. O leque de temáticas é ampliado e surgem novas possibilidades epistemológicas e metodológicas. Como por exemplo, os estudos sobre o sujeito e o cotidiano que passam a fazer parte dos temas abordados pelos teóricos da História Cultural, mais especificamente, nesse caso, Pesavento e seus estudos acerca da cidade e o urbano.

O termo sensibilidade surge inserido no campo semiótico<sup>74</sup> como uma produção social dialética e de natureza histórico-cultural para propor uma compreensão ontológica do sentido. A partir da análise de realidades que se constituem reciprocamente para

---

<sup>71</sup>Embora algumas narrativas históricas já apresentassem situações e contextos que poderiam ser percebidos como “culturais” nos séculos XVIII e XIX, a História Cultural toma corpo teórico apenas no início do séc. XX, com a escola dos Annales, na França. Ela surge como uma espécie de reação ao positivismo na Ciência Histórica, que dava excessiva ênfase na revolução da verdade, nos documentos oficiais e nos “grandes” nomes da política. A História Cultural passa a evitar o absolutismo e o relativismo teóricos. Ela passa a valorizar narrativas, a respeito da mentalidade, alteridade, das práticas e das representações populares do indivíduo e do coletivo. Para saber mais ver: MOURA, Denise A. Soares de. **Revista de História**, n. 133, p. 147-151, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18780/20843>>. Acesso em 14 abr. 2019.

<sup>72</sup> Do marxismo para a História Cultural.

<sup>73</sup>Nos anos 90, temos a influencia da Escola dos Annales e escola Francesa, do neomarxismo inglês, mais recentemente, da Micro-História Italiana e da Nova História Cultural. Ver: DANTAS, Simone Aparecida Borges. **História e Historiografia nos séc. XIX e XXI: do cientificismo à Historia Cultural**. Disponível em: <[http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(51\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(51).pdf)>. Acesso em 26 mar. 2019.

<sup>74</sup>Cf. Barros (2003), “Um texto pode se apresenta tanto linguístico, indiferentemente oral ou escrito, quanto visual, olfativo ou gestual, ou ainda, um texto em que se sincretizam diferentes expressões como quadrinhos, nos filmes, ou canções populares”. BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 18.

entendermos as relações entre os agentes sociais, consideraremos o caráter de indivíduo como protagonista que atua e carrega uma condição subjetiva que busca sentido na ação.

Assim, segundo a historiadora,

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos. Nesta medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida. Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real<sup>75</sup>.

Dito isto, é com a concepção de sensibilidade, muito utilizado atualmente pelos pesquisadores da História Cultural, que queremos encaminhar este trabalho. Por meio da sensibilidade foi possível apreender o *locus* da pesquisa, conhecer os personagens sociais, sentir o Grilo em imagens, como eles lidam com sua cultura, com sua identidade e as subjetividades quilombolas na atualidade. Desse modo, buscamos nos apoiar numa metodologia que pudesse alcançá-los.

Assim, fazemos também algumas reflexões sobre o modo como as informações de campo foram obtidas, e não poderia ser diferente, a não ser deixarmos-nos afetar pelo Grilo. Pois então, estávamos afetados pelas falas, pelos atos, pelas coisas que compõem o cotidiano da comunidade. Na verdade, passamos a ser parceiros dos grilenses interlocutores/as imersos nesse universo que fala através das ações do dia a dia.

Buscamos por este lugar no universo e traduzimos o Grilo em narrativas imagéticas. E assim, conhecer os deslocamentos vivenciados, os modos de produzirem-se, as novas percepções, outros modos de compreender e ver o mundo. Sujeitamo-nos às descobertas, ao encontro de outras vozes, às trocas estabelecidas, nos conectamos como o universo do Grilo ao nosso redor.

A primeira parte desse processo foi realizar um aprendizado teórico com leituras

---

<sup>75</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 58.

teóricas históricas, sociais e antropológicas e mais detalhadamente na questão da história visual e antropologia visual, bem como um levantamento bibliográfico sobre as temáticas.

Contudo, é importante explicitar que hesitamos muitas vezes, no tocante, ao desafio de fazermos uma “observação participante” e “sermos empático”, para nós tornou-se obstáculos antes de ir a campo de fato. Se pegarmos o termo “participante” a indagação que fizemos foi: Quem participa? Quem faz a pesquisa ou o informante? Bem, deduzimos que o informante é quem participa do trabalho em questão. E a participação do pesquisador? Outra questão perturbadora, mas quanto a este entendimento, “participar”, implica em estar lá, e observar o mínimo necessário para realizar uma observação que satisfaça as questões levantadas no processo da pesquisa.

Portanto, o que seria mais importante observar ou participar? Se “participar” o trabalho de campo poderia ser levado ao nível pessoal a ponto de torna-se uma aventura? Se “observar”, mas mantendo uma distância como propõem alguns teóricos poderíamos perder algumas informações pelo fato de não observar mais de dentro/ativamente? Esses questionamentos permearam esse início do trabalho de campo e ficamos um tempo sem saber qual seria o melhor caminho. Mas, sabíamos que seríamos afetados e refletimos sobre as possíveis consequências epistemológicas na escrita da referida dissertação.

Porém, os questionamentos só ganharam interesse investigativo. Surgiu a necessidade de explorar formas diferentes de produzir conhecimento e, não tinha outra jeito que buscar estabelecer laços com as experiências dos interlocutores desta pesquisa, procurando formas de contar e investigar no campo das Ciências Humanas, unindo-se a outros campos do saber (local ou científico).

Nesse sentido, por ser a primeira prática de pesquisa de campo. Ainda não sabíamos como fazer, e nem tínhamos esclarecidos todas as inquietações e obstáculos deste trabalho de campo. Ao assumir a perspectiva de realizarmos uma narrativa visual como abordagem metodológica, ficamos receosos quanto aos riscos e desafios que teríamos se seguíssemos por esta direção. Mesmo levando em consideração as formas diferenciadas de produzir conhecimento e apreender sobre as coisas do mundo, não perder de vista o rigor científico exigido no âmbito acadêmico também preocupava-nos.

Todos esses fatos fizeram-nos surpreender com as escolhas metodológicas e o “participar”, acabou tornando-se instrumento de conhecimento. Devido ao relevante fato de estarmos relacionando-nos com as vivências de um grupo étnico, em espaço dinâmico e com relações conectadas com a ancestralidade.



Essa é, pois, a forma para apreender acerca desse universo quilombola. É necessária a “sensibilidade”, sentir este núcleo de percepções, emoções, valores e interpretações da experiência humana, que surge do íntimo de cada protagonista social. Apesar de algumas dificuldades encontradas pelo caminho, a experiência foi riquíssima gerando as reflexões e questionamentos a partir da convivência e aprendizado com homens e mulheres do Grilo que, mesmo com as dificuldades para sobreviverem da/na terra, ainda resistem e persistem. A partir do trabalho com a terra, (re) constroem suas histórias, reproduzindo-se cultural, social e biologicamente.

Para uma maior compreensão sobre essas escolhas, assim como, recorremos a Pesavento (2003, p. 57), que nos aponta para a preocupação e reflexões dos historiadores sob o viés da História Cultural com as sensibilidades e subjetividades. Revisitamos os estudos da Etnóloga Jeanne Favret-Saada (1990)<sup>76</sup>, para tratarmos brevemente sobre “ser afetado”, como mencionado anteriormente.

Com Favret-Saada, aprendemos que ser afetado não tem a ver com sentimento, emoções ou ter empatia pelo grupo estudado, mas implica em deixar-se envolver por uma compreensão de mundo diferente do/a pesquisador/a, ou seja, para a etnóloga, no trabalho de campo, no caso, do lugar de fala dela, o antropólogo deve permitir-se apreender formas de vida diferente.

Então, ela defende que ser afetado não significa ter empatia em campo. O pesquisador não precisa estar no lugar do outro, mas ao contrário, é necessário ocupar o lugar onde o outro vive, vivenciando o seu dia-a-dia. Nessa situação, fica mais clara a reflexão que Favret-Saada (2005, p. 159-160) faz ao discorrer sobre ser-afetado no trabalho de campo e nos diz,

Mas – e insisto sobre esse ponto, pois é aqui que se torna eventualmente possível o gênero de conhecimento a que visio –, o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetada por ele abre uma comunicação específica com os nativos: uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não. [...] Ora, entre pessoas igualmente afetadas por estarem ocupando tais lugares, acontecem coisas às quais jamais é dado a um etnógrafo assistir, fala-se de coisas que os etnógrafos não falam, ou então as pessoas se calam, mas trata-se também de comunicação. Experimentando as intensidades ligadas a tal lugar, descobre-se, aliás, que cada um apresenta uma espécie particular de objetividade: ali só pode acontecer certa ordem de eventos, não se pode ser afetado senão de um certo modo.<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> Coordenadora de Pesquisas na École Pratique des Hautes Études (EPHE). Contato: [favs@club-internet.fr](mailto:favs@club-internet.fr)

<sup>77</sup> FRAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Cadernos de Campo, n. 13, 2005, p. 155-161.

Portanto, ser afetado em campo é obter um conhecimento diferenciado e historicizado do lugar ou do grupo que estar sendo estudado. É perfeitamente aplicável na prática de campo e que as teorias não devem ser desprezadas, mas que a experiência humana precisa ser considerada “resgatando” a sensibilidade nessa relação do pesquisador/a e seu “objeto” de pesquisa.

A verdade é que fomos afetados como sugere Favret-Saada. Mas, não podemos desconsiderar as questões vivenciadas e o envolvimento emocional com as histórias ouvidas durante o tempo que estivemos com os/as interlocutores/as grilenses. Muitas vezes a emoção permeou situações ouvidas e fotografadas. Como se tornar neutro nesses momentos? Como ficar isentos/as para não sermos tendenciosos/as? Foram questões que surgiram a partir dos primeiros dias indo ao Grilo e que provocaram reflexões sobre a temática. Resolvemos deixar que essas questões ditassem um pouco o ritmo do trabalho de campo. A emoção, sensibilidade e o ser afetado estão presentes na tessitura deste texto e na metodologia empregada para a realização do trabalho de campo.

Acreditamos que a pesquisa científica nesse tocante pode ser realizada nos moldes como propõe Pesavento e Fravet-Saada. Entretanto, o afeto e o ser sensível, no sentido tradicional da palavra merecem espaço no âmbito acadêmico para reflexões dentro das pesquisas históricas e antropológicas.

E juntos dos interlocutores sociais grilenses a tarefa foi bem delicada, no campo a inserção da pesquisa através do método da Antropologia Visual<sup>78</sup> aliado à História, mais especificamente a História Visual nos fez adentrar no Grilo e demos início a tentativa de apreensão deste universo quilombola à nossa volta.

No caso específico desta pesquisa, o intuito foi relatar a experiência tida na atividade de campo, integrando a metodologia da Antropologia Visual (Fotoetnografia) enriquecido com o olhar do historiador/a (Histórico-Cultural), pela análise da fonte imagética, a fotografia. Nessa escolha metodológica, a fotografia foi utilizada como instrumento de registro principal. Foram produzidas cerca de 3000 fotografias. Que retratam os modos de vida do Grilo que criaram uma forma de sociabilidade específica.

Com o intuito de mapear os passos metodológicos trilhados e guardar informações sobre o Grilo, um diário de campo com textos e desenhos foi construído para o trabalho de

---

<sup>78</sup> Cf. Achutti (2004, p. 78) A Antropologia, aos poucos, desvencilhou-se das características hierarquizantes e etnocêntricas que possuía inicialmente, tornando-se uma ciência que tende, acima de tudo, a descrever e a interpretar o comportamento humano da forma mais próxima possível da realidade e da palavra Outro. (A Antropologia Visual é uma disciplina da Antropologia que proporciona métodos para de pesquisa com imagens estáticas ou em movimento).

campo. Na verdade, produzimos “04 diários” ao longo da pesquisa. Com recortes, textos, desenhos, leitura e releituras, signos e significados.

Num primeiro momento encontramos-nos com os interlocutores grilenses, nos deixamos ser afetados, sem pesquisar, fotografar, compreender e nem se quer guardar informações. Com a aproximação foi possível perceber com sensibilidade o que é ser quilombola no Grilo. O cenário com paisagem rural, onde esta cravada a comunidade Grilo favoreciam-nos ao encantamento e inspiração para realizar os registros fotográficos e acompanhar o interlocutor/a para observá-los/as em suas ações e gestos durante sua jornada de trabalho.

Por onde caminhávamos íamos fotografando. Este ato de fotografar durante o percurso ajudava traçar os trajetos realizados junto aos interlocutores e exploração do território-lugar do Grilo. Todo esse movimento foi pensado para aproximar-se de forma discreta, porém mais estreita e de câmera na mão era mantida uma relação quase confidencial entre observador/a e observado/a.

Nesse momento de chegada sentimos que havia vários véus socioculturais, sentimentais, conflitos, aceitação, entre outros, para serem revelados. E com aproximação o inevitável aconteceu: fomos atraídos pelas “energias” e “fios vitais”<sup>79</sup> que envolvem o lugar, os “humanos e não humanos”<sup>80</sup>, e o interesse em estar no Grilo para pesquisar só fez aumentar. Quanto as anotações. Elas vieram depois já em casa. Era o momento de exercitar o ato de escrever<sup>81</sup> sobre as impressões de uma experiência vivenciada no Grilo e com as pessoas do lugar. Traçar o roteiro e imergir no campo desta investigação. Porém, a intensidade de determinados acontecimentos impedia-nos de tomarmos notas nesse

---

79 Há decerto um precedente dessa visão da coisa como uma reunião no significado antigo da palavra: um lugar onde as pessoas se reúnem para resolver suas questões. Se pensarmos cada participante como seguindo um modo de vida particular, tecendo um fio através do mundo, então talvez possamos definir a coisa, como eu já havia sugerido, como um "parlamento de fios". Assim concebida, a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas. (INGOLD, 2012, p. 29)

<sup>80</sup> Para fundamentar esses conceitos, o antropólogo Tim Ingold (2012) traz a ideia de que o mundo que vivemos é composto por coisas e não por objeto, o autor usa como exemplo a condição de uma árvore. Ele destaca os elementos que compõem esse vegetal e as relações que ocorrem entre eles e a árvore e entre ela e eles, desde os insetos, a casca da árvore, os pássaros e seus ninhos, em fim, todo o movimento que faz com que a árvore seja árvore na sua plenitude. Seria então, esse movimento o que lhe conferiria o status de coisa (árvore viva) e não de objeto (árvore morta), isto graças aos elementos que a compõem num “[...] agregado de fios vitais” (INGOLD, 2012, p. 29).

<sup>81</sup> Michel de Certeau (2002) expõe acerca da prática escriturística provocando reflexões sobre a escrita como um fazer legitimador da alta cultura, em sentido oposto à história construída e difundida a partir da oralidade. Nesse caso, estamos trabalhando com o visual. Mas, a nosso ver, uma das questões que desperta nosso interesse são pelas considerações de Certeau, quando diz respeito à prática da escrita como um modo de relação reflexiva do sujeito com o mundo em que está inserido.

primeiro contato. Ao descarregar as imagens no computador horas e horas eram dedicadas ao ato de olhar para as fotografias produzidas. Esse processo era prazeroso, lembrar cada momento, cada encontro, fala, e assim, explorar cada elemento contido na fotografia e buscando as ligações possíveis com a teoria e a prática de campo.

Quando nos propomos escrever, é mencionar nesse processo o contato com a página em branco. A relação entre pesquisador/a e a página em branco (não foi uma relação fácil), por um determinado tempo ocorreram ausências de escritas e presença demasiada de imagens na mente povoando a imaginação acerca da construção desta dissertação.

Não é à toa que o poeta paulistano Mário de Andrade (1993)<sup>82</sup> resume perfeitamente o ato de escrever. “Escrevo sem pensar, tudo o que o meu inconsciente grita. Penso depois: não só para corrigir, mas para justificar o que escrevi”, é difícil escrever; principalmente quando este ato representa “liberta-se”, “permitir-se”, deixar que outros nos conheçam, como pensamos, o que defendemos, como olhamos as pessoas e o mundo, é exteriorizar sentimentos e crenças. É um quase despir-se para o outro que irá ler estas linhas.

Demoramos a ordenar o mundo que se encontrava na mente. Estabelecer ordem na desordem é uma tarefa árdua. É a possibilidade de apreender algo ou sobre alguém. É transferir para a folha em branco a relação entre sujeitos (pesquisador/a e interlocutores/as), e essa relação baseia-se no domínio e conhecimento de uma escrita. Assim, como ordenar os inscritos e escrever essa relação estabelecida com o lugar e os interlocutores grilenses? Como interagir nesse espaço em branco? Como trabalhar essas subjetividades?

Só podíamos pensar num caminho. O diário de campo<sup>83</sup>. Produzir notas reflexivas, tecer os comentários sobre determinadas situações/momentos experienciados. Situar cada interlocutor/a e suas narrativas nas páginas do diário de campo. Criar locais de questionamentos. Produzir imagens. Dialogar com as inúmeras vozes que permeiam essa pesquisa. E assim fomos traçando a escrita onde se pensa só, mas não age sozinho/a.

---

<sup>82</sup> ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**: edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

<sup>83</sup> Cf. Pedro Demo (2012) “[...]. O analista qualitativo observa tudo, o que é ou não dito: os gestos, o olhar, o balanço, o meneio do corpo, o vaivém das mãos, a cara de quem fala ou deixa de falar, porque tudo pode estar imbuído de sentido e expressar mais do que a própria fala, pois a comunicação humana é feita de sutilezas, não de grosserias. Por isso, é impossível reduzir o entrevistado a objeto (p. 33)”. Também recordamos Geertz (2008), acerca da importância do diário de campo. Segundo ele “a descrição deve ser densa para diferenciar as expressões, espaços, tempos, saberes e regras de um grupo social, interpretando melhor os significados culturais”. Porém, não fomos tão densos assim na perspectiva trabalhada pelo autor. Com relação a nossa escola nos aproximamos com as reflexões de Macedo (2010), que diz: “O diário além de ser utilizado como instrumento reflexivo para o pesquisador, o gênero diário é, em geral, utilizado como forma de conhecer o vivido dos atores pesquisados, quando a problemática da pesquisa aponta para a apreensão dos significados que os atores sociais dão à situação vivida. O diário é um dispositivo na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista (p. 134)”.

Então, o diário de campo passou a fazer parte da construção desta pesquisa como uma ferramenta de registros na apreensão dos vários episódios etnográficos no campo, cúmplice de uma relação conflituosa com a escrita. Carregado de palavras que se tornaram imagens e dono das nossas reflexões e inquietações. Através dele evocamos movimentos de vidas cotidianas, relatos, lugares, objetos, imagens e palavras, bem como, adentrarmos em outras áreas<sup>84</sup> do saber para dar materialidade e ideia de como é o Grilo e como são as pessoas em seu cotidiano.

Nessa inquietação, através do uso das fotografias diárias e considerações ainda primárias sobre os dias de campo no Grilo, “pessoas da família”, amigas/os, professores, orientador e outros pesquisadores acompanharam esse trajeto na comunidade quilombola (alguns já foram ao Grilo/outros já ouviram as histórias colhidas em campo). Ir a campo é fazer muitas perguntas e obter poucas respostas, muitas palavras e teorias. Mas vivenciar, ser afetado pela prática de campo, interagir com as pessoas do Grilo, é diferente de tudo que aprendemos na universidade. Muda-nos completamente.

O diário de campo, então passou a ser pensado de varias formas: organizar os pensamentos, tomar notas de quase tudo, fragmentado ou não, mas tudo era escrito para ser lembrado depois. Recortes, leituras e releituras de formas diferentes, que poderiam fazer ou não nenhum sentido. Unir imagens, desenhos, mapear o Grilo. Deixar as anotações/informações na ordem ou desordem, tanto faz, o que importava era se no final do dia conseguiríamos decifrar o que foi vivenciado no campo. O Grilo no diário de campo tornou-se um território visual<sup>85</sup> e o discurso sobre o visual aguçando nossas mentes para o exercício da interpretação. Um lugar com pessoas, cheiros, objetos, artefatos, aproximações e distanciamentos, crenças, gostos, modos de ser e ver.

O diário de campo foi constituindo-se, e permitiu o fluir de ideias e reflexões sem ser um exercício enfadonho. Passou a ser o local onde habitaram as experiências vividas e de como foram vividas. Tornou-se um objeto de varias vozes. Com caminhos por onde muitos transitaram. Assim, o ato de pesquisar no/do/com o cotidiano pode ser comparado ao ato de “catar feijão” uma tarefa muito realizada pelas mulheres do Grilo, é sempre um ato de escolha. Nesse sentido, entre tantas escolhas e análises sobre essas escolhas, o

---

<sup>84</sup> História, Antropologia, Semiótica, Psicologia, Sociologia, Geografia, Educação, entre outras.

<sup>85</sup> O território visual, como conjunto ilimitado de imagens, disponibilizado por uma frenética circulação e exposição, condiciona um mecanismo de sedução, fascinação e construção de modos de ver. Cf. COSTA, Silvia Carla Marques. **Poéticas de ensino articulação reflexiva entre o território visual e subjetividades na licenciatura em Artes Visuais**. Disponível em: <[https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2012-101\\_Poeticas\\_de\\_ensino.pdf](https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2012-101_Poeticas_de_ensino.pdf)> Acesso em: 21 mai. 2019.

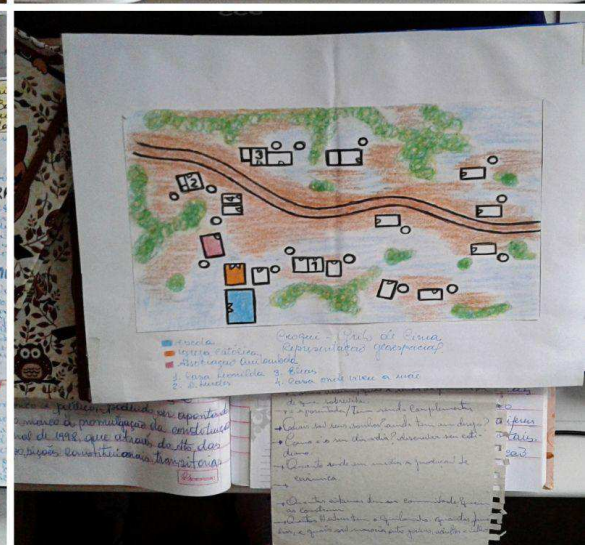
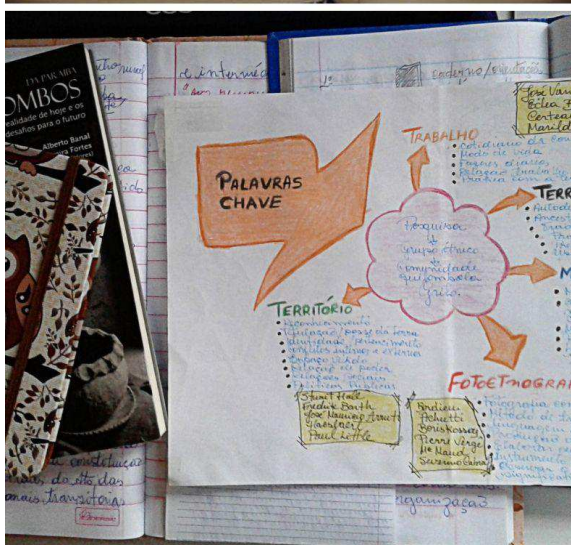
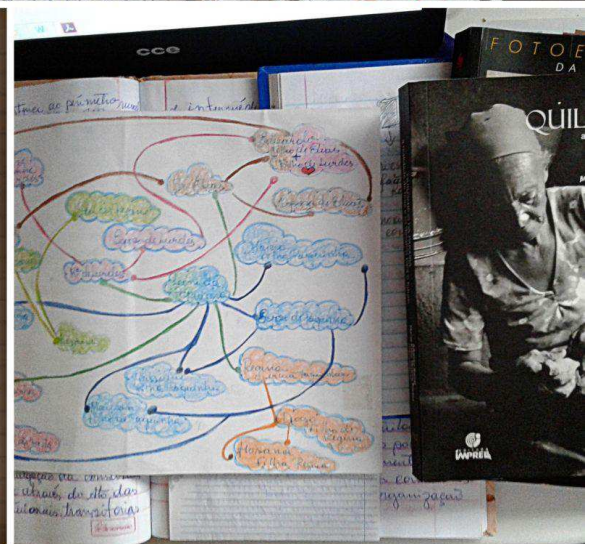
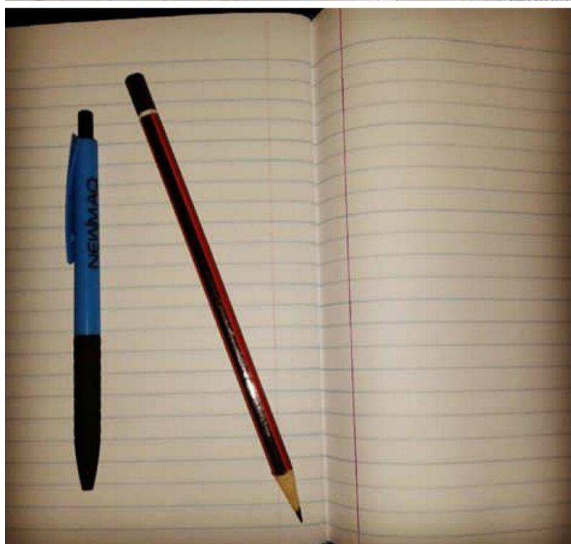
percurso de investigação da cultura no cotidiano da comunidade rural quilombola Grilo e suas relações com as práticas culturais levou-nos a escolher o diário de campo como instrumento de registros e interlocuções na pesquisa. Assim, construímos o diário de campo para ser o território-lugar-visual de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações que ocorreram, portanto, do que no Grilo em comunidade vimos, ouvimos e vivemos. Foi um tempo de conviver e observar. De entrelaçar nossas linhas como o movimento e na vida de outros. Viver espaços de compartilhamento, de perguntas e percepções acerca dos caminhos do processo.

Ler e conhecer outras áreas do conhecimento ajudou-nos. Recordando uma passagem do Ingold (2011), “Estar vivo” nos faz perceber que a vida em última e primeira instância é o que nos instiga. Não a vida como um projeto de início, meio e fim, mas como a vida em curso, como linha, teia de possibilidades, de aberturas, de rupturas, recomeços e transgressões. Para Ingold (2013), a “Antropologia é para além do humano”. Para nós a História é para além das “histórias”. É nas histórias de vidas, em vidas humanas, em convivência com o outro. É fazer imagens não para satisfazer as teorias, mas para a comunidade quilombola Grilo e os grilenses, para a sociedade em geral conhecer as diversidades de culturas, para quem transitou conosco durante a escrita dessa dissertação, enfim, para o outro, parafraseando Ingold, “História com gente dentro”.

O entrelaçamento dessas trajetórias que sempre se estendem compreende a textura do mundo. Se a nossa preocupação é habitar esse mundo e estudá-lo, e, no fundo, as duas coisas se completam. Os humanos são produtores das suas vidas, logo são produtores de suas histórias. Assim, habitar o mundo é apreendê-lo, e com o processo de evolução produzir histórias e, conseqüentemente produzir vidas.

Desta forma, as reflexões de Ingold (2013, p.13), nos leva a pensar no movimento, conhecimento e descrição, “[...] se mover, conhecer e descrever não são operações separadas que se seguem uma as outras em série, mas facetas paralelas do mesmo processo – o da vida mesma [...]”. Para o autor, os humanos produzem a si mesmos e uns aos outros por uma trama relacional (Linha da vida), e assim, diferente dos não humanos, os seres humanos são suas histórias. A nossa tarefa não é fazer uma balanço do seu conteúdo, mas não pode haver conhecimento que não cresça do nosso engajamento prático com os outros. Os traços fora da página ou dentro dela, nos faz seguir o que está acontecendo, rastreando os múltiplos caminhos do devir aonde quer que conduzam. Buscar caminhos e trazer a História à vida.

Fotografias: 55, 56, 57, 58 e 59



## 2.2 AS IMAGENS NÃO SÃO MERAS ILUSTRAÇÕES

A expressão pela imagem sempre esteve presente na história humana. As imagens surgem dentro da “caverna”. O que representa a caverna? A nossa mente! E também refere-se ao período da pré-história. Onde os primeiros indícios de manifestação de imagens surgiram com o desenvolvimento tanto físico e mental dos hominídeos.

Com a necessidade de adaptar-se às mudanças que ocorriam ao seu redor passaram a produzir imagens em sua caverna/mente. Então, a primeira vez que essas imagens saíram da mente foram ilustrar as paredes rochosas das cavernas.

As pinturas rupestres (imagens gravadas nas paredes rochosas) tornam-se a primeira manifestação da produção de imagem. Uma primeira ação de expressão diferenciada (FISCHER, 1983). Tudo o que era captado pelas retinas dos olhos do homem primitivo era processado em sua mente e exteriorizadas em formas de desenhos/gravuras deixadas nas paredes das cavernas. As imagens representavam o que ocorriam no cotidiano do homem pré-histórico, principalmente através do trabalho utilizando-se da natureza para a sua sobrevivência.

Este ato expressivo do homem pré-histórico para alguns estudiosos consistia na necessidade de marcar, registrar a partir de uma visão simbólica e mística. Mas, segundo o arqueólogo Carlos Xavier de Azevedo Netto<sup>86</sup>, referente “a questão da teoria da semiótica da arte rupestre” diz que,

[...] o registro rupestre é uma das facetas com que o arqueólogo se depara no decorrer de suas atividades, sendo aquela que implica em maior subjetividade nas diferentes tentativas de análise e interpretação deste fenômeno. O que o debate sobre arte rupestre parece deixar claro é a nova visão que se tem sobre estas manifestações, não mais como um fenômeno específico e isolado dos demais componentes do registro arqueológico, mas sim como um integrante, importante, desse mesmo registro. Além disso, parece começar a surgir um consenso de que estas manifestações estão imbuídas de uma intenção, e esta intenção é de comunicação. Então a arte rupestre é uma manifestação comunicativa<sup>87</sup>.

O arqueólogo nos aponta para manifestação de comunicação. Desta forma, observamos nesse fragmento que os símbolos deixados nas rochas tinham o intuito de

---

<sup>86</sup> Pesquisador do Instituto Superior de Cultura Brasileira (ISCB) e professor da UNESA.

<sup>87</sup> Ver: NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. **A arte rupestre no Brasil**: questões de transferência e representação da informação como caminho da interpretação. 2001, p.12. Disponível: <<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/684/1/carlosnetto2001.pdf>> Acessado em abr. 2019.



transmitir/depositar informação de atividades ou situações vivenciadas no cotidiano do homem pré-histórico. De acordo com White (2009, p. 9),

O homem é um animal. Porém, não é apenas mais um animal. Ele é único. Só o homem, entre todas as espécies, tem uma capacidade a que por falta de um termo melhor, chamaremos capacidade de simbolizar. Ela é a capacidade de originar, definir e atribuir significados, de forma livre e arbitrária, a coisas e acontecimentos no mundo desses significados.

Nesse sentido, aos primeiros hominídeos é atribuído as primeiras manifestações culturais do passado. Assim, a arte rupestre representa registros gráficos e simbólicos que indicavam e ajuda-nos a compreender como era o cotidiano desses grupos. (GAMBLE, 2002) <sup>88</sup>. Então, os registros gráficos tornam-se a porta para se adentrar nesse universo simbólico do homem pré-histórico, e acessar sua forma de interagir com o ambiente, outros grupos, animais e as transformações que ocorriam ao seu redor, sobretudo pela ausência de registros escritos nesse período.

Assim, as imagens com o tempo saem das cavernas e passam a habitar nas igrejas, nos templos (espaços sagrados), passam a pertencer ao universo religioso. Em seguida deixa de ser propriedade exclusiva da religião e a Arte denotam novos conceitos às imagens, que ocupam os museus, as galerias públicas e/ou privadas, as exposições, etc.

Deste modo, as imagens que antes possuíam um valor simbólico, místico e de comunicar. Assume importância religiosa com o sagrado, de “transcendência”, com poder de conectar ao divino. Depois passar a fazer parte da estética, da beleza, da filosofia da Arte. E no final do século XX, início do século XXI, as imagens ultrapassam todos esses espaços e ocupam os espaços públicos das cidades, nas ruas, nos muros, nos cinemas, entre outros. As pessoas transitam com as imagens ao seu redor e nos lugares de maior circulação provocando mudanças na forma de pensar e agir dos indivíduos. Ampliando desta forma, a capacidade e dinâmica da linguagem visual e com a tecnologia e mudanças na sociedade contemporânea amplia-se a comunicação e novos sistemas de significação. (PENHA, 2017, pp. 11-14). As imagens que não são estáticas são registros que despertam as lembranças que habitam a memória e contam as histórias e experiências entre o lugar e os “sujeitos” provocando a observação sobre os sentidos presentes pela escrita textual e imagética.

Por isso, não ignoramos a importância do texto escrito ao discorrer sobre o Grilo nesse trabalho. Mas não podíamos esquecer e deixar de acrescentar elementos que

---

<sup>88</sup> Cf. GAMBLE, C. **Arqueologia básica**. Barcelona: A&M GRAFIC, 2002, p. 33.

produzisse outra escrita que é a visual através das imagens fotográficas. Nesse caso, imagens fotográficas que suscitam um olhar sobre as visualidades que foram produzidas em pesquisa de campo, e assim como as imagens da pré-história, que comunicavam algo. Aqui na dissertação o intuito é o mesmo comunicar e apresentar visualmente o cotidiano de um grupo social.

As imagens visuais sobre os viveres na comunidade quilombola Grilo. Retratados em saberes, suas práticas na dimensão do trabalho, os saberes com a terra para além da agricultura, a luta e as formas de sociabilidades entre eles. Imagens que nos ajudam a compreender como, no território quilombola, homens e mulheres com suas etnicidades diversas, regidos pela terra, continuam lutando para manter suas tradições<sup>89</sup>.

As imagens fotográficas capturadas e analisadas nesse trabalho revelam-nos cenas de um viver quilombola grilense atravessado trabalho cotidiano com a terra em seu território. Com base no acervo produzido e dos teóricos da área dos estudos imagéticos, tanto historiadores quanto antropólogos, apontam a fotografia como evento sociocultural, cujo recurso é carregado de intencionalidades, ou seja, o pesquisador/a – fotógrafo/a que se utiliza das imagens pode sugerir e determinar olhares sobre o “objeto” que está estudado. Pode comunicar e escrever diferente/visualmente. Com o pensamento de Roland Barthes (1984, p. 121)<sup>90</sup>, sociólogo que dedicou-se à teoria fotográfica diz que,

De um corpo real, que estava lá, partiram radiações que vêm me atingir, a mim, que estou aqui; pouco importa a duração dessa transmissão; a foto do ser desaparecido vem me tocar como raios retardados de uma estrela. Uma espécie de vínculo umbilical liga a meu olhar o corpo da coisa fotografada.

Portanto, as imagens ajudam-nos a interpretar a realidade e nem mesmo o pensamento crítico e científico consegue afastar a dependência do poder imagético sobre a apreensão do real. O que se pode observar foi que com o passar do tempo, o que se constatou foi o aumento da possibilidade de uso das imagens para descrever visualmente um evento observado com o objetivo de comunicar e informar aliando a escrita e a imagem.

---

<sup>89</sup> A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (Giddens, 1990, pp. 37-8). Já Néstor Canclini (1989, p. 239). Aponta para, a tradição versus transformação. Que mesmo com as transformações ocorridas na sociedade com a modernidade não implica em extinção da tradição de uma cultura ou de grupos tradicionais. Com Hobsbawm (1983, pp. 7-10), suas reflexões mostram que: “as tradições algumas vezes são inventadas, é um processo de formalização e ritualização, caracterizado pela referência ao passado, mesmo que apenas ao impor a repetição”.

<sup>90</sup> BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Notas Sobre Fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

### 2.3 A FOTOETNOGRAFIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO HISTÓRICO-SOCIOCULTURAL DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS.

O olho do homem serve de fotografia ao invisível como o ouvido serve de eco para o silêncio.<sup>91</sup>

Um dos focos desta pesquisa foi a utilização da imagem fotográfica, como forma de representação e registro do território-lugar, das pessoas, de seu cotidiano. Desta forma, a Fotoetnografia permitiu visibilizar a história desta comunidade, por meio da representação das tradições, das festas, do trabalho com a terra, organização social, trazidas nos registros produzidos ao longo das visitas realizadas à comunidade Grilo.

Com o uso do método da Fotoetnografia (ACHUTTI, 2004), método de trabalho utilizado nesta pesquisa, contribuiu com a possibilidade e viabilidade de uma narrativa visual numa perspectiva histórica, antropológica e etnográfica apresentando a comunidade quilombola Grilo e a sua organização histórico-sociocultural.

As imagens fotográficas utilizadas nesse estudo buscam apresentar a realidade visível, através do olhar crítico do pesquisador/a. Por meio de recortes diferenciados, pretende-se mostrar detalhes que muitas vezes não percebidos ao primeiro olhar. Assim, a utilização do caráter fragmentário da fotografia, de acordo com Humberto Eco,

[...] pode atribuir importância a certas questões que, ao serem retiradas de uma realidade maior e tridimensional, ganham novos e especiais contornos. Isso não determina, necessariamente, a falsificação de uma verdade ou patrocínio artificial de uma relevância, mas apenas a descoberta de uma nova essência legítima. (HUMBERTO, 2000, p. 46)

A escolha para usarmos a fotografia foi fundamentada, tendo em vista uma das funções que ela nos permite que é a constatação visual da realidade, de forma a fazer com que o pesquisador/a possa se reconhecer dentro do processo histórico. Um documento importante para estabelecer a noção do “outro” em relação a nós.

Com os registros fotográficos usados como fontes desta pesquisa veio-nos a inquietação de como trabalhar com as imagens. Uma coisa era certa. Não queríamos as fotografias como ilustração nesse trabalho, pois abriria uma lacuna entre o visível e o

---

<sup>91</sup> ASSIS, Machado de. **Obra completa**, v. 1. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962, p.808.

dizível. Conforme John Berger em “Modos de Ver” (1999, p. 10-12), “a nossa percepção de uma imagem depende do nosso próprio modo de ver”. Para Berger as imagens vistas por nós não são meros produtos da percepção, mas do meio cultural que estabelecemos e condicionamos o modo como vemos e formamos as imagens em nossas mentes.

Nesse sentido, a percepção de que a compreensão de uma dada realidade torna-se acessível diante do olhar, pois todos nós vemos, porém ainda não sabemos olhar para além, do dizível. Assim, a escolha de usar a fotografia como o fio condutor para explorar a subjetividade<sup>92</sup> do olhar no fazer fotográfico, bem como de quem ler/ver as imagens, oferecendo um exercício interpretativo do leitor/a. A Fotoetnografia oferece-nos essa possibilidade de escrita e, também recursos para dá visibilidades e documentar as comunidades quilombolas em seus processos históricos. Conforme nos aponta Achutti, (2004, p. 288) “é uma das formas de etnografia que utiliza a fotografia como meio de penetrar, apreender e relatar (no sentido de narrar) a cultura e os valores”.

Sendo assim, com o encerramento das visitas a comunidade Grilo realizou-se um processo de avaliação e seleção das imagens produzidas em campo tomando como base o olhar do pesquisador/a envolto de teorias, mas considerando o olhar subjetivo e sensível para revelar-nos os pequenos detalhes e tesouros escondidos que compõem e marcam o lugar do Grilo. Esta dinâmica nos permitiu avaliar o que tínhamos realizados até o presente momento junto aos interlocutores do grilenses. E cada imagem, dizia-nos algo. E o olhar foi cuidadoso e atento percebendo-nos no outro.

Nesse caso, as fotografias passam a ter um status maior dentro da pesquisa, e não mais como simples fragmentos de uma observação em campo. Percebe-se que mesmo com a subjetividade inerente a fotografia, ela precisaria abarcar certas questões como: mostrar, narrar, recordar, conectados epistemologicamente, por isso, optamos pela Fotoetnografia como método capaz de produção do conhecimento, de sentidos para narrar o cotidiano de grupos sociais como as comunidades quilombolas.

Assim, deu-se a tessitura desta dissertação, o texto escrito teve a mesma importância que o texto visual. Desta forma, usamos em determinados momento dessa composição dissertativa texto escrito e imagens, e em outro, só imagens fotográficas.

Com o texto escrito foi possível realizar a abordagem teórica necessária para fundamentar a investigação e com a narração visual expomos o que fizemos na prática com

---

<sup>92</sup> De acordo com Bittencourt, “a fotografia está embebida em subjetividade no que diz respeito à interpretação das imagens, não podemos negar que a subjetividade está presente também no processo de criação da imagem [...] ao mesmo tempo a fotografia mantém seu compromisso com o real e a evidencia dos fatos. A essência da fotografia consiste no seu compromisso com o real” (1994, p. 229).

as muitas fotografias tiradas em campo e informações contidas no diário de campo.

Portanto o autor, Boris Kossoy (2001. p. 50), acredita que a fotografia tem “duplo testemunho: por aquilo que ela nos mostra da cena passada, irreversível, ali congelada fragmentariamente, e por aquilo que nos informa acerca de seu autor” E justamente, por esse caráter de apresentar a realidade fragmentada, a fotografia, neste trabalho, contribui, de forma significativa, para a pesquisa científica, histórica, social, cultural e etnográfica, por revelar-nos a maneira como vivem as pessoas em seu cotidiano nas comunidades quilombolas.

## CAPÍTULO 3 - NARRAÇÃO FOTOETNOGRAFICA HISTÓRICO SOCIOCULTURAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA

Imagem: 2



“As imagens são, por suas próprias estruturas, multivalentes. Se o espírito utiliza as imagens para captar a realidade profunda das coisas, é exatamente porque essa realidade se manifesta de maneira contraditória, e conseqüentemente não poderia ser expressada por conceitos. [...] é então a imagem em si, enquanto conjunto de significações, que é verdadeira, e não uma única das suas significações ou um único dos seus inumeros planos de referências. Traduzir uma imagem na sua terminologia concreta, reduzindo-a a um único dos seus planos referenciais, é pior que mutilá-la. É aniquilá-la, anulá-la como instrumento de conhecimento”.<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> ELIADE, Micea. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso; prefácio Georges Dumézil. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo. Martins Fontes, 1991, pp. 11-12.

### 3.1. TERRITÓRIO-LUGAR-ESPAÇO: O GRILO DE CIMA

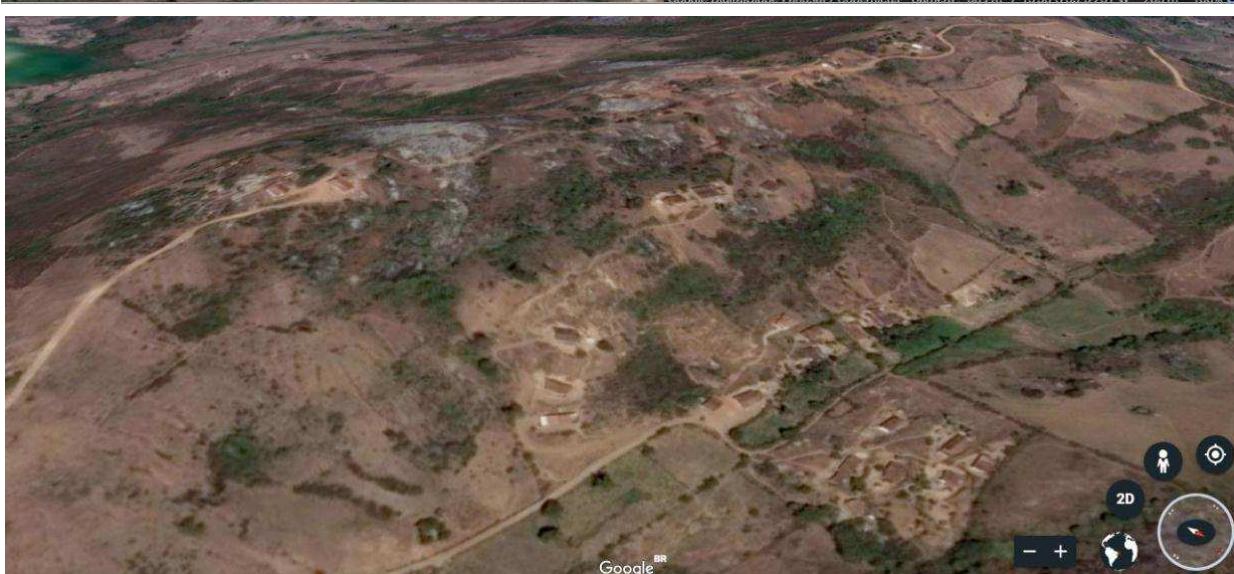
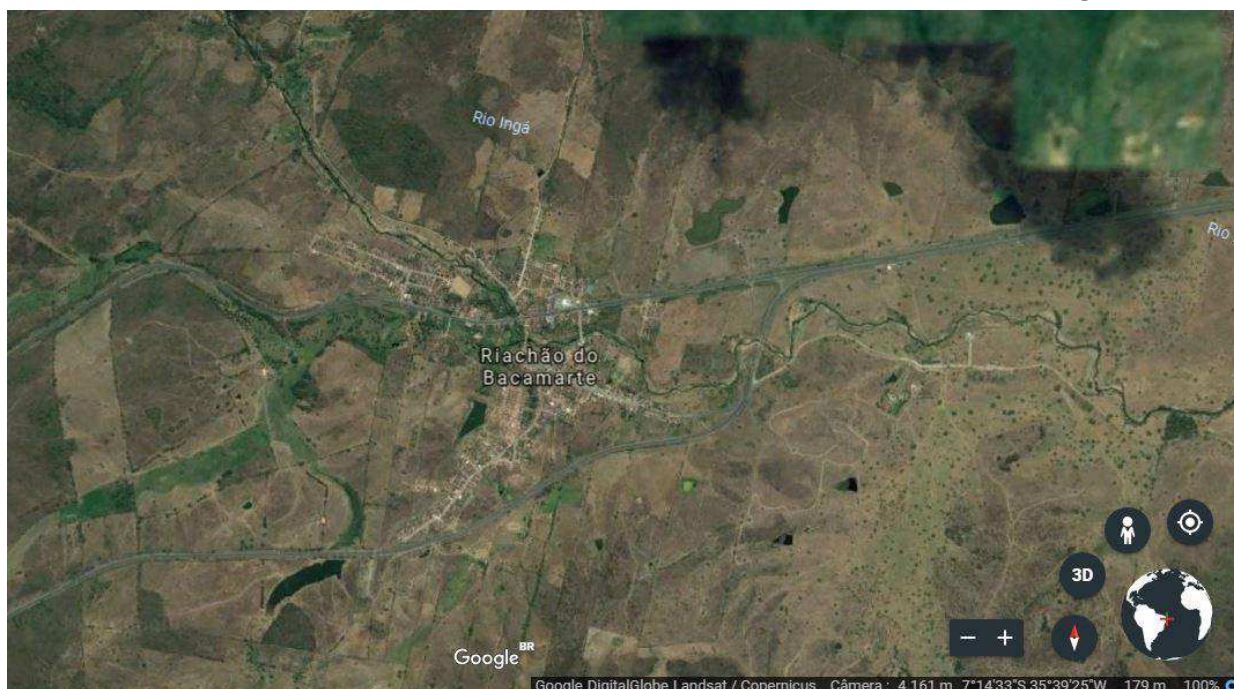
**Paquinha<sup>94</sup>:** Para mim hoje, para mim o trabalho na terra hoje é bom demais. É sofrido, é, porque é cansativo, mai hoje a gente tem a liberdade da gente pranta, da gente colher. É ter mesa farta de feijão e milho e mais o que a gente prantar. E, então é isso, é difícil, porque a gente viver trabalhando, mulheres assim como eu trabalhar direto assim na roça. Mai, é gratificante, porque a gente ver muita coisa boa. Tem muita verdura. No final do ano a gente tem o milho, o feijão e tudo seco para comer o tempo que for. Então, é muito gratificante, isso aí, cansativo é, é um trabalho sujo, que bem poucas pessoas mesmo de onde a gente convive dá valor. Mai para quem sabe o que a terra é. O que a terra faz de bom pra gente. Quem tem coragem de trabalhar vai até o fim. E pra muitos daqui a terra não vale nada. Tem terra mai, mai é mesmo que não ter. Não querem se mexer porque acho que querem que já venha pronto. Hoje minha casa tá cheia de feijão como você pode ver, prosperando milho, a fava, mai é, mai é se, porque se você não tiver coragem para prantar, é mesmo que não ter nada é melhor morar na cidade de uma vez. Porque não adianta ter terra e não ter coragem de prantar. E acho que o que é bom, Deus mandando inverno a gente com terra para prantar é maravilhoso... Maravilhoso mesmo!

Cada dia que você ((a interlocutora referindo-se a pesquisadora)) vai vindo aqui. Você sabe, eu não gosto de mentira de jeito nenhum. Eu gosto do que é certo, mai se eu fosse contar um poquinho da nossa vida aqui você dizia Paquinha tu, tu vai embora daqui, que não dá pra tu não, que tu sofre de mai. É o momento... ((risos)) É coisa de momento! Não é coisa eficaz não, porque se eu for hoje, eu acho que não me acostumo morar na cidade não. Uma coisa que não me acostumo, viver num lugar privado. Eu gosto de lugar de espaço, que eu tenha espaço e ver o vento, o ar, pegar na terra, botar água na cabeça, botar água nos baldes. É assim, eu gosto disso aí, carregar água na cabeça, no pote de barro em qualquer coisa assim. Eu gosto de fazer disso, se for pra cidade eu só gosto de ir pra... Eu gosto de ir pra cidade, pra ir e voltar para meu lugar. Pra ir morar vai demorar minha fia, a gente não sabe o dia de amanhã, mai não faço planos não pra morar fora daqui não... E com essa beleza agora que se chama terra, Ave Maria! Deus que chama terra é a minha razão de viver, é a terra!

---

<sup>94</sup> Entrevista concedida à pesquisadora em novembro de 2017, durante trabalho da interlocutora no roçado.

Imagens, 3, 4 e 5

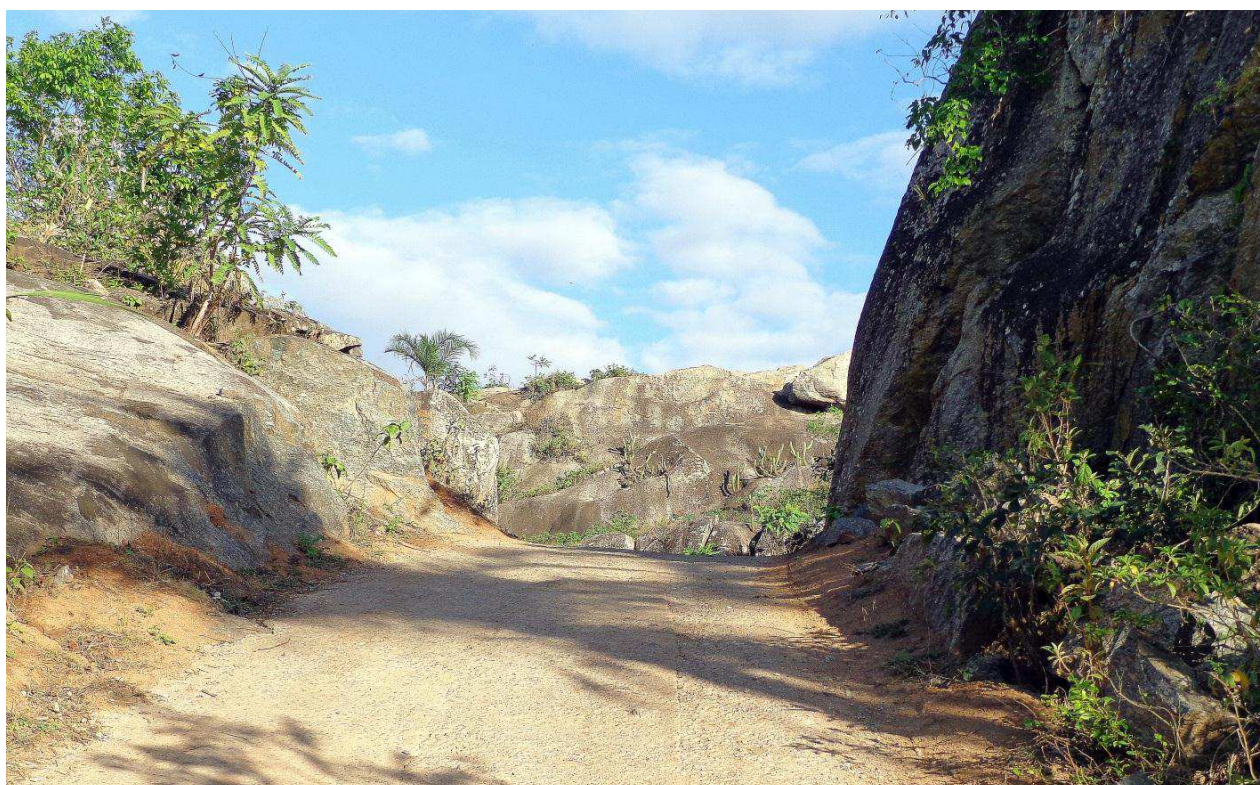




Fotografias: 60 e 61



**Fotografias: 62 e 63**



Fotografias: 64 e 65



Fotografias: 66 e 67



Fotografias: 68 e 69



Fotografias: 70 e 71



Fotografias: 72 e 73



**Fotografias: 74 e 75**





### 3.2 CANTOS E (RE) ENCANTOS: GRILO DE BAIXO

**Judite**<sup>95</sup>: Isso aqui tudo é obra de Deus. Tudin! Arrente aqui não fizemos nada. Não temos nada, isso aqui é obra de Deus. Arrente viemo do pó e do pó voltaremo. O povo as veis faz questão por um pedaço de... um pé de capim, ...um pedaço de terra, um grão de areia, de tudo faz questão. Mai arrente aqui não temo nada. Arrente não fizemo nada. Isso é obra de Deus. Ali, pá dentro, onde mora meu irmão ó,ó, as casas, e o povo tudo perto. [não conheço essa parte de baixo não. Depois irei lá visitar] (fala da pesquisadora), apói, pode ir pá lá que ali é que é bonito. Tudo verdin!

---

<sup>95</sup> Entrevista realizada em novembro de 2017, com a interlocutora moradora do Grilo de Baixo, no local onde encontra-se o poço d'água que beneficia os moradores do Grilo.

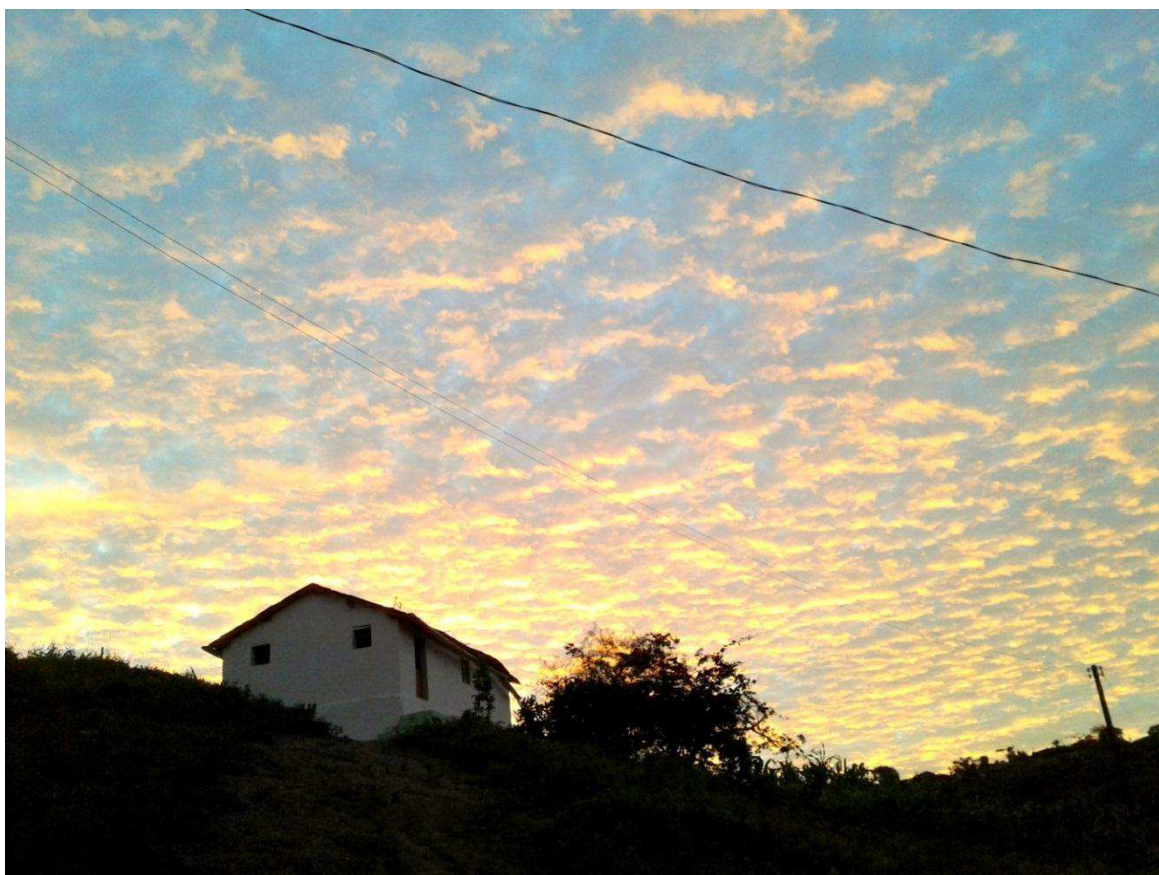
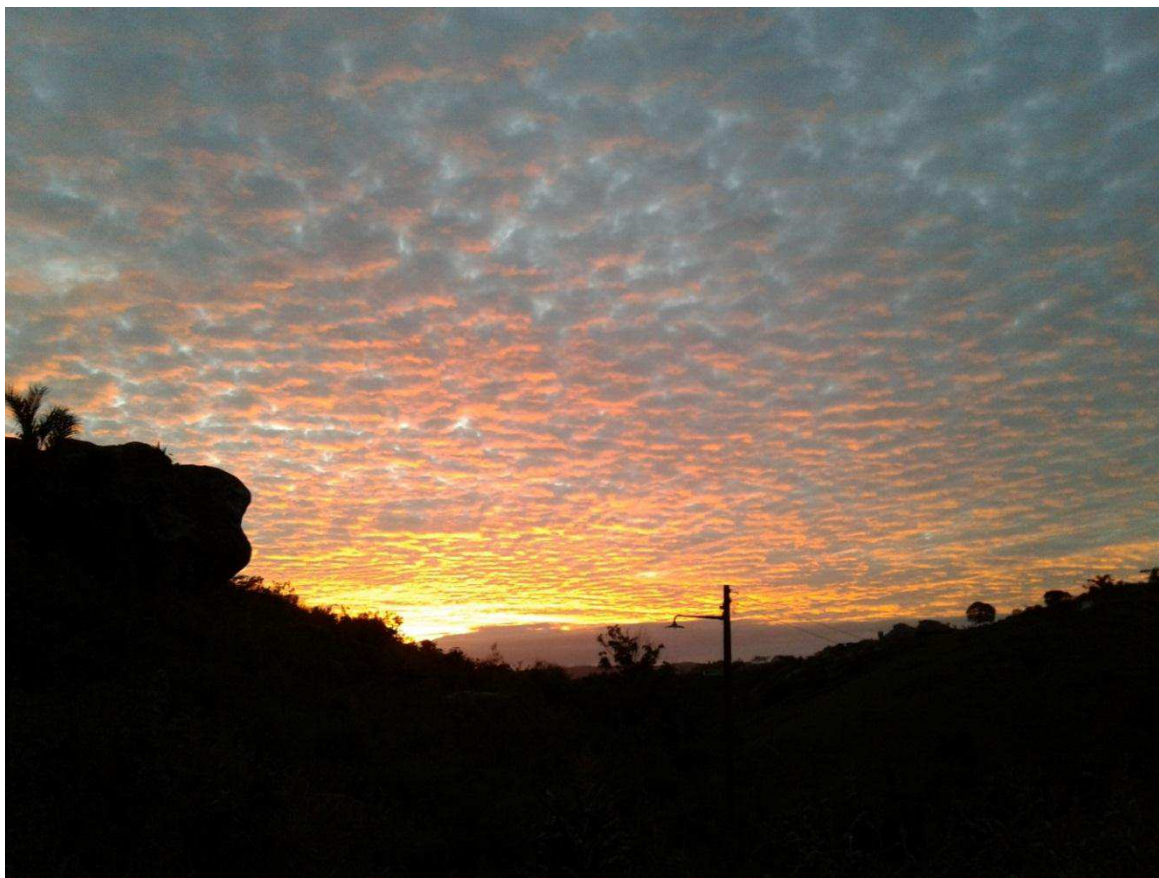
**Fotografias: 76 e 77**



Fotografias: 78 e 79



Fotografias: 80 e 81



### 3.3 PAISAGEM CULTURAL

**Paquinha<sup>96</sup>:** Aí, no lajeiro os meninos tocam fogo nos cactos. E eu digo não DESTROIII, pelo AMOR de Deus. Não destroi isso é uma vida, né? Os garotos sabe o que eles faz? Passam o dia nesses lajeiros queimando as cabeças de frade e gravatá. Esse lajeiro era cheio de cabeça de frade, gravatá lindo. Aquela coisa bonita! Os menino vai tocando fogo e quando eu vejo, eu reclamo e digo que essa é uma coisa bonita, tem que preservar. Mai,... eu sou contra essa coisa todinha. Quando torá um pé de árvore eu fico doida! Onde tem macambira, caroá, agave essas coisas quando eu vou fazer meu roçado eu não coloco fogo, mai tem gente aí que nem liga.  
(Paquinha, liderança do Grilo, 55 anos).

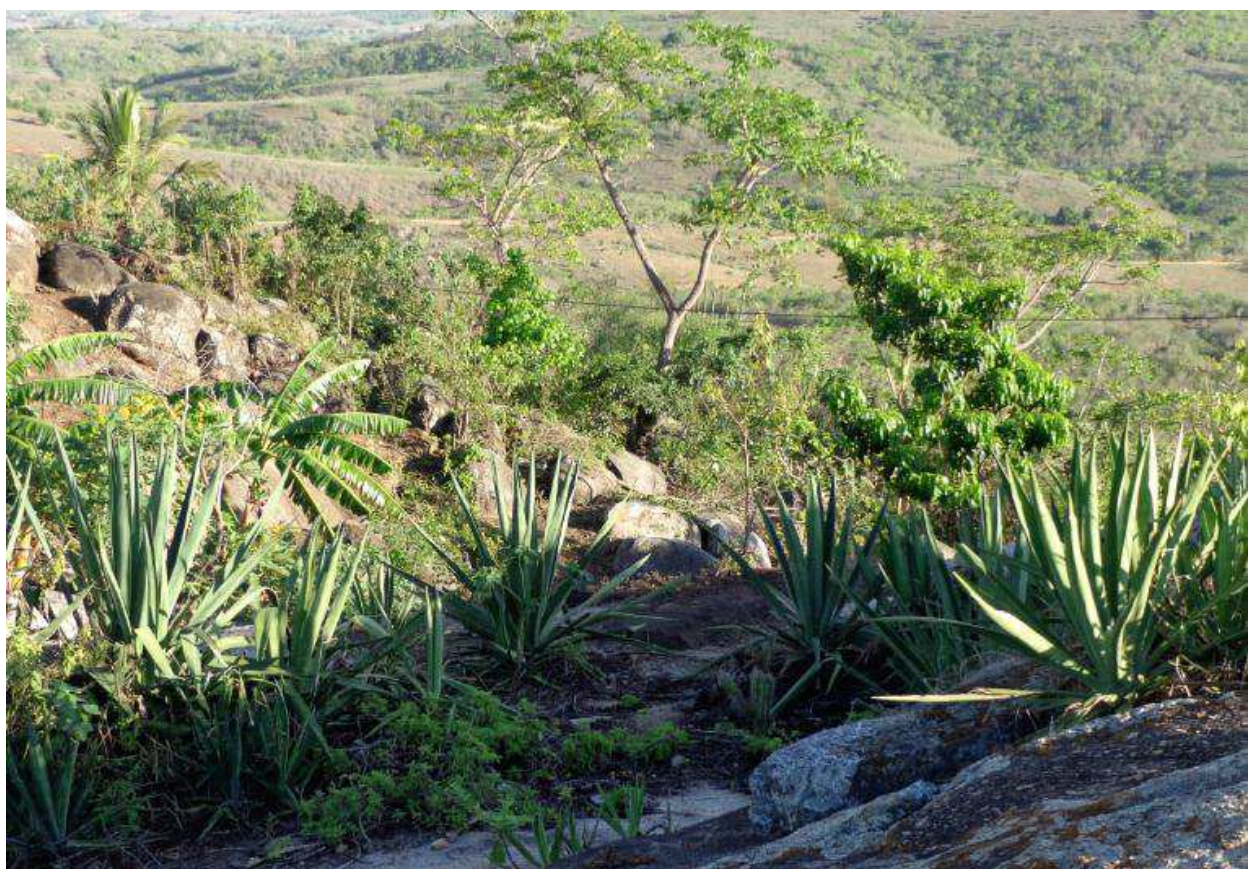
---

<sup>96</sup> Entrevista realizada em novembro de 2017, na residência da interlocutora que informava-nos sobre suas intervenções na preservação de algumas espécies nativas que existem no Grilo.

Fotografias: 82 e 83



Fotografias: 84 e 85



Fotografias: 86 e 87





### 3.4 TERRA PARA PLANTAR E LIBERDADE PARA FLORIR

O trabalho na agricultura é a principal atividade de homens e mulheres no quilombo, obedecendo às condições e regularidades climáticas favoráveis a cada cultura, através de saberes tradicionais adquiridas no labor cotidiano. A terra está sempre a prover a existência quilombola, seja através de moradia, ou da agricultura, a relação do sujeito quilombola com a terra é umbilical. Fugindo do assujeitamento, o quilombola, com sua astúcia peculiar dos que tem a resistência como signo de luta, aprendeu logo cedo a se utilizar da terra e toda sua fertilidade para produzir as condições materiais de sua existência e moradia. (SILVA, 2016, p).<sup>97</sup>

**Paquinha<sup>98</sup>:** Eu amo, eu amo, amo, amo mexer com a terra, seja batendo tijolo, seja prantando, gosto muito da terra... prantar, colher e... minha vida é isso aqui, eu gosto de mai, é isso aí! (apontando para a plantação de feijão e milho ao seu redor). Pra minha vida abaixo de Deus, pra nós que veve aqui no sítio é isso aqui. Para quem tem coragem né? Porque tem muitos que também não quer nada com a vida. E eu acho muito maravilhoso. Quando tá de cabeça quente você vai pro roçado a cabeça esfria. Você tá pensando coisa negativa, aí vem pro roçado alimpa o mato, ver uma beleza dessa como esse tomate, aí, Oooh! Meu Deus que fruto que a terra dá, que coisa boa.

**Paquinha<sup>99</sup>:** [...] O sofrimento e a dor parou [...] hoje me sinto muito realizada não é que não queriamo tomar terra de ninguém. É que a gente não sabe passar fome porque a gente... a terra dá. E nois tinha espaço pra nós prantar. As terras que meu pai deixou foi um hectare e mei pra nois viver [...] a gente queria sair dessa represalia, a gente queria sair dessa judiação de nois. A gente vivia judiado porque a gente queremos trabalhar e não ter espaço pra nada ne? A gente vivia judiado porque todos nois aqui temos coragem para trabalhar, pra nos manter e não ocupar a cidade grande e a gente termos onde ficar.

**Elias Tenório<sup>100</sup>:** Eu quero dá meus agradecimentos... a todos que colaboraram [...], todos aqueles que lutaram com a gente para que a gente tivesse o apoio da terra, porque a gnte tem terra pra trabalhar e agora só nos resta dizer: A TERRA É NOSSAAAA! ((euforia e muita alegria nessa fala do Seu. Elias)).

---

<sup>97</sup> SILVA, Valmir Pereira. **Etnicidade, cotidiano e espacialidade:** construindo um caminho para o quilombo do Grilo.

<sup>98</sup> Entrevista realizada em julho de 2017, enquanto a interlocutora trabalhava em seu roçado.

<sup>99</sup> Transcrição feita do arquivo áudio visual gravado no dia da imissão de posse da terra do quilombo Grilo, em março de 2016. Créditos da gravação do áudio visual prof. Valmir Pereira da Silva. Colaborador junto a esta pesquisa.

<sup>100</sup> Elias Tenório, irmão de Paquinha e atual presidente da associação dos moradores quilombolas do Grilo.

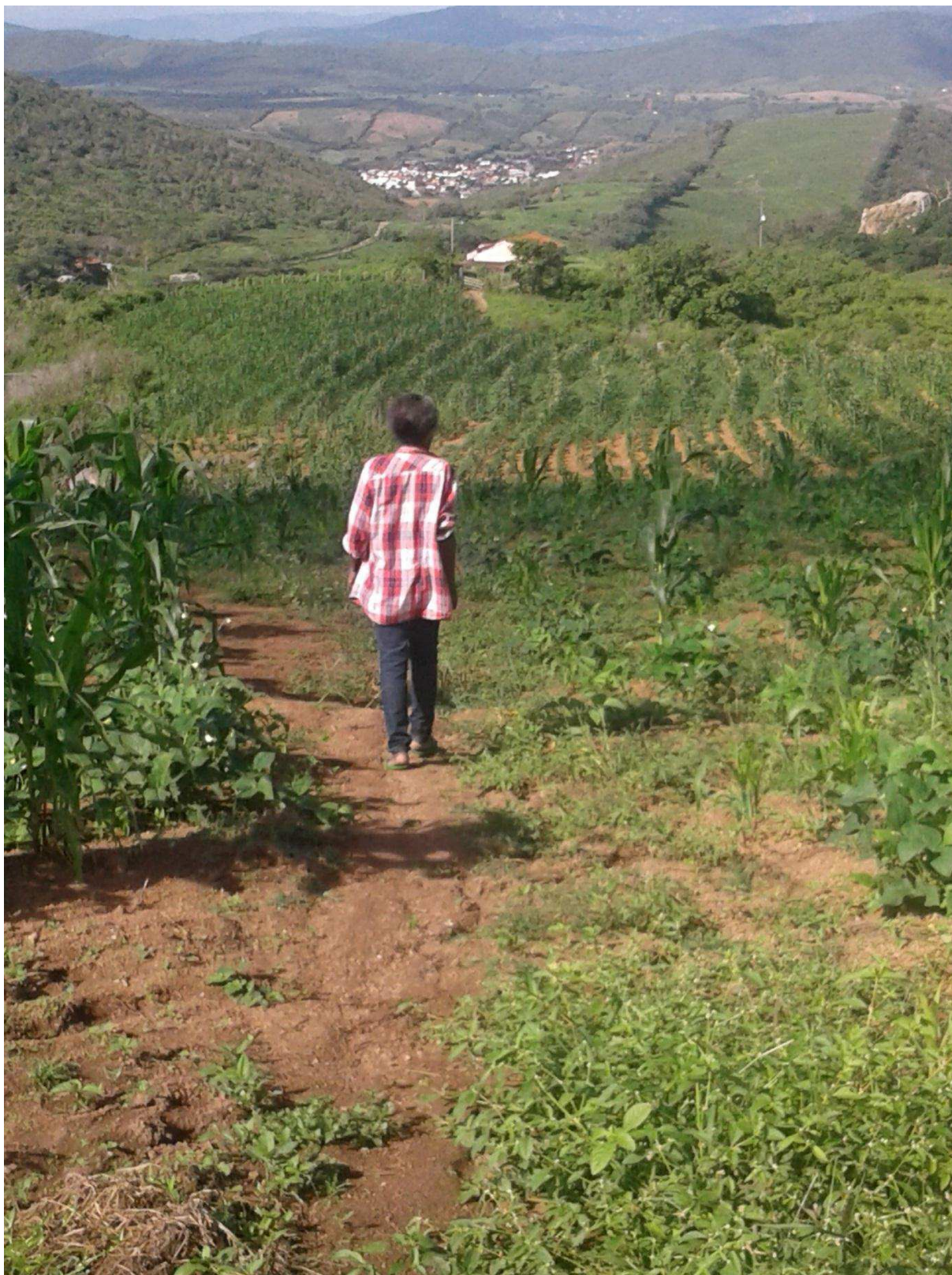
Fotografia: 88



Fotografias: 89 e 90



Fotografia: 91



Fotografias: 92 e 93



Fotografias: 94 e 95



Fotografias: 96 e 97



Fotografia: 98





Fotografia 99



### 3.5 QUEM PLANTA COLHE

**Paquinha<sup>101</sup>:** [...] isso é vida, é que a comunidade não dá valor. Isso saindo daqui pra fora é um valor imenso... A gente tem que ter terra pra gente prantar... pra poder a gente comer porque você não come dinheiro, oia! O governador, o prefeito, e o povo das letras, e da caneta vai comer o que? Tinta de lápis? Vai comer papel? Pra você ver no meu roçado eu pranto tomate, cebolinha, eu pranto couve, eu pranto tudo no roçado e tudo dá.

**Paquinha<sup>102</sup>:** Lá em casa, naquele canto vejo aquele paiou de feijão, aqueles sacos de feijão. Eu digo meu Deus! Isso é maravilhoso! Se Deus quiser quero você aqui ((referindo-se a pesquisadora)) na colheita da batata, macaxeira, eu quero você aqui se Deus quiser. Você já sabe de muita coisa, mai... mai quero vê você a colheita de outras coisas para você vê que vale a pena a gente trabalhar, a gente prantar.

A relação com a terra também é muito evidente nas transcrições acima, sobretudo através do trabalho com agricultura, sendo através do uso da terra o meio de sobrevivência produzindo feijão, milho, diversas hortaliças e alguns legumes. Paquinha e sua família plantam de tudo um pouco, ela com mais frequência é quem cuida da terra, planta, rega e colhe. Diariamente Paquinha vai para o roçado trabalhar a terra, passar o tempo ou “não pensar besteira.” Ela tem muito orgulho do que colhe e, para além do consumo da familiar ela ainda presenteia vizinhos, amigos e familiares.

---

<sup>101</sup> Entrevista concedida em setembro de 2015, durante colheita, secagem e bata do feijão. Transcrição das primeiras entrevistas realizadas para um trabalho de especialização da pesquisadora.

<sup>102</sup> Entrevista realizada em julho de 2017, durante trabalho de Paquinha no roçado.

Fotografia: 100



Fotografias: 101 e 102



Fotografias: 103 e 104



Fotografia: 105



Fotografia: 106



Fotografias: 107 e 108





Fotografias: 109 e 110



Fotografias: 111



## 3.6 TRADIÇÃO E CULTURA QUILOMBOLA

### 3.6.1 A Bata do Feijão

O grupo quilombola do Grilo iniciou esse dia com a bata tradicional do feijão. O feijão é o mais importante grão semeado nos roçados do Grilo, alimentando seus membros depois de seco durante o ano todo. Essas tradições desenvolvidas nas áreas rurais que integram o modo de vida que as mulheres e homens quilombolas, historicamente, desenvolveram nessa e em muitas outras comunidades negras, rurais e quilombolas paraibanas, se mantem até os dias de hoje. Nesse costume, associam-se muitos outros, tais como cozinhar no fogão à lenha, contar as memórias que possuem dos antepassados, com quem aprenderam os saberes para plantar feijão, milho, batata, entre outros.

O feijão colhido é levado e estendido em frente da igreja da comunidade. Depois de batido com pedaços de paus, essa atividade compete aos homens, o feijão é peneirado, usando-se uma peneira de tela ou *arupemba*, ofício realizado pelas mulheres que tem o vento como aliado nesse processo para separar os grãos das cascas, da poeira, pedras, galhos, folhas secas, em seguida é recolhido e ensacado depois guardado para alimentar os membros da família enquanto outra parte é vendida e com a venda do feijão compram-se outros itens da cesta básica como: farinha, café, carne, fubá, ovos, entre outros.

Durante a bata do feijão agregam-se outros membros da família, alguns cantam e riem dando ritmo ao trabalho, crianças também ajudam a bater o feijão, outras brincam no entorno<sup>103</sup>.

---

<sup>103</sup> Texto da pesquisadora.

Fotografias: 112 e 113



Fotografias: 114 e 115



Fotografias: 116 e 117



Fotografias: 118 e 119



Fotografias: 120 e 121





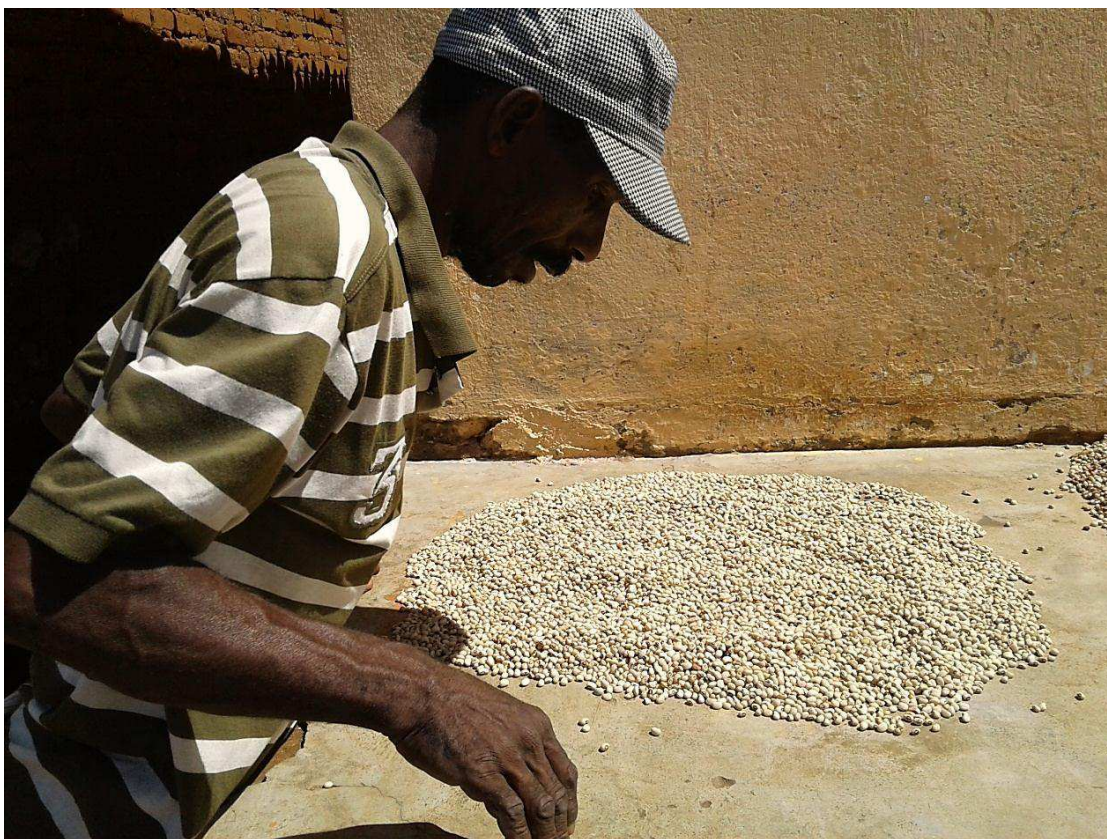
Fotografias: 122 e 123



Fotografias: 124 e 125



Fotografias: 126 e 127



Fotografias: 128 e 129



Fotografias: 130, 131 e 132.



### 3.6.2 MÃOS NEGRAS QUE MOLDAM: DA TERRA AO BARRO

**D. Maria de Lurdes Tenório<sup>104</sup>**: É um trabai mei pesado né? Mai eu faço! Eu gosto do trabaio. Eu aprendi com minha mãe (Chamava-se Maria das Dores Coelho Tenório, conhecida como Dona Dôra. Faleceu em 2012.) ela pegou a fazer, ela fazia aí... eu peguei a fazer também e tal até que aprendi fazer. Eu aprendi com minha mãe e minha mãe aprendeu com a madrinha dela. Ela (D. Dôra) com uns três anos... por que faz uns cinco a seis anos que ela morreu e até três anos atrás ela ainda fazia. Trabaiava ainda aí, aí foi perdendo mai as forças né? Ela fazia para vender e vendia muito em Serra Redonda. Vendia na feira adepois passou a vender só em casa.

[...] A terra para mim é mãe, né? Porque ela é mãe pra gente de todo jeito... a terra é mãe. Por que a gente nascemos você sabe, né? Nascemos do barro. O primeiro homem do mundo foi feito de barro... Ela é nossa mãe, é a mãe da terra. Tudo que agente tem, usa é tudo da terra. Tudo a terra produz...

**Paquinha<sup>105</sup>**: Eu tenho vontade de fazer loiça diariamente se eu não tivesse a responsabilidade que eu tenho e muito forte (Paquinha refere-se da sua atuação política dentro da comunidade). A loiça pra mim é bom de fazer e tudo, mai eu tenho responsabilidade na comunidade. Mais a loiça é o seguinte, quem tá fazendo tem que tá sempre presente, presente, presente que é uma coisa que tem que ter muito cuidado, tem que tá junto, porque tem o tempo de raspar, tem o tempo de alisar, tem o tempo de “paolar”, tem tudo pra mim, mai pra mim não tem. Pra mim começar pra não ficar nela direto por causa disso. E minha irmã aqui é por causa da idade também que tá meio avançada. Um dia ela pode parar, e aí acaba?. E vai acabar se outra pessoa não chegar junto. Se os jovens não querer fazer por que se for só eu e ela, se ela fraquejar porque a gente não sabe a hora que a gente morra ou vai parar. Pode morrer ((comentário de Dona Lurdes)). Morrer sim vai porque no presente eu tô achando que se não tiver alguma pessoa interessada pra fazer. Por que lá na frente tem um menino que ele sobrevive e mantém a família dele com loiça de barro. A loiça dele, ele faz pra fora. E ele é ignorado (no sentido de sofrer preconceito) porque ele é homem, aí o povo ignora muito... Quando pergunta: qual é o teu serviço, teu trabalho? Aí, ele diz: “meu trabalho é com loiça de barro...” E ele vende, o salário dele é mil reais de loiça... ele tem um depósito de todo tipo de loiça de barro. É uma terapia isso aqui!

---

<sup>104</sup> Entrevista realizada com Dona Lurdes na sua casa, em abril de 2015. Arquivo de um trabalho anterior da pesquisadora.

<sup>105</sup> Relato concedido enquanto processo de confecção de louças de barro demonstrado pelas irmãs Paquinha e Dona Lurdes, em abril de 2015.

Fotografia: 133



Fotografias: 134 e 135





Fotografias: 136 e 137



Fotografias: 138 e 139



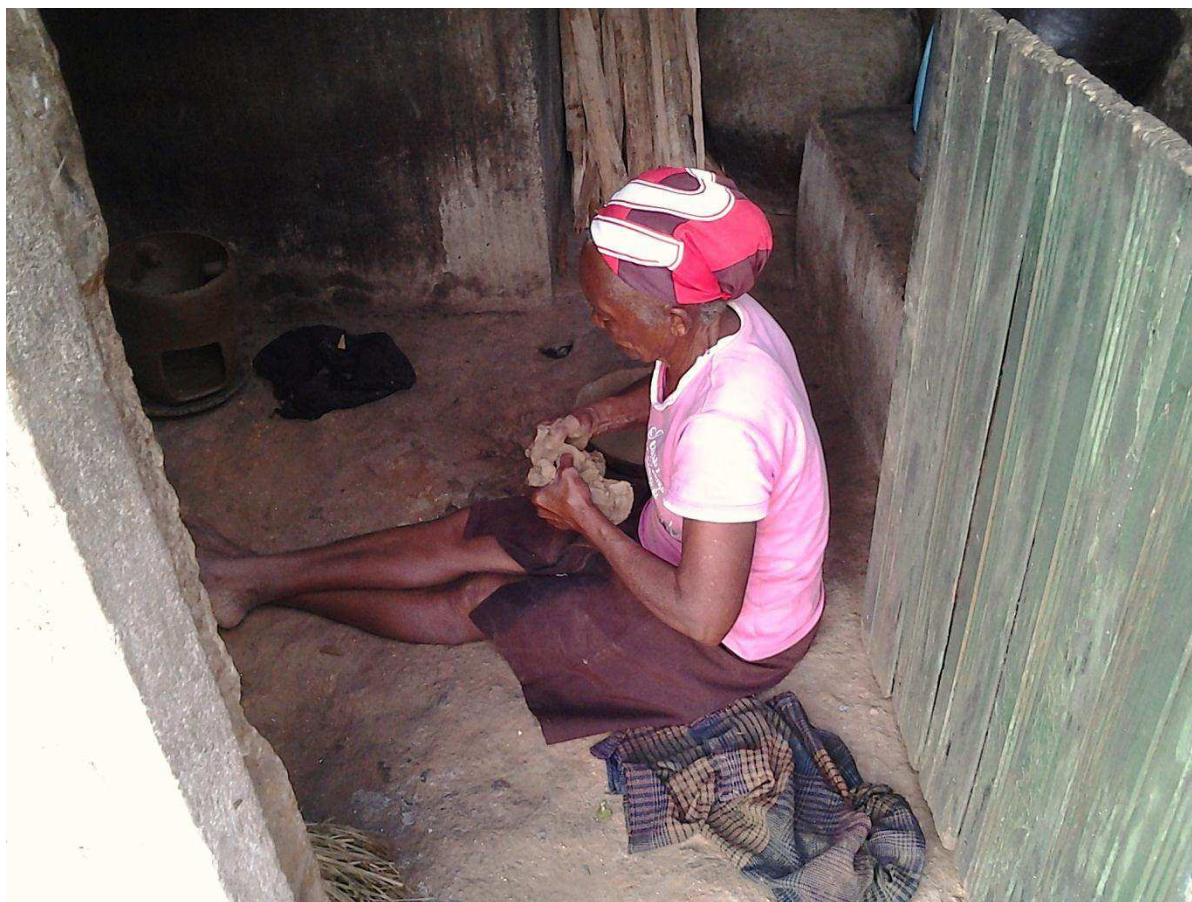
Fotografia: 140



Fotografia: 141



Fotografias: 142 e 143



Fotografias: 144 e 145



Fotografias: 146 e 147



Fotografia: 148





Fotografia: 149



Fotografia: 150



Fotografia: 151



### 3.7 VISUALIDADES DO COTIDIANO

As visualidades a que nos detemos na pesquisa são fotografias pensadas, construídas, selecionadas e desejadas que compõem o espaço físico e os cotidianos da comunidade do Grilo (lavando roupas, cozinhando, carregar água, varrer o quintal, bordar, escolher o feijão etc.), que tem o poder de revelar a força da mulher negra quilombola, dos saberes e fazeres que movimentam o dia a dia da comunidade e da ancestralidade que marcou fortemente a história do quilombo. As fotografias são usadas como documento histórico e cultural do modo de vida da comunidade quilombola do Grilo de caráter documental etnográfico<sup>106</sup>.

---

<sup>106</sup> Texto da pesquisadora.

Fotografia: 152



Fotografia: 153



Fotografia: 154



Fotografias: 155 e 156





Fotografias: 157 e 158



Fotografias: 159 e 160



Fotografias: 161 e 162



Fotografias: 163 e 164



Fotografias: 165 e 166



Fotografias: 167 e 168



Fotografias: 169 e 170



Fotografias: 171 e 172





Fotografia: 173



Fotografias: 174 e 175



Fotografias: 176 e 177



Fotografias: 178 e 179



Fotografias: 180 e 181



### 3.8. O BRINCAR NO GRILO: QUINTAL DA INFÂNCIA

Num quintal que torna-se um mundo. O pé no chão quilombola. Solo ancestral. As crianças quilombolas do Grilo têm espaço e liberdade para brincar. No território quilombola Grilo as crianças sentem a terra com os pés e as mãos, ouvem a melodia dos pássaros, e sentem o cheiro das plantas, molham o corpo nos barreiros, brincam com o barro enquanto aprende a arte sem nem perceber, brincam de todas as formas mesmo quando estão ajudando os adultos.

As crianças possuem habilidade natural e formidável para atuarem como protagonistas ativos no cotidiano quilombola do Grilo, especialmente quando se leva em consideração sua curiosidade espontânea em relação ao mundo ao seu redor e à sua capacidade de estar construtivamente presente dentro do contexto de experiências em que se encontram envolvidas.

Crianças que são a razão do quintal do Grilo. Conectando-as com a terra ancestral e garantindo-lhes o direito de viver uma infância livre e cheia de significados. As crianças brincam, mas também realizam atividades laborais nos quintais. O trabalho não é uma exploração do trabalho infantil, mas um aprendizado da rotina da comunidade rural quilombola, que como escola acaba revelando conteúdos para o aprendizado da cultura dos modos de vida quilombola grilense de ser, e do lugar onde vivem, entre outras formas que não são percebidos tão facilmente pelo olhar dos “de fora”.<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> Texto da pesquisadora.

Fotografia: 182



Fotografias: 183 e 184







Fotografias: 186 e 187



Fotografias: 188 e 189



Fotografias: 190 e 191



### 3.9 NÓS E O GRILO

Dúvidas permearam a construção dessa seção denominada “Nós e o Grilo”. Nós – todos aqueles/as com quem dialogamos para produzir esse texto. Mas apesar, da dúvida acreditamos que não poderia ter sido mais certo para explicar imagetivamente a relação/conexão construída com as pessoas do quilombo Grilo.

Nas fotos é possível perceber a emoção de contar como foi a experiência de conviver e fotografar os quilombolas do Grilo para esta dissertação. Sabe quando visitamos velhos amigos/as? E essa pessoa te recebe, coloca para dentro de casa, conta a sua história, divide tristezas, te oferecem o que tem e o que não tem. Esses amigos/as foram aqueles que encontramos, conhecemos, conversamos, sorrimos juntos e choramos também.

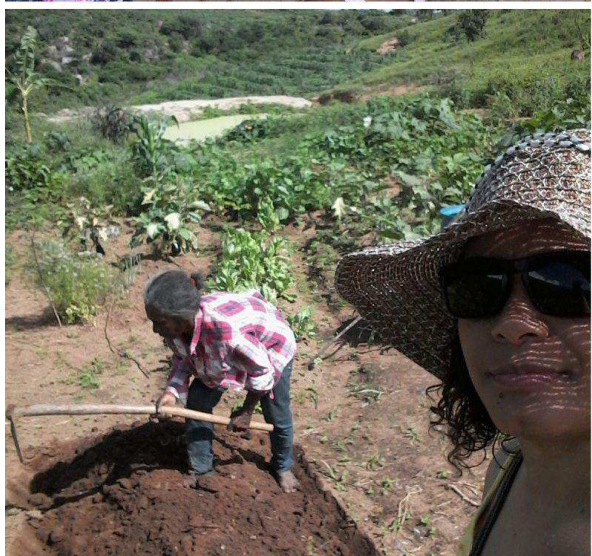
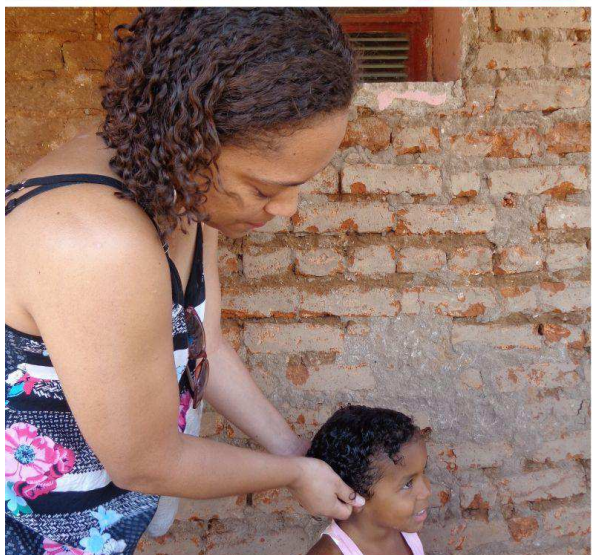
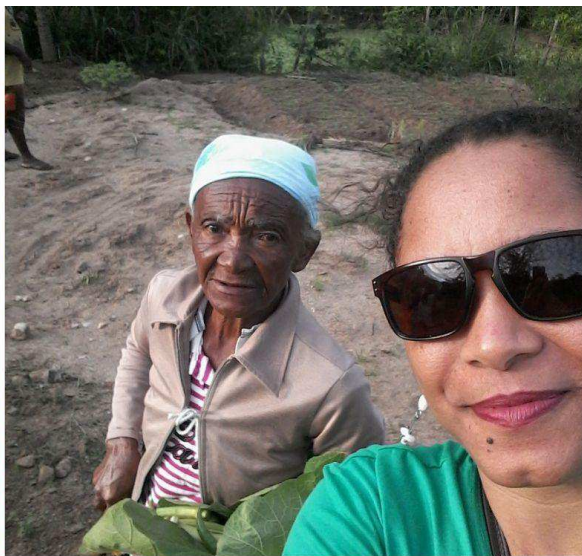
Por isso “Nós”, o coletivo dentro e fora do quilombo um sentimento que acompanhou-nos durante o percurso desta pesquisa, muitos meses, tantas casas, tantas gentes... Nutrimos um sentimento de lugar, de respeito e gratidão por essas histórias, por esses grilenses. “Nós” acabou transformando-se em uma palavra tão representativa que deu sentido ao estar em campo, estar em comunidade, estar presente, estar no quilombo do Grilo onde a memória sobre VIVE. Foi um mergulho, encontros, pesquisas, (des)encantos, despedidas e afetos.

Culminando em transformação a partir dos fatos marcantes vivenciados no território do Grilo, por meio dos saberes, histórias e trajetórias, principalmente de mulheres negras quilombolas-guardiãs de sua própria identidade que valorizam sua ancestralidade e são pilares em sua comunidade. E a fotografia pode revelar esse poder das mulheres negras grilense. A metodologia para alcançar esse feito foi: escutar, fotografar, experienciar, compartilhar e valorizar a memória de um povo<sup>108</sup>.

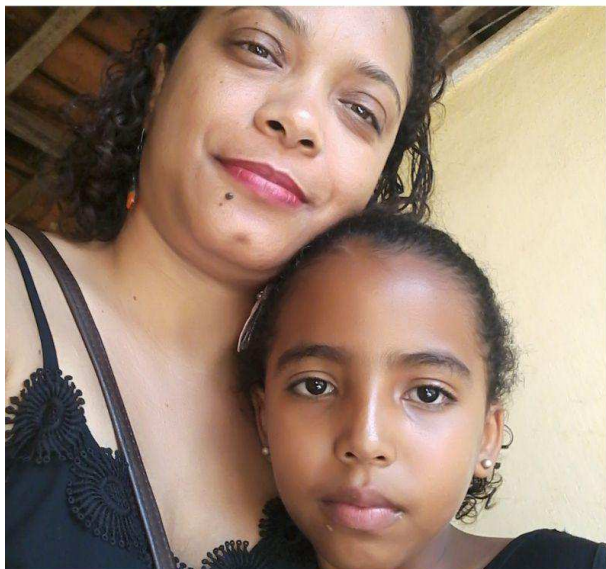
---

<sup>108</sup> Texto da pesquisadora

Fotografias: 192, 193, 194, 195, 196 e 197



Fotografias: 198, 199, 200, 201, 202, e 203



Fotografias: 204, 205, 206, 207, 208, e 209





Fotografia: 210



## CAPÍTULO 4: CLICKS FINAIS - VOLTANDO ÀS PALAVRAS

Compartilhar memórias e afetos em uma pesquisa Fotoetnográfica, encarar a mistura de imagens e tempos fixados nas fotografias, não seria possível sem compreender os laços que configuram continuidades e rupturas ao produzir imagens e sentidos em torno das fotografias de homens, mulheres, jovens e crianças quilombolas do Grilo.

Ao finalizarmos essa imersão que começou com um sonho. Não o sonho relacionado ao desejo, mas literalmente um sonho o qual dormimos e acordamos com uma história. Que foi passada para as folhas em branco de um caderno. Indagações, desejos, dificuldades, mudanças de direcionamento e escolhas a serem feitas perduraram durante toda a pesquisa. Assim como o medo, angústia, insegurança, limitações, os bloqueios e, acima de tudo, a paixão pela escolha do Grilo e os grilenses. Eles foram os pilares que sustentaram e deram resistência para não desistir.

Antes de apresentarmos os resultados e as lacunas produzidas por esta pesquisa é necessário compartilhar essas emoções que permearam o processo de escrita desta dissertação e o trabalho em campo. Chegar nessa etapa de finalização, com o entendimento de que o processo de pesquisa é infundável e necessário, por mais que “o feijão seja escolhido, haverá sempre tem uma pedrinha ali e outra ali”, perguntas continuamente nos levarão a novas perguntas.

Compreendemos, na trajetória da pesquisa na impossibilidade de se lidar com verdades absolutas e cristalizadas, mas também, compreender que existem possibilidades em seguirmos por outros caminhos, na busca de interpretar e apreender o homem no lugar em que vive e ali constituem suas praticas culturais e relação com o ambiente.

No processo de conhecer e descobrir memórias e identidades, acabamos (re) descobrindo a nós mesmos, nossa própria identidade tão semelhante àquelas que se apresentavam diante de quem pesquisava e da câmera que paralisava olhares e gestos que falavam tanto quanto as palavras. Conhecer a comunidade quilombola Grilo e os interlocutores/as tornou a pesquisa a cada novo passo, uma conquista única. Conviver bem próximos deles/as fez com que barreiras teórico-metodológicas fossem desconstruídas. Como diria: Pierre Verger, “não somos nós quem escolhemos, são eles quem nos escolhem.” Por isso, as fotografias que compõem essa dissertação são imagens de pessoas que se aliaram ao ato de fotografar com o saber da História e suas histórias.

Nesse sentido, um novo olhar surge mediante o trabalho etnográfico realizado na

comunidade Grilo. A fotografia possibilitou-nos na pesquisa científica a uma (re) educação do olhar. Ensinando-nos que tirar fotografias é diferente de produzir uma imagem etnográfica. O que captamos não é uma imagem ilustrativa, mas representativa de emoções, afetos e sensibilidades que consta no olhar do observador/a.

Esse entendimento só é possível pelo exercício de olhar o outro e ver a si mesmo. É justamente, esse exercício do olhar que aproxima o/a pesquisador/a da Ciência e do seu lugar de pesquisa.

Após um estudo teórico de produções acadêmicas acerca da Fotoetnografia metodologia adotada nessa pesquisa. Aparamos arestas sobre o caminho teórico-metodológico da Fotoetnografia e principalmente a dificuldade de inseri-la ou fazê-la ser compreendida no âmbito das Ciências Humanas. Então, lançamos um olhar mais atento para o método e realizamos uma adaptação, a partir desta experiência, para a utilização de uma metodologia Fotoetnográfica Histórico-sociocultural sugerindo um direcionamento para estudos do campo da História, com ênfase nos Estudos Culturais.

Como uma possibilidade metodológica que requer prática específica, seja tangível e passível de análises de seu uso no meio acadêmico. Esta pesquisa trouxe de forma fragmentada o conhecimento da memória tradicional de pessoas que são os protagonistas da sua própria história e, que sem eles/as não teríamos realizado este trabalho.

Receberam-nos em suas casas e abriram mais que suas portas, suas memórias e seus conhecimentos tradicionais ricos em sabedoria para nós, pesquisadores/as que pensamos saber algo, mas somos surpreendidos com a sabedoria do outro, especialmente dos mais velhos/as da comunidade que carregam consigo práticas e saberes cotidianos constituídos na vida de cada um.

A pesquisa de campo, a convivência no dia a dia, fez com que registrássemos seus rostos, marcados pelo trabalho cotidiano nos roçados, dentro de suas casas, em trabalhos muitas vezes distantes de suas moradias, marcados pelos problemas financeiros. Mantiveram-se sempre sorridentes aos “desconhecimentos” do/a pesquisador/a, observador/a, a responder prontamente questionamentos diversos, problemas enfrentados no dia a dia, causos, histórias de festas, sobre o passado de seus entes queridos.

Suas histórias, suas imagens e seus conhecimentos ficarão guardados além dos limites de um trabalho acadêmico. Na construção desta pesquisa, deparamo-nos com inúmeros questionamentos em diálogos e constatações. Em diversos momentos, em conversas com atores sociais e analisando suas fotografias, percebíamos a riqueza de suas

vidas e o contexto em que estão inseridos.

Constatamos e compartilhamos um sentimento no qual a busca por pesquisar o outro, fez olharmos para a própria história. Cada palavra transcrita para o diário de campo guardam desejos, sonhos, esperanças, os problemas e as histórias daquela comunidade e de seus moradores. Cada fotografia, mais que um simples recorte para esta pesquisa, transmite para o pesquisador/a aquilo que a fotografia não consegue registrar, porque é imaterial.

## REFERÊNCIAS HUMANAS – INTERLOCUTORES/AS DA CAMINHADA

### A) Das Narrativas Textuais e Imagéticas

1. Leonilda Coelho Tenório dos Santos – “Paquinha”. (57 anos). Liderança. Comunidade quilombola Grilo, 2016-2018.
2. Francisco Graciliano dos Santos – “Esposo de Paquinha”, (63 anos), 2016-2017.
3. Maria de Lurdes Tenório Candido – “Irmã Paquinha”. (73 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
4. Márcio Coelho Tenório dos Santos – “Filho de Paquinha”. (38 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
5. Marcelo Coelho Tenório dos Santos – “Filho de Paquinha”. (33 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
6. Marssilene Coelho Tenório dos Santos – “Filha de Paquinha”. (27 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
7. Antonia Silva Nascimento (22 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
8. Hosana Tenório dos Santos – “Filha de Regina. Irmã de Paquinha”. (26 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
9. Regina Coelho Tenório dos Santos – “Irmã Paquinha”. (45 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
10. Aquilina Coelho Tenório dos Santos (Kelly) – “Irmã Paquinha”. (42 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
11. Josefa Graciliano Tenório (50 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
12. Elias Coelho Tenório dos Santos – “Irmão de Paquinha”. (63 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
13. Eduardo Graciliano Tenório – “Filho de Josefa e Elias”. (33 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
14. José Coelho Tenório dos Santos – “Irmão de Paquinha”. (46 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
15. Clarice Barbosa Tenório (19 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
16. Maria Aparecida Tenório – Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
17. Joseane Maria Viana Tenório (28 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016.
18. Carlinda dos Santos Barbosa (43 anos). “Esposa de Elias”. Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
19. Rejane Barbosa Tenório (20 anos). Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
20. Severino Candido Tenório (76 anos). “Esposo de D. Lurdes”. Comunidade quilombola Grilo, 2016-2017.
21. Judite Candido Tenório. Moradora do Grilo de Baixo - “Prima de Paquinha” 2016.

## REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Tomo Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Fotos e Palavras, do Campo aos Livros**. In: Portal da Fotoetnografia do Grupo de Pesquisa Fotografia e Fotoetnografia: Arte e Antropologia. 2004.

\_\_\_\_\_. **Fotoetnografia: um Estudo de Antropologia Visual sobre o Cotidiano, Lixo e Trabalho**, Porto Alegre: Palmarinca, 1997.

AMARAL, Elane Cristina do. **Subindo a serra, descendo a história: memória e identidade cultural na Comunidade Remanescente de Quilombo Grilo-PB (1930-2010)**. Dissertação - UFCG, Grande - PB, 2011.

AMORIM, Cleyde Rodrigues. **Kalunga: a construção da diferença**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo, FFLCH-USP, 2002.

MARTINS, Leandro de Souza. **A utilização da fitoterapia em três comunidades quilombolas da mesorregião do Agreste da Paraíba**. Monografia UEPB, Campina Grande 2010.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-Dentro**, São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

AREDNT, Hannah. **A condição humana**. (Tradução de Roberto Raposo). 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARAÚJO, Eulália Bezerra; BATISTA, Mércia Rejane Rangel. **Quilombos na Paraíba: notas sobre a emergência de uma comunidade quilombola**. Ariús, Campina Grande, jan./dez. 2008.

BANAL, Alberto & FORTES, Maria Ester (orgs. et.al.). **Da Paraíba Quilombos: a realidade de hoje e os desafios para o futuro**, João Pessoa, Imprell gráfica e editora, 2003, p. 312.

BARROS, José D'Assunção. **História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço**. Mouseion, Itajaí: vol. 3, n.5, p. 35-67, Jan-Jul., 2009.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. Bauru: EDUSC, 2005.

Bela; LEITE, Miriam Lifchitz Moreira (orgs). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais**. Campinas (SP): Papyrus, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica, arte e política**. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. (Obras Escolhidas).

BERGER, Jonh. **Modos de ver**. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.

BONI, Paulo César e MORESCHI, Bruna Maria. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. Doc. On-line, n.03, p. 137-157, dezembro 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembranças de velhos. 3ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: imagem e história. Bauru: EDUSC, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. **Brasil Quilombola**. Plano de Etnodesenvolvimento para as Comunidades Remanescentes de Quilombos, Brasília: 2004.

\_\_\_\_\_. Decreto Presidencial 4.887/2003 de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. In: Diário oficial da União Edição Número 227 de 21/11/2003.

\_\_\_\_\_. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. **Quilombos no Brasil**. Revista Palmares, Brasília, n. 5, 2000, p.19-44.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens**: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950). Tese de Doutorado. UFPB/PPGS, João Pessoa, 2007.

\_\_\_\_\_. A cidade revelada: Campina Grande em imagens. Campina Grande: EDUFCEG, 2009.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; FILIPPI, Patrícia; LIMA, Solange Ferraz de. **Como tratar coleções de fotografias**. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis – RJ, Editora Vozes, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Janela da alma, espelho do mundo**. In: NOVAES, Adauto (org). O olhar. Companhia das Letras: São Paulo, 1988.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens**: a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Organização de José Reginaldo Santos Gonçalves. 4. ed. Editora: UFRJ, 2011.

\_\_\_\_\_. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 17-62.

COLLIER JUNIOR, John. **Antropologia Visual: a Fotografia como Método de Pesquisa**, (Tradução de Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro), São Paulo: EPU/Edusp, 1973.

COELHO, Recuero Carlos Leonardo. **Festas religiosas na Ilha dos Marinheiros: os ilhéus entre o sagrado e o profano. Um estudo Fotoetnográfico**. Dissertação – UFPEL, Pelotas - RS, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fotoetnografia da Ilha dos Marinheiros**. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Novo Hamburgo – RS – maio de 2010.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1988.

DUBOIS, Phillipe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1993.

ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ELIADE, Mircea, **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso**, [Tradução Sonia Cristina Tamer], São Paulo, Martins Fontes, 2002.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os Outsiders - Sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. (Tradução de Vera Ribeiro). Zahar: Rio de Janeiro, 2000.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face/Conceição Evaristo. In: **Seminário Nacional x Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB – 2003**, pp.1-15. Disponível em: <<http://migre.me/qdDJf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

FLUSSER, Vilém. **Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia da técnica**. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 3ª edição. São Paulo: Edusp, 2000.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas de interculturalidade**. Tradução Luiz Sérgio Henrique. 3ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012, p. 03-21.



- GRANET-ABISSET, Anne Marie. **O historiador e a fotografia**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História, n. 24, v. 1, São Paulo, p. 9-26, jun. 2002.
- GURAN, Milton. **Fotografar para descobrir**: fotografar para contar. Cadernos de Antropologia e Imagem, v. 10, n. 1, p. 155-65, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Presses Universitaires de France, 1990.
- HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A editora, 1999.
- HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: KI-ZERBO (org.) História Geral da África. Vol. 1. São Paulo. Ed. Ática/UNESCO, 1982.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- INGOLD, Tim. **Humanidade e animalidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1995 p. 39-53.
- LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. Texto visual e texto verbal. In: FELDMAN-BIANCO, Bela, LEITE, Míriam L. Moreira. **Desafios da imagem; fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 2001, p. 37-49.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer história com imagens**: arte e cultura visual. Artcultura. Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2ª ed. Ateliê Editorial, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Os Tempos da Fotografia**: O Efêmero e o Perpétuo, 3ª ed. Cotia: SP Ateliê Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 2ª ed. Ateliê Editorial, 2000.
- KUBRUSLY, Cláudio A. **O que é Fotografia**, São Paulo: Nova Cultural, Brasiliense, 1986.
- MACHADO JÚNIOR, Cláudio de Sá. **Fotografias e Códigos Culturais**: representações da sociabilidade carioca pelas imagens da revista Careta (1919-1922). Dissertação de Mestrado.
- MARACAJÁ, Maria Salomé Lopes. **Território e Memória**: a construção da territorialidade étnica da Comunidade Quilombola Grilo, Paraíba. Dissertação – UFPB, João Pessoa, 2013.
- MARTIN S, Raimundo; TO URINHO, Irene (Orgs.). **Educação e cultura visual**: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed. UFSM, 2009, p. 39-60.
- MAUAD, Ana Maria. **Sob o Signo da Imagem**: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante no Rio de Janeiro na Primeira Metade do Século XX. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 1990.

\_\_\_\_\_. **Fotografia e história** – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **Fontes Visuais, Cultura Visual, História. Balanço provisório, propostas cautelares**. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

\_\_\_\_\_. **Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: balanço provisório, propostas cautelares**. In: *Revista Brasileira de História*. Volume 23, número 45. São Paulo: ANPUH, 2003. Pp. 11-36. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br).

\_\_\_\_\_. Rumo a uma "história visual". In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Orgs.). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2005. p. 33-56.

NOBRE, Itamar de Moraes. **A fotografia como narrativa visual**. 2003. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2003.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (História & Reflexões).

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, p. 200-212, Dora Rocha, 1992.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Primeiros Passos).

\_\_\_\_\_. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1996.

SAMAIN, Etienne. **Ver e Dizer** na Tradição Etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia. *Horizontes Antropológicos*, UFRGS, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. *Novos Estudos – CEBRAP*, n. 79, 2007, p. 72.

SILVA, J.M.S. **Tecendo estórias das comunidades remanescentes de quilombolas aqui e acolá**. Tese. São Paulo - Universidade de São Paulo: 2011.

SILVA, Valmir Pereira da. **Etnicidade, Cotidiano e espacialidade**, 2016.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**. Rio de Janeiro, 1981.

# ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

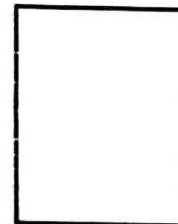
## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO<sup>1</sup>

Eu, \_\_\_\_\_, portador da Cédula de Identidade nº \_\_\_\_\_, inscrito no CPF sob nº \_\_\_\_\_, residente à Rua: \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, na condição de colaborador (a) AUTORIZO, Rosilene Cassiano Silva Alves de Lima, nº CPF: \_\_\_\_\_, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG/PPGH, Matrícula nº 201611235, orientada pelo Professor Dr. João Marcos Leitão Santos, o uso de minha imagem (ou do menor \_\_\_\_\_, sob minha responsabilidade) em fotografia, entrevista ou filme/vídeo, sem finalidade comercial, para ser utilizada integralmente ou em partes em sua dissertação Intitulada: **Narrativa Visual: terra, trabalho e memória na construção da identidade étnica quilombola do Grilo**, bem como para efeitos de apresentação em eventos acadêmicos e/ou publicações desde a presente data. Abdico direitos meus e de meus descendentes.

Campina Grande - PB, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Colaborador (a) da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Rosilene C. S. Alves de Lima  
Pesquisadora Responsável



Impressão do dedo  
polegar, caso não  
saiba escrever.

<sup>1</sup> Uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com o senhor (a), podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento com a pesquisadora responsável, Rosilene Cassiano Silva Alves de Lima, no e-mail: rosy\_cassy@hotmail.com ou no telefone: (83) 98859-5789.